

*Ana Cláudia Suriani da Silva
& Alexandro Henrique Paixão*

Maria Benedita Câmara Bormann



Contos por Délia

Editora FE Unicamp

 **CNPq**

MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN

Contos por Délia

(1887-1892)

- Volume 2 -

COLEÇÃO

As Mulheres no Jornal O Paiz

EDITORES DO VOL. 2:

Ana Cláudia Suriani da Silva

Alexandro Henrique Paixão

ORGANIZADORES DA COLEÇÃO:

Alexandro Henrique Paixão

Ana Cláudia Suriani da Silva

Tania Regina de Luca

Editora FE – Unicamp

Campinas

2024

FICHA TÉCNICA

LICENÇA: Creative Commons CC-BY

TIRAGEM: e-Book

NORMALIZAÇÃO, PREPARAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL

Alexandro Henrique Paixão (ahpaixao@unicamp.br)

Ana Cecília Agua de Melo (ceci_agua@hotmail.com)

Ana Cláudia Suriani da Silva (a.surianidasilva@ucl.ac.uk)

PUBLICAÇÕES | Biblioteca | Faculdade de Educação | Unicamp

Supervisão: Roberta Pozzuto

Diagramação Final (miolo): Stefanny Nunes da Silva

EDITORA FE – UNICAMP

Série Editorial: Pesquisas

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Profa. Dra. Helena Sampaio

Prof. Dra. Maria Inês F. Petrucci-Rosa

(*Editora Chefe*)

Prof. Dr. Nelson Schapochnik

Roberta R. Fiolo Pozzuto

Prof. Dr. Roberto Nardi

Simone Lucas G. Oliveira

Prof. Dr. Walter Omar Kohan

Esta obra foi submetida à avaliação de pareceristas *ad hoc*.

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por Gustavo Lebre de Marco – CRB-8ª/7977.

M337 Maria Benedita Câmara Bormann: Contos por Délia (1887-1892)
[e-book] / [editores] Ana Cláudia Suriani da Silva; Alexandro
Henrique Paixão — Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2024.
227 p. — (Coleção As mulheres no jornal O Paiz; 2).

Série editorial: Pesquisas.

Organizadores da coleção: Alexandro Henrique Paixão; Ana
Cláudia Suriani da Silva; Tania Regina de Luca

ISBN: 978-65-87175-56-0

1. Bormann, Maria Benedita Câmara (Délia), 1853-1895. 2. Contos
brasileiros. 3. Mulheres na literatura I. Silva, Ana Cláudia Suriani da
(ed.). II. Paixão, Alexandro Henrique (ed.). III. Título.

20ª CDD - 869



SUMÁRIO

AS MULHERES NO JORNAL O PAIZ	4
<i>(POR ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO, ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA & TANIA REGINA DE LUCA)</i>	
CONTOS DE DÉLIA: CONFISSÕES SOBRE A SEDUÇÃO	7
<i>(POR ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO & ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA)</i>	
OS CONTOS DE DÉLIA	
1. UMA HISTÓRIA DE ONTEM	27
2. A SUICIDA	57
3. A ESTÁTUA DE NEVE	63
4. O CRIME DO CONVENTO DE... ..	74
5. SENSITIVA	94
6. SEMPRE A MIRAGEM	101
7. A AVÓ.....	107
8. A CAPRICIOSA	113
9. UM BOM MOMENTO	118
10. UM POUCO DO PASSADO	125
11. AS RIVAIS.....	131
12. O ENCONTRO	136
13. NEVROSE	142
14. AMOR E VILANIA.....	147
15. OS PRIMOS	152
16. NÃO OLVIDADA	157
17. TEREZITA	161
18. METAMORFOSE.....	165
19. HEROÍSMO	171
20. MADAME DE Z.	177
21. TRISTE REVERSO	183
22. FELIZES AMANTES.....	190
23. UMA HISTÉRICA	196
24. OS LÁBIOS MENTEM, OS OLHOS NÃO	203
25. ROSA E BRANCA	208
GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES ESTRANGEIRAS	215
ÍNDICE ONOMÁSTICO	222
BIOGRAFIA DOS EDITORES	225

AS MULHERES NO JORNAL *O PAIZ*

Alexandro Henrique Paixão, Unicamp

Ana Cláudia Suriani da Silva, UCL

Tania Regina de Luca, Unesp/CNPq

A coleção “As mulheres no jornal *O Paiz*” reúne resultados do projeto de pesquisa “É preciso falar sobre as ausentes: a colaboração feminina no jornal *O Paiz*”, que se propõe a levantar, de forma exaustiva, a colaboração das escritoras Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), Délia, pseudônimo de Maria Benedita Câmara Bormann (1887-1892), Carmem Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852-1910) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), desde a fundação do matutino até o ano de 1912. Cabe destacar que, no decorrer da investigação, um conjunto diversificado, que soma mais de trinta nomes, foi localizado, aí incluídas as quatro autoras cuja produção foi recolhida, a saber: A Avozinha, Adalgisa Monteiro, Adelina Lopes Vieira, Alba, Anna Cezar, Anna de Castro Ozorio, Anna Maria Ribeiro de Sá, Branca de Gonta Colaço, Brites D’Almeida, Carmen Dolores, Carmen Rios, Chrysantheme, Corina Coaracy, Délia, Deolinda Cardoso, Dra. Ninon de Lenclos, Francisca Júlia da Silva, Guiomar Terrezão, Ignez Sabino, Ive Close, Julia Cezar, Júlia Lopes de Almeida, Juliette Adam, Judith Ferreira, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria Clara da Cunha Santos, Maria Clara Vilhena da Cunha, Marie Delaroziere, Marina, Matilde Serão, Paola Lombroso Carrara, Rose Méryss, Rosália Sandoval, Sylvia Seffala, Tia Luiza e Vera Cleser, o que perfaz mais de mil textos, dos mais variados gêneros, dirigidos sobretudo ao crescente público feminino leitor de cotidianos, e convida a reavaliar a presença das mulheres de letras na grande imprensa e a sua atuação enquanto mediadoras culturais e formadoras de opinião.

As contribuições das autoras estudadas no projeto são disponibilizadas ao público em edições digitais de acesso aberto, acompanhadas de alentados estudos sobre as trajetórias pessoais e intelectuais das colaboradoras, análise dos textos, em termos dos ideais expressos, espaço ocupado na geografia do impresso e diálogos mantidos com os demais conteúdos e com o contexto sociopolítico brasileiro. O desafio foi o de colocar em tela o papel social, cultural e intelectual das escritoras que ocuparam as páginas do periódico. A escolha de *O Paiz* justifica-se tanto pelas posturas políticas abraçadas quanto pela presença significativa de colaboradoras em suas páginas. A pesquisa evidencia a relevância da escrita feminina num jornal que defendia valores republicanos e abolicionistas, expressos por colunistas do sexo masculino, como Joaquim Nabuco e Quintino Bocaiúva, e que visava atingir público amplo e diversificado. As edições, que publicam os contos e as crônicas das colaboradoras com ortografia atualizada, preenchem significativa lacuna na história da imprensa e da cultura letrada brasileira, graças aos aportes que trazem a respeito da trajetória da crônica, da escrita feminina e do início da formação de um campo intelectual na *Belle Époque*. Cabe ressaltar, ainda, que a presença nos jornais abria possibilidades de experimentação literária e profissionalização das atividades intelectuais, com todas as consequências advindas, inclusive para o processo criativo. A temporalidade rápida dos periódicos obrigava as escritoras a curvarem-se aos prazos das rotativas, espaço das colunas e demandas editoriais.

Num mundo dominado por homens, algumas escritoras conseguiram impor-se, daí a importância de se indagar acerca das estratégias mobilizadas e das redes de sociabilidade nas quais se inseriram. Localizar, publicar e examinar sistematicamente esses textos, em grande parte não recolhidos em livros, representa mais um passo na construção de novas perspectivas sobre as vozes femininas que, em larga medida, seguem ausentes da história cultural brasileira. Além de contribuir para o conhecimento da história da imprensa e das estratégias de diversificação do seu público, os resultados inserem-se nos estudos de gênero, ao recuperarem textos ainda

desconhecidos e convidar a refletir sobre os avanços e recuos da agenda feminista e suas aproximações e distanciamentos das lutas sociopolíticas de *O Paiz*. Os ventos trazidos pela nova ordem burguesa tendiam, apesar das resistências dos que se apegavam à ordem estabelecida, a embaralhar marcadores sociais, abrir fissuras e espaços de negociação, processo no interior do qual a escrita feminina em periódicos desempenhou papel relevante, como evidenciam os livros que compõem a coleção.

Este segundo volume é dedicado a Maria Benedita Câmara Bormann (pseudônimo Délia, 1853–1895), que publicou um total de 25 contos entre 1887 e 1892, e resulta do trabalho de uma equipe coordenada por Ana Cláudia Suriani da Silva (UCL) e Alexandre Henrique Paixão (Unicamp) e composta pelas estudantes Arieta Marafon Fabrício (Unicamp) e Daphne Nathielle Goulart da Costa (Unicamp), além da pesquisadora, tradutora e revisora de textos Ana Cecilia Agua de Melo.

CONTOS DE DÉLIA: CONFISSÕES SOBRE A SEDUÇÃO

Alexandro Henrique Paixão (Unicamp)

Ana Cláudia Suriani da Silva (UCL)

Este segundo volume da coleção “As mulheres no jornal *O Paiz*” é dedicado à produção contística da escritora brasileira Maria Benedita Câmara Bormann (1853–1895), mais conhecida pelo pseudônimo Délia, publicada em *O Paiz* entre 02 de novembro de 1887 e 31 de julho de 1892. A recolha dos 25 contos de Délia foi realizada a partir da Hemeroteca Digital Brasileira durante a pandemia de Covid-19, o que impossibilitou a consulta física de outras coleções do jornal. Como no levantamento das crônicas de Maria Amália Vaz de Carvalho, reunidas em *Conversas lisbonenses & outros escritos (1884-1889)*,¹ para inventariar as publicações de Délia, foi necessário percorrer todos os exemplares de *O Paiz*, página por página. Uma vez levantados, prosseguiu-se com a transcrição dos textos, correção de gralhas tipográficas, atualização da ortografia e finalmente o estabelecimento do texto.

A extensão do corpus da pesquisa e a necessidade de realizar um levantamento exaustivo e efetuar múltiplas leituras e revisões dos textos demandam trabalho em equipe, financiamento público e tempo. A princípio, este projeto foi financiado com *seed money* do Global Engagement Funds, da University College London, e recursos do SAE/UNICAMP, em 2020, dentro de uma parceria de pesquisa entre a Faculdade de Educação (FE) da Unicamp e a University College London (UCL), sob a coordenação, respectivamente, de Alexandro Henrique Paixão e Ana Cláudia Suriani da Silva.

¹ CARVALHO, 2022. O primeiro volume da coleção “As mulheres no jornal *O Paiz*” foi publicado pela Editora da Faculdade de Educação, Unicamp, e está disponível no link:
<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/bd/index.php/detalhes-material/?code=111706>

Mais tarde, este projeto se desdobrou em uma pesquisa mais ampla, intitulada “É preciso falar sobre as ausentes: mulheres no jornal *O Paiz* (RJ, 1884-1934)”, financiado pelo CNPq e coordenado por Tania Regina de Luca (Unesp/Assis), contando com a participação desses e de outros professores pesquisadores de instituições universitárias inglesas, paulistas e federais, um bolsista técnico, um revisor de texto, dois bolsistas sociais e quatro bolsistas de Iniciação Científica.

O objetivo inicial do projeto era localizar os textos da série de crônicas “Dois dedos de prosa”, da escritora Júlia Lopes de Almeida, os quais foram parcialmente recolhidos em livro num volume publicado pela Biblioteca Nacional em 2016.² Na busca página por página pelo nome de Júlia Lopes de Almeida, foram recuperados até agora mais de mil textos, publicados entre os anos de 1884 e 1912, por um total de 36 escritoras: A Avozinha, Adalgisa Monteiro, Adelina Lopes Vieira, Alba, Anna Cezar, Anna de Castro Ozorio, Anna Maria Ribeiro de Sá, Branca de Gonta Colaço, Brites D'Almeida, Carmen Dolores, Carmen Rios, Chrysantheme, Corina Coaracy, Délia, Deolinda Cardoso, Dra. Ninon de Lenclos, Francisca Júlia da Silva, Guiomar Terrezão, Ignez Sabino, Ive Close, Julia Cezar, Júlia Lopes de Almeida, Juliette Adam, Judith Ferreira, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria Clara da Cunha Santos, Maria Clara Vilhena da Cunha, Marie Delaroziere, Marina, Matilde Serão, Paola Lombroso Carrara, Rose Méryss, Rosália Sandoval, Sylvia Seffala, Tia Luiza e Vera Cleser. A descoberta de tantos textos, da autoria de colaboradoras mais ou menos assíduas, algumas tendo alcançado sucesso crítico e comercial e um espaço na República das Letras tradicionalmente dominada por homens, é prova de que a pesquisa de fontes primárias em jornais e revistas continua a ser o principal dispositivo para o descentramento do cânone literário no que diz respeito à autoria feminina e, portanto, para a reescrita da história da literatura brasileira.

Ao mesmo tempo em que contribui para a reavaliação da presença das mulheres de letras na grande imprensa no período que se convencionou denominar

² ALMEIDA, 2016.

de *Belle Époque*, a leitura crítica das crônicas e contos diretamente no suporte do jornal torna evidente a tensão entre o que Roger Chartier define como, de um lado, a identidade de uma obra, que é reconhecível e perpetuada independentemente da sua materialidade, e, do outro, a mobilidade dos textos, a mobilidade de suas leituras, formas materiais e modos de atribuição.³ A qualidade da composição tipográfica e impressão originais, as marcas da passagem do tempo, que resultaram em páginas mutiladas ou ilegíveis, a qualidade da digitalização e, por fim, a leitura dos textos por meio de uma representação digital, realizada por um programa que converge imagem em texto, criam vários desafios para o reconhecimento da identidade da obra. A página de *O Paiz* em que foi publicado o conto “Os primos” de Délia, reproduzida na Figura 1, ilustra os vários desafios na transcrição e edição dos textos. Devido ao desgaste do suporte, a página do jornal foi remendada com fita adesiva, a qual a digitalização representa como manchas retangulares, tornando ilegíveis vários trechos do conto.

³ CHARTIER, 2020.

12

RIO DE JANEIRO, Quinta-feira, 31 de Março de 1892. Circulação na America do Sul

ANNO VIII... EXPEDIENTE Terminando hoje o primeiro trimestre do anno...

OS PRIMOS... Zéso, filho do Sr. Manoel...

CONSTITUINTE FLUMINENSE... O Sr. Manoel de Sá...

AVULSOS... O Sr. Manoel de Sá...

NOTICARIO... O Sr. Manoel de Sá...

TELEGRAMMAS... O Sr. Manoel de Sá...

INTOLERANCIA RELIGIOSA... O Sr. Manoel de Sá...

PARIS, 30... O Sr. Manoel de Sá...

SANTO, 30... O Sr. Manoel de Sá...

Buenos Aires, 30... O Sr. Manoel de Sá...

DE TUDO PARA TODOS... O Sr. Manoel de Sá...

ALEXANDRE O'QUEIRO... O Sr. Manoel de Sá...

COMO DA BURGUESIA... O Sr. Manoel de Sá...

OTEMPO... O Sr. Manoel de Sá...

BRASIL, 30... O Sr. Manoel de Sá...

Figura 1: "Os primos", O Paiz, ano 8, n. 3625, p. 1, colunas 1 e 2, quinta-feira, 31 de março de 1892

Podemos comparar a fragilidade da transmissão desse conto – e de outras obras de Délia⁴ – aos fragmentos sobreviventes da obra de Safo, os quais talvez sejam o exemplo paradigmático na literatura ocidental da vulnerabilidade do patrimônio literário da Antiguidade. Assim como no caso dos poemas Safo, a perda ou destruição de obras das escritoras brasileiras da *Belle Époque* pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a deterioração física dos manuscritos ou impressos, a passagem do tempo, mudanças políticas e sociais e o silenciamento sistêmico em vida e *post-mortem* da autoria feminina. Em que pesem todas essas vicissitudes, os fragmentos sobreviventes da obra de Safo continuam a cativar a imaginação de sucessivas gerações de leitores e estudiosos por todo o mundo, pois evocam emoções, exploram temas de amor, desejo e anseio, e oferecem uma perspectiva única sobre as experiências das mulheres na Grécia Antiga. Os contos de Délia são feitos da mesma matéria. Narram as aventuras e desventuras do amor, vividas por mulheres ficcionais do final do século XIX, bastante perturbadas por estarem expostas a uma tensão sexual por conta da relação com seus maridos, amantes ou familiares. Mesmo que o trabalho de recuperação da obra de Délia apresente menos desafios do que a de Safo, a comparação, por um lado, serve como um aviso da importância de esforços diligentes de preservação e transmissão das obras de escritoras brasileiras do passado e das limitações inerentes à nossa compreensão da literatura brasileira devido às inúmeras lacunas existentes na sua história e, por outro, aponta para o potencial ilimitado de redefinição e reinterpretação do cânone literário.

A contraface da identidade dos textos, isto é, sua mobilidade, a diversidade de suas leituras e formas materiais, exige um melhor conhecimento da relação entre os textos e seu meio de publicação, como ensina Chartier. No Brasil do século XIX era regra os escritores publicarem seus contos em periódicos antes de os reunir em livro. E a crônica por muito tempo teve a sua disseminação limitada devido ao seu suporte,

⁴ Sobre o trabalho de regaste das obras de Délia ver a pesquisa pioneira de TELLES (online), a tese de VOLPINI (2019), o artigo de BARBIERI (2020) e a antologia de contos de CORREA E SILVA (2022).

na maioria dos casos só sendo recolhida em volumes muitos anos depois da morte do escritor. Segundo o levantamento realizado por Claudia Barbieri (2020), Délia colaborou com vários periódicos do sul ao norte do Brasil – do Rio Grande, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Recife – entre os quais os jornais diários *O Paiz* e *Gazeta da Tarde* (RJ, 1880-1901), e os femininos *A Família* (RJ, 1888-1894) e *Corymbo* (RS, 1883-1944). O periódico superou o livro como o meio de disseminação predominante da prosa de ficção, em primeiro lugar porque as suas tiragens eram maiores do que as das primeiras edições em livro. Enquanto as primeiras edições de romances e contos ficavam em torno de quinhentos e mil exemplares, a tiragem dos jornais de grande circulação chegava a ser trinta vezes maior. De início na casa dos 11 mil exemplares, a tiragem de *O Paiz* alcançou 24 mil em 1887 e chegou a 30.600 em 1889, o que levou o periódico a adotar o seguinte slogan, impresso no seu cabeçalho entre 1888 e 1895: “*O Paiz* é a folha de maior circulação na América do Sul”. No caso de Délia, sua produção contística de mais de sessenta títulos permaneceu esparsa até muito recentemente. A primeira coletânea dos seus textos foi publicada por Laila Thaís Correa e Silva em 2022 e contém 22 contos, entre os quais 19 de *O Paiz*. Alguns contos de Délia também já circulam na internet e em antologias temáticas, como “O crime do convento de...” (conto 4 desta edição), publicado num volume sobre a narrativa gótica brasileira, também em 2022.⁵

Em acréscimo, muitos contos eram reproduzidos em vários periódicos. Como se vê na Tabela 1, que contém o levantamento dos contos de Délia em *O Paiz*, cinco dos 25 contos foram publicados mais de uma vez. “Sensitiva” (conto 5), por exemplo, saiu primeiramente com o título “Ser ou não ser”, na *Gazeta da Tarde* em 14 de maio de 1884. Oito anos mais tarde foi republicado, já com o novo título, em *O Paiz* em 04 de janeiro de 1892, e algumas semanas depois em *A Família*, em 30 de janeiro e 13 de fevereiro de 1892, desta vez dividido em dois fascículos.⁶

⁵ BORMANN, 2022.

⁶ BARBIERI, 2020.

CONTOS POR DÉLIA: CONFISSÕES SOBRE A SEDUÇÃO

TABELA 1: Títulos dos contos, localização no jornal, total e média mensal.

NÚMERO	TÍTULO	DATA	EDIÇÃO DO JORNAL	PÁGINA DE REFERÊNCIA	DIA DA SEMANA	REPUBLICAÇÃO (Barbieri, 2020)
1	Uma história de ontem	02/11/1887	1123	2	quarta-feira	<i>Gazeta da Tarde</i> , 1/1/1884
1	Uma história de ontem	03/11/1887	1124	2	quinta-feira	
1	Uma história de ontem	06/11/1887	1127	2	domingo	
1	Uma história de ontem	07/11/1887	1128	2	segunda-feira	
2	A suicida	06/10/1889	1825	1	domingo	<i>Corymbo (RS)</i> , 30/3/1890
3	A estátua de neve	14/12/1890	3155	2	domingo	
3	A estátua de neve	15/12/1890	3156	2	segunda-feira	
4	O crime do convento de...	03/09/1891	3416	3	quinta-feira	<i>Jornal do Recife</i> , 14, 17, 18 e 19/11/1891
4	O crime do convento de...	04/09/1891	3417	3	sexta-feira	
4	O crime do convento de...	05/09/1891	3418	3	sábado	
4	O crime do convento de... (conclusão)	06/09/1891	3419	3	domingo	
5	Sensitiva	04/01/1892	3538	1	segunda-feira	<i>A Família</i> , 30/1/1892, 13/02/1892; <i>Gazeta da Tarde</i> , com o título "Ser ou não ser", 14/5/1884
6	Sempre a miragem	12/01/1892	3546	1	terça-feira	
7	A avó	20/01/1892	3554	1	quarta-feira	<i>Gazeta da Tarde</i> , 21/05/1884
8	A caprichosa	09/02/1892	3574	1	terça-feira	

CONTOS POR DÉLIA: CONFISSÕES SOBRE A SEDUÇÃO

9	Um bom momento	13/02/1892	3578	1	sábado	
10	Um pouco do passado	20/02/1892	3585	1	sábado	
11	As rivais	27/02/1892	3592	1	sábado	
12	O encontro	08/03/1892	3602	1	terça-feira	
13	Nevrose	17/03/1892	3611	1	quinta-feira	
14	Amor e vilania	25/03/1892	3619	1	sexta-feira	
15	Os primos	31/03/1892	3625	1	quinta-feira	
16	Não olvidada	09/04/1892	3633	1	sábado	
17	Terezita	16/04/1892	3640	1	sábado	
18	Metamorfose	23/04/1892	3646	1	sábado	
19	Heroísmo	29/04/1892	3652	1	sexta-feira	
20	Madame de Z.	07/05/1892	3659	1	sábado	
21	Triste reverso	14/05/1892	3665	1	sábado	
22	Felizes amantes	13/06/1892	3695	2	segunda-feira	
23	Uma histérica	02/07/1892	3714	2	sábado	
24	Os lábios mentem, os olhos não	09/07/1892	3721	3	sábado	
25	Rosa e branca	31/07/1892	3743	3	domingo	

FONTE: Elaborada pelos autores.

Ler um conto ou uma crônica numa edição em livro ou no suporte do jornal ou revista proporcionava aos leitores experiências de leitura diferentes: a leitura do texto na íntegra em um único número e a leitura seriada em números consecutivos. Como vemos acima, com o exemplo de “A sensitiva”, um mesmo conto poderia ser lido de uma só sentada ou em fascículos dependendo do periódico que o leitor tinha em mãos. Na verdade, um traço comum da grande imprensa do final do século XIX era a coexistência desses dois modelos de difusão de ficção. Os jornais e revistas de grande tiragem, como *O Paiz*, *A Gazeta de Notícias*, *O Jornal das Famílias* (RJ, 1863-1878) e *A Estação* (RJ, 1879-1904), publicavam textos de ficção nesses dois formatos, proporcionando aos leitores ritmos complementares de prazer textual.⁷ Os romances, como *Angelina* de Délia, publicado em *O Paiz* em 69 fascículos de 18 de setembro de 1886 a 30 de novembro de 1886, e os contos mais longos, como “Uma história de ontem” (conto 1), “A estátua de neve” (conto 3) e “O crime do convento de...”, eram divididos em fascículos. Como se vê na Figura 2, a página 2 da edição de *O Paiz* de 03 de novembro de 1887 oferece ao leitor a continuação de “Uma história de ontem” (nas colunas 7 e 8), uma crônica de Maria Amália Vaz de Carvalho da série “Conversas femininas” (na coluna 8), ambos no *haut-de-page*. No *bas-de-page* figuram dois folhetins franceses no rodapé: o fascículo 19 de *O remorso de um anjo*, de A. D’Ennery, e o fascículo 53 de *O charlatão*, de Ellie Berthet.

⁷ Ver SILVA, 2019.

CONTOS POR DÉLIA: CONFISSÕES SOBRE A SEDUÇÃO

O PAIZ - QUINTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 1887

ACTOS OFFICIAES

O Sr. Antonio da Silva, advogado, foi nomeado para o cargo de...
O Sr. João da Silva, advogado, foi nomeado para o cargo de...
O Sr. Pedro da Silva, advogado, foi nomeado para o cargo de...

MARINHA E GUERRA

Deixa-se a bordo do navio...
O navio... chegou ao porto de...
O navio... saiu para o mar...

ACCIDENTES

Um homem caiu de um telhado...
Um carro colidiu com um poste...
Um animal foi atropelado por um trem...

PRIMEIROS

Um homem foi preso por...
Um homem foi preso por...
Um homem foi preso por...

ESPECTACULO DE HOJE

Amazônia - O teatro de...
Amazônia - O teatro de...
Amazônia - O teatro de...

NECROLOGIA

Morte de...
Morte de...
Morte de...

FOLHETIM

O REMORSO DE UM ANÃO

A. DENNER

Quando a vida é curta e o tempo é longo...
Quando a vida é curta e o tempo é longo...
Quando a vida é curta e o tempo é longo...

AVISOS

Um homem procura...
Um homem procura...
Um homem procura...

PROVINCIAS

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

THEATROS

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

DIVERSÕES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

CONSELHO DIARIO

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

REPOS DE T A PARTE

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

TESTES E SÁBÃO

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

LETTRAS

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

TRIBUNAES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

COLLABORAÇÃO

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ACTOS OFFICIAES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

MARINHA E GUERRA

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ACCIDENTES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

PRIMEIROS

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ESPECTACULO DE HOJE

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

NECROLOGIA

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

FOLHETIM

O CHARLATÃO

ELIÉ BERNHEIM

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ACTOS OFFICIAES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

MARINHA E GUERRA

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ACCIDENTES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

PRIMEIROS

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ESPECTACULO DE HOJE

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

NECROLOGIA

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

FOLHETIM

O CHARLATÃO

ELIÉ BERNHEIM

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ACTOS OFFICIAES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

MARINHA E GUERRA

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ACCIDENTES

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

PRIMEIROS

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

ESPECTACULO DE HOJE

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

NECROLOGIA

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

FOLHETIM

O CHARLATÃO

ELIÉ BERNHEIM

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

Quando a vida é curta e o tempo é longo...
Quando a vida é curta e o tempo é longo...
Quando a vida é curta e o tempo é longo...

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

Um homem foi preso...
Um homem foi preso...
Um homem foi preso...

Figura 2: O Paiz, ano 4, n. 1124, p. 2, quinta-feira, 03 de novembro de 1887

Fonte: http://memoria.bn.br/Docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagFis=4623

Por um lado, a materialidade do romance-folhetim e do conto seriado, condicionada pela disseminação em fascículos e pela venda do jornal por assinatura, prolongava o prazer da leitura e era um fator determinante para a criação de significado e o estabelecimento de um vínculo estreito entre autor e leitor.⁸ O tempo de leitura estendido era um elemento crucial da literatura publicada em folhetins, na medida em que leitores e críticos elaboravam suposições e interpretações provisórias sobre o mundo literário, as quais então moldavam a compreensão progressiva das obras à medida que estas avançavam parte por parte.⁹ As reações e o envolvimento com tais obras estendidas eram diferentes daqueles que os leitores experimentavam ao ler um texto ou grupo de textos reunidos em livro. Por outro, a publicação de contos em um só fascículo satisfazia o desejo de ler um texto ficcional de cabo a rabo sem que o leitor tivesse de se comprometer com a assinatura ou compra de edições consecutivas do periódico.

A inclusão dos contos e romances de Délia no rodapé e no *haut-de-page* foi, portanto, guiada pela lógica comercial de impulsionar o número de assinaturas e a compra do jornal avulso pelo crescente público feminino leitor de periódicos diários, numa época de mudança de paradigma, dos jornais sustentados por patrocinadores para aqueles sustentados por anúncios.¹⁰ Entretanto, se a publicidade permitia, por um lado, a venda de números avulsos a baixo preço, por outro, diminuía o espaço do conteúdo textual. *O Paiz* tinha em média quatro páginas, sendo quase a metade ocupada pela publicidade. Ler os contos de Délia nas páginas de *O Paiz* nos convida, portanto, a questionar a distinção entre literatura, jornalismo e publicidade porque a sua forma material e mobilidade de leitura se assentavam em uma moldura muito diferente daquela do livro. Cada edição do jornal pode ser vista como um texto único

⁸ FELTES, 1986 e PAIXÃO, 2017.

⁹ HUGHES e LUND, 1991.

¹⁰ Ver SILVA, 2019.

de autoria múltipla. Os leitores tinham diante de si um conto e outros elementos textuais e iconográficos, interligados pelo mesmo princípio editorial.

A publicação dos textos de Délia, e em geral de autoria feminina, sejam eles contos curtos ou romances seriados, oferecia complicações e atrativos adicionais ao conteúdo informativo do jornal e às posições políticas e visões de mundo predominantemente masculinas e patriarcais dos seus colunistas. Considerada como o quarto poder ou quarto estado, a imprensa exerce uma grande influência sobre a sociedade através do enquadramento de notícias que são levadas a conhecimento público. E mesmo que a suposta imparcialidade de *O Paiz* tenha sido mais declarada do que efetiva,¹¹ a abertura de espaço em suas páginas para a colaboração feminina atesta os avanços de liberdade de expressão na imprensa brasileira finissecular. *O Paiz* concedeu sistematicamente lugar de fala¹² para as mulheres de letras abordarem a questão feminina de ângulos e com técnicas diferentes, sem, no entanto, que elas confrontassem abertamente a ordem estabelecida e propusessem renovações, tarefa a cargo, sobretudo, das pequenas folhas, dirigidas no mais das vezes por mulheres que se atreviam a afrontar o coro dominante.¹³

Enquanto Maria Amália Vaz de Carvalho defendia nas suas colunas “Conversas lisbonenses” e “Cartas femininas” a submissão da mulher ao patriarcado e o apego à moral religiosa, Délia subvertia em seus contos e romances a ordem da masculinidade hegemônica,¹⁴ problematizando a condição feminina por meio de “confissões acerca da sedução masculina”, como veremos a seguir.

Mas, antes disso, quem é Délia, essa escritora que transpõe a veia psicológica do romance para o conto e apresenta uma narrativa em forma de confissão sobre a sedução popularizada pela psicanálise nascente? Batizada como Maria Benedita Bormann da Câmara Lima, Délia nasceu em 25 de novembro de 1853 em Porto Alegre,

¹¹ Sobre a posição do jornal em seus primeiros anos de existência, consultar PESSANHA, 2006.

¹² RIBEIRO

¹³ SILVA e LUCA, 2023.

¹⁴ CONNEL e MESSERSCHMIDT, 2013.

e faleceu em 23 de julho de 1895, no mesmo endereço onde residiu durante sua vida no Rio de Janeiro, na Rua do Rezende, número 48, na região da Lapa. Aos dez anos de idade, ela se mudou com a família para o Rio de Janeiro, onde o pai trabalhou como funcionário público conferente da alfândega. Como a maioria das mulheres da elite brasileira da época, a escritora teve meios financeiros e ambiente familiar adequados para desenvolver várias habilidades artísticas, como a pintura, o piano, o canto e o gosto pela literatura e pelas línguas estrangeiras. Aos dezenove anos, casou-se com um tio materno nove anos mais velho, o capitão da infantaria imperial José Bernardino Bormann, o qual também se destacou como escritor e ensaísta, deixando uma obra que relatava as lutas no sul do Brasil e a Guerra do Paraguai.¹⁵ Autora de contos, crônicas – a grande maioria ainda dispersos – e sete romances, ficção e realidade confundem-se nas narrativas de Délia. Como escreve Telles:

[...]os sucintos relatos da época sobre a escritora sugerem ter sido “acidentada sua existência romanesca, e cruel o seu destino”. No entanto, nunca essas insinuações se tornam um pouco mais explícitas. Alguns comentários parecem não passar de confusão entre as personagens da autora – especialmente Léssia – e sua vida. Algo contra o que a própria escritora alertou, várias vezes, afirmando que tal prática levava a enganos e confusões”.¹⁶

Há ainda rumores de que ela tenha se separado do marido, mas essas informações, segundo Volpini, não foram comprovadas.¹⁷

Sabe-se, no entanto, que foi no período em que o marido José Bernardino empreendeu longa viagem que a escritora riograndense adensou sua colaboração em jornais do Rio de Janeiro¹⁸ e, como comprova o levantamento da Tabela 1, aprimorou a forma do conto curto. Nos 25 contos deste volume, Délia criou heroínas que

¹⁵ Para mais informações sobre a biografia da escritora, ver SABINO (1889), TELLES (online e 1998), VOLPINI (2019), BARBIERI (2020) e CORREA E SILVA (2022).

¹⁶ TELLES, 1998, p. 7.

¹⁷ VOLPINI, 2019.

¹⁸ TELLES, online.

buscavam a liberdade a todo custo, enfatizando a luta da mulher contra a sociedade patriarcal. Algumas delas são mais fortes do que as outras, como a cortesã apelidada de Alegria, do conto “Uma história de ontem” ou Lélia, do conto “Uma histérica” (conto 23), que recusa casar-se com o primo e veste-se de homem para contar aos ouvintes suas aventuras pela Europa. Outras optam pelo suicídio, como as heroínas de “A suicida” e “Nevrose” (contos 2 e 13 respectivamente), num ato de revolta ou desobediência à resignação feminina tão defendida na época, inclusive por Maria Amália Vaz de Carvalho nas suas crônicas de *O Paiz*.

A maioria das mulheres que povoam os contos e romances de Délia está próxima à irracionalidade e à natureza, em contraste com os homens, que se situam do lado da razão e do discurso, reforçando a visão prevalecente no século XIX que igualava feminilidade à insanidade devido às tensões e afetos sexuais experimentados, fosse na fantasia, fosse na realidade cotidiana.¹⁹ Segundo Showalter, para a medicina a histeria inseria-se no “quadro histórico específico do Oitocentos como uma forma inconsciente de protesto feminista, a contrapartida do ataque aos valores patriarcais realizado pelo movimento das mulheres da época”.²⁰ A representação na literatura da patologia feminina, por sua vez, é uma forma de protesto contra a rigidez do sistema patriarcal.²¹ Délia, portanto, sugere que a literatura é um espaço em que a leitora brasileira pode se entregar a fantasias e, ao mesmo tempo, enfrentar seus próprios dilemas e frustrações por meio das experiências e ações das personagens. A escritora parece afirmar que a literatura da época não precisava ser feminista para propor algo novo, ou seja, para alimentar a insatisfação da leitora com a condição feminina e a força dos seus desejos e afetos.

As tramas de Délia giravam em torno de casamentos arranjados, amores não correspondidos, relações extraconjugais ou abusivas, a impossibilidade do divórcio, situações que expunham as hipocrisias do casamento burguês e causavam danos

¹⁹ SHOWALTER, 1987.

²⁰ SHOWALTER, 1987, p. 5.

²¹ GILBERT e GUBAR, 1979.

irreparáveis às suas personagens, algo que denominamos “confissões sobre sedução”. Como ficou escrito acima, os contos de Délia publicados em *O Paiz* retratam, através de uma narradora feminina onisciente, os afetos sexuais vividos de uma forma confessional. Quando Délia começa a escrever seus contos não havia ainda sido sistematizada a psicanálise freudiana, e os esboços sobre as neuroses de angústia causadas pelo ato sexual estavam em construção.²² Délia já introduzia seus leitores a “momentos psicológicos” nos seus contos, realizando uma narrativa em forma de confissão sobre a sedução experimentada ficcionalmente pelas suas personagens femininas.

Na última década do século XIX, Sigmund Freud, numa célebre carta (sem data) dirigida a Wilhelm Fliess, intitulada “Rascunho E: Como se origina a angústia”,²³ introduzia um pensamento acerca das neuroses de angústia provocadas pelo ato sexual, que iria culminar em uma teoria acerca da sedução, embora abandonada depois. Segundo o *Dicionário de Psicanálise*: “a palavra sedução remete, antes de mais nada, à ideia de uma cena sexual em que um sujeito, geralmente adulto, vale-se de seu poder real ou imaginário para abusar de outro sujeito, reduzido a uma posição passiva: uma criança ou uma mulher, de modo geral”.²⁴ Foi graças a essa experiência desastrosa de abuso sexual comumente testemunhado pelos pacientes histéricos de Freud que o fundador da psicanálise começou a questionar se o que estava sendo narrado no *setting* terapêutico, como a prova de um afeto sexual violento (sedução), era, de fato, uma confissão de uma experiência vivida ou, na verdade, expressão de uma fantasia sexual. Das reflexões sobre as “neuroses de angústia” causadas pelos atos sexuais confessados pelos pacientes a Freud, emergiram hipóteses que impulsionaram a psicanálise nascente às descobertas de uma realidade psíquica de natureza inconsciente em relação à concretude de uma realidade empírica bastante perturbadora e confessada pelos pacientes. Refutada ou não, o fato é que, a partir de então, a teoria da sedução

²² FREUD, 1977, pp. 261-269.

²³ FREUD, 1977, pp. 261-269.

²⁴ ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 696.

entrou para os anais da psicanálise, colaborando com muitos debates acerca do caráter psíquico e/ou empírico dos afetos sexuais, algo que a literatura feminina europeia e brasileira ensaiava figurar ao longo do século XIX, combinando fantasia e realidade. Por exemplo, em “Sempre a miragem” (conto 6), Délia encontrou inspiração na obra da romancista, memorialista e jornalista francesa Amantine Lucile Aurore Dupin de Francueil, mais conhecida pelo seu pseudônimo George Sand. O conto destaca a influência das obras de George Sand na vida da heroína Amélia, que encontrava conforto e identificação nas páginas, cheias de paixão, desespero e ironia, de *Valentina* e *Indiana*, ambos publicados em 1832. São romances que exploram, como os contos de Délia, as complexidades do amor e do casamento, e denunciam a limitada educação fornecida às mulheres na sociedade do século XIX.

George Sand e Délia, de um lado, antecipam elementos da psicanálise vienense como o tema da sedução, e, de outro, atualizam uma tradição literária predominantemente masculina sobre a psicologia e as questões relacionadas às mulheres, da qual fazem parte os clássicos *Pamela*, de Samuel Richardson, *Senhora*, de José de Alencar, e *Helena* de Machado de Assis. A autoria de Délia, como a de Sand, permite uma compreensão mais refinada das experiências femininas, proporcionando uma plataforma para que as vozes das mulheres sejam ouvidas e suas lutas sejam reconhecidas. Através de sua escrita, na forma de conto, Délia condensa experiências femininas e contribui para uma compreensão mais abrangente da vida das mulheres.

Para Norma Telles, cuja pesquisa pioneira inspirou edições e estudos mais recentes, Délia foi esquecida, e seu desafio como pesquisadora foi publicizar seus contos e romances para os leitores do século XXI. Ainda consideramos Délia uma “ausente” na história da literatura brasileira, de quem precisamos falar para que não caia no esquecimento. Por isso batizamos, inicialmente, nosso projeto, que deu vida a este livro, de “É preciso falar sobre as ausentes – mulheres cronistas na imprensa oitocentista (pesquisa em acervos)” [SAE/Unicamp], para resgatar essa e outras

mulheres escritoras brasileiras e refundar suas contribuições para a literatura brasileira do século XIX.²⁵

Esta edição

Esta edição apresenta os contos de Délia localizados na coleção do jornal *O Paiz* disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Alerta-se que, a despeito da intenção de exaustividade, não se pode descartar a hipótese de existirem outras ocorrências, seja por terem passado despercebidas ou em função das condições da coleção no suporte papel ou na sua representação digital. A representação digital é, de fato, muito útil, não só porque permite acesso remoto a impressos e manuscritos raros, mas também porque colabora para a sua conservação, uma vez que os preserva do manuseio frequente e garante a sobrevivência de cópias eletrônicas no caso de eventuais problemas de conservação derivados de incêndios de acervos patrimoniais, que, infelizmente, vêm se tornando cada vez mais frequentes no Brasil. Entretanto, é preciso estar consciente da diferença entre o documento físico e sua representação. A reprodução digital simplifica o documento: não captura todos os ângulos do impresso, o que inevitavelmente implica perda de alguma informação.²⁶

Apresentam-se a seguir os critérios utilizados na edição dos contos, cabendo esclarecer, ainda uma vez, que a pesquisa partiu das páginas do jornal. Como, até onde se sabe, nenhum dos contos foi reunido em livro pela autora, não foi possível solucionar palavras ou trechos ilegíveis. Indicamos as poucas palavras ou trechos que permaneceram ilegíveis com “[ilegível]”, como ocorreu, por exemplo, em “Uma história de ontem”, “O crime do convento de...” e “Os primos”.

Listam-se a seguir os procedimentos adotados:

²⁵ A expressão “É preciso falar sobre as ausentes...” foi inspirada na música “Manifeste” (Mantoulet e Gatlif), da trilha sonora do filme *Exílios* (2004), dirigido por Tony Gatlif. Alexandre Henrique Paixão a tem empregado em diversos de seus trabalhos sobre a “história dos vencidos”, desde 2014, quando iniciou suas pesquisas na FE-Unicamp.

²⁶ SILVA, 2019.

- ★ **Atualização ortográfica.** Foi realizada no conjunto da obra, em consonância com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente no Brasil, mas mantivemos as flutuações de algumas palavras, como “louro” e “loiro”.
- ★ **Correção de erros tipográficos.** Foram mantidas as palavras citadas em itálico no jornal e para as quais não encontramos correspondência em dicionários atuais, tais como “encanecimentos” e “ouvertura”.
- ★ **Manutenção da pontuação original,** com pequenas correções quando necessárias.
- ★ **Adoção do itálico** para vocábulos e expressões em língua estrangeira e títulos de livros.
- ★ **Manutenção do itálico** para indicar ênfase e nomes de personagens.
- ★ **Os índices onomásticos** discriminam indivíduos, lugares (regiões, países, cidades, locais, ou seja, restaurantes, hotéis, teatros, edifícios etc.), obras (literárias, históricas, filosóficas, científicas etc.) e publicações periódicas mencionados por Délia. Não foram compulsados personagens ficcionais e mitológicos. O número oferecido ao lado das entradas nos índices corresponde ao número do conto (1 a 25). Como se trata de edição eletrônica, o leitor pode localizar o número da página usando a ferramenta de busca.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Júlia Lopes de Almeida. *Dois dedos de prosa. O cotidiano por Júlia Lopes de Almeida*. Organizado por Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

BARBIERI, Claudia. Contos na imprensa: Délia e a narrativa breve. *Letras em Revista*, Teresina, v. 11, n. 02, jun./dez. 2020. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/324>>. Acesso em: 05 maio 2023.

BORMANN, Maria Benedita Câmara (pseudônimo Délia). *Contos esquecidos*. Organização de Laila Thaís CORREA E SILVA. Campinas, SP: Unicamp, Publicações IEL, 2022, online.

BORMANN, Maria Benedita Câmara (pseudônimo Délia). O crime do convento de... In: FRANÇA, Júlio e NESTAREZ, Oscar (orgs.). *Tênebra. Narrativas brasileiras de horror [1839-1899]*. São Paulo: Fósforo, 2022, p. 361-379.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Conversas lisbonenses e outros escritos (1884-1889)*, organizado por Ana Cláudia Suriani da Silva e Tania Regina de Luca. Campinas: FE-Unicamp, 2022. Disponível em: <<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/bd/index.php/detalhesmaterial/?code=111706>>. Acesso em: 05 maio 2023.

CHARTIER, Roger. Literature and Written Culture: Stability of Works, Mobility of Texts, Plurality of Readings. In: SILVA, A. C. S. e ABREU, M. (orgs.). *The Cultural Revolution of the Nineteenth Century: Theatre, the Book and Reading in the Transatlantic World*. London: Bloomsbury, 2016, p. 11-26.

CONNELL, R. W., & MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 2013, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

FELTES, Norman N. *Modes of Production of Victorian Novels*. Chicago: The University of Chicago, 1986.

FREUD, Sigmund. Rascunho E: Como se origina a Angústia? In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Originalmente publicado entre 1892 e 1899)

HUGHES, Linda e LUND, Michael. Linear Stories and Circular Vision: The Decline of the Victorian Serial. In HAYLES, N. Katherine (org.). *Chaos and Order: Complex Dynamics in Literature and Science*. Chicago: University of Chicago Press, 1991, p. 167-194.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Leitores de Tinta e Papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional. Imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro 1884-1888*. Tese (doutorado em História). Niterói, RJ: UFF, 2006. Disponível em <https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_PESSANHA_Andrea_Santos_da_Silva-S.pdf>. Acesso em 14 dez. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROUDINESCO, Élisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brasil*. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, 1899. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SHOWALTER, Elaine. *The Female Malady. Women, Madness and English Culture (1830–1980)*. Londres: Virago Press, 1987.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da e LUCA, Tania Regina de. A mulher jornalista na Belle Époque carioca. In Facchinetti, C. (ed.), *Mulheres no Brasil: como chegamos até aqui*. Brasil: Andrea Jakobsson Estúdio, 2023.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da Silva. Os contos de Machado de Assis: periodicidade e ficção no Brasil no século XIX. *Revista Livro*, 7/8, 2019, p. 25-67.

TELLES, Norma. Délia. Norma Telles. [s.d.] Disponível em <<https://www.normatelles.com.br/d%C3%A9lia>>. Acesso em 22 maio 2023.

TELLES, Norma. Introdução. In: Bormann, Maria Benedita Câmara (pseudônimo Délia). *Lésbia*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1898, p. 5-22.

VOLPINI, Javer Xavier. *O literário feminino nos romances oitocentistas de Délia: tradição e rupture*. Tese (doutorado em Letras), Juiz de Fora: UFJF, 2019.

OS CONTOS DE DÉLIA

1. UMA HISTÓRIA DE ONTEM (1881)

Conto por Délia

I

É NOITE E OS ESPETÁCULOS TERMINARAM.

A essa hora recolhe-se a porção honesta da sociedade ao seu lar, bocejando e comentando alegremente as cenas que viu representar.

A outra, composta de viciosos, vadios e desgraçados de toda a espécie, começa a sair dos seus escaninhos ou antros, para reatar a vida vegetativa que a alimenta.

Em pouco tempo, o ruído dos bondes, dos carros, do falar e vozeria dos transeuntes se perde ao longe e apenas ressoam, de quando em quando, gargalhadas saídas dos botequins.

Um grupo de rapazes dirige-se a uma casa de bela aparência, sita ao largo do Rocio.

Aí morava uma cortesã brasileira, a quem apelidavam de *Alegria*.

Subiram como velhos conhecidos e foram penetrando até ao toucador, onde se achava ela, deitada em um divã. Era alva, bem-feita, provocante; naquele momento parecia cismar e nessa calma atitude, a sós, sem necessidade de afetar, causava admiração e interesse, elevando-a a distinção do seu todo acima do que era ela.

Além da beleza da excentricidade e do luxo, reconheciam-lhe espírito; muito gastava o demônio, pagava pontualmente, escolhia os seus conhecimentos, era, enfim, original, contribuindo tudo isso para colocá-la em brilhante esfera.

Fora por ela escolhido esse apelido de *Alegria*, em momento de sombria tristeza, estado a que era muitas vezes sujeita.

Nessa noite não quisera ir ao teatro por achar-se indisposta, *spleenética*, e esperara os seus convivas de ceia; vendo-os levantar o reposteiro, disse:

– Entrem! Previno-lhes de que estou hoje com os meus *bleu devils*; tratem, pois, de distrair-me.

– Não havia necessidade de dizê-lo para que o compreendêssemos! observou *Lisboa*, moço de trinta anos, amanuense de secretaria. Eram os outros: Alfredo Silva, advogado, Luiz, que estudava por esse tempo o terceiro ano de medicina, Gonçalves, corretor de fundos, cinquenta e cinco anos, Alves, literato, trinta e sete anos; todos *habitués* do toucador de *Alegria*.

Tinham eles licença de apresentar os amigos, desde que fossem agradáveis, ricos e inteligentes.

– Quando ceamos? perguntou Gonçalves.

– Já! disse a moça, erguendo-se e dirigindo-se à sala de jantar, aonde todos a seguiram.

Abundante e escolhida era a ceia, arejada a sala, guarnecida de espelhos a refletirem luzes, convivas, cristais, havendo muitas flores na mesa e nos aparadores, porque as adorava a moça.

– Senhores! disse o estudante, lembremo-nos da tristeza da nossa soberana.

Sorriu-se o corretor e, enchendo de *champagne* a taça da formosa criatura, disse:

– Mate o aborrecimento.

Reclinou-se *Alegria*, estalando os lábios umedecidos pelo espumante néctar, saboreando-o, bebericando-o e perguntou:

– O que há de novo?

– O que há? disse o estudante, é que o Otávio Antunes esteve no teatro e perguntou muito por ti, mostrando vivo interesse.

– Ah! fez ela com muita indiferença – Por que não o trouxe?

– Ora! Sabia que vínhamos, podia, portanto, acompanhar-nos.

Esgotou a moça a taça de *champagne*; enrubesceram-se-lhe as faces, com mais fulgor brilharam os olhos, mostrando-se ela jovial... Era essa a primeira fase da embriaguez e a distração que aos convivas pedira.

Quando a atacava o *spleen*, sem abuso procurava no vinho fictícia alacridade, mas em outras ocasiões de profundo desalento, continuava a beber até passar da loquacidade à melancolia, caindo no embrutecimento.

Preferiam-na os seus companheiros de ceia na primeira fase, porém só atendia ela à sua mórbida vontade.

II

ALGUNS MESES DEPOIS, ACHAVAM-SE ESSES MESMOS homens com outras mulheres reunidos no gabinete particular de um hotel.

Era quase meia-noite e chovia abundantemente; enquanto havia lá fora tristeza e insipidez, reinava ali a agitação e o prazer delirante.

De repente assomou *Alegria* à porta, sendo saudada como bem-vinda; trajava elegante, mas severo vestido, a desenhar-lhe as formas esbeltas.

Pálida, com meigo sorriso, cumprimentou aquelas mulheres extravagantemente vestidas e aqueles homens exaltados pelo vinho; não mais parecia a cortesã cínica, dir-se-ia uma mulher superior, insciente da cena a que assistia.

Olharam-na todos um tanto surpresos; só Otávio Antunes, médico, recentemente chegado da Europa, só ele experimentou, ao vê-la, diversa impressão.

Tinha trinta anos, inteligência rara, bom gosto e muito aproveitara no velho mundo; pertencendo à plêiade dos moços de bom-tom, quis ser apresentado a *Alegria*, sentindo-se singularmente abalado, embora soubesse que a semelhantes mulheres só se presta ligeira atenção.

Procurou tranquilizar-se, dizendo que já não era nenhum calouro, nem tinha vinte anos, apesar, porém, de todos os raciocínios, não pôde furtar-se à ardente curiosidade que lhe causava ela.

Com a delicadeza de um espírito que o vício não pudera contaminar, viu a distinção da moça, o seu cultivo intelectual e compreendeu que dominara essa mulher em outra esfera, como ainda imperava no aviltamento, sucedendo bem depressa a simpatia à curiosidade e logo depois à paixão.

Seguia ele o anjo caído, tratando-o com certo apreço de que, nem sequer, se apercebia; pudera ser feliz possuindo-a, mas, embora homem do mundo, interessante e audaz, sentia-se mal junto a ela e sofria, vendo-a rebaixada.

Notaria a moça essa paixão e esses escrúpulos?

– Não me esperavam, não é verdade? disse ela.

– Tardaste e julgávamos que não mais viesses, disse o corretor.

– Chovia, fui deitar-me, não tinha sono; lembrei-me de que aqui se achavam e vim.

– Estás triste ou contente? perguntou o estudante.

– Assim: nem uma, nem outra coisa, respondeu ela.

Otávio, que discretamente descobrira o meio de sentá-la a seu lado, contemplava-lhe o perfil, suavizado por uma expressão de absoluta calma, seguindo-lhe as linhas do seio a arfar de leve, desse esplêndido seio tantas vezes admirado e agora modestamente oculto pela escura seda do vestido afogado.

No ânimo de Otávio confirmavam o traje honesto e o todo elegante e altivo a suspeita de que tinha talvez essa mulher um passado tormentoso e isto, aumentando-lhe a compaixão, embargava-lhe a voz.

De súbito, em tom de remoque, disse-lhe ela:

– Parece artista! Estudou bem o meu perfil!

– E quem vendo-a, poderia não sê-lo? replicou ele com voz trêmula.

Franzindo o sobrolho, arrebatadamente inquiriu ela:

– Por que me trata o senhor com certa consideração? Não vê que a não mereço e que nesta sociedade é irrisória?... Faça como os outros!

– Disponho de alguma filosofia; considero a mulher sempre digna de atenções, e, pela experiência do mundo, habituei-me a ter compaixão de muitas! respondeu Otávio.

– Então! perguntou com amargo sorriso – infundo-lhe pena?

– Mais que qualquer outra, pois julgo que em sua vida houve talvez uma desgraça que a impeliu ao abismo; em tudo mostra a passada superioridade.

– Engana-se! disse friamente – Verá como mereço a realeza do vício.

Então começou a provar as iguarias, bebendo de quantos vinhos enchiam as garrafas espalhadas profusamente sobre a mesa; na fase alegre teve espírito mordaz, ridicularizou o que há de mais sagrado na terra; na fase triste, teria feito chorar os convivas, se não estivessem como ela *espiritualizados*.

Só Otávio não bebia, com pesar mirava a fronte inteligente que se obumbrava nos vapores do vinho, ouvindo a boca deliciosa morder e manchar o que há puro no mundo, ao passo que lhe fitava com doentia lascívia os olhos brilhantes como estrelas.

À medida que prosseguia a embriaguez, sentia-se ela opressa, desabotoava a roupa rindo como bacante, dizendo frases sem nexos, soluçando às vezes e bebendo inconsciente e sôfrega.

Quando afinal pendeu inerte e muda a pobre desvairada, deitou-a Otávio no canapé, sentou-se-lhe ao lado, conservando-se sombrio à espera que acabassem de cear para levá-la à casa.

III

NA SEGUINTE NOITE HAVIA ESPETÁCULO NO teatro lírico; aí se achava *Alegria*; encontrando Otávio à saída, ofereceu-lhe um lugar no carro.

– Então! – disse ela, ainda tem pena de uma mulher como eu?

– Mais do que nunca!

– Mas eu deveria causar-lhe asco!... Fi-lo de propósito.

– Por quê?

– Porque, desgraçadamente para o senhor, vejo que lhe inspirei tal ou qual paixão e queria salvá-lo; não por bondade, visto não ter alma uma mulher perdida, porém, como já em outros me vinguei do mal que me fizeram e estou mais calma, não queria magoá-lo... Desejo afastá-lo de mim.

– É inútil! dia a dia aumenta a minha paixão; ao princípio resisti a mim mesmo e já não posso!

– Então mate-a com a posse, ponderou ela, calmamente.

– Padeceria muito!... mas há um meio de tudo conciliar: sairmos da corte, vamos para qualquer província ou mesmo à Europa e viva só comigo. Além do meu afeto, terá tudo quanto possuo; faço-lhe esta proposta por ver que, apesar de tudo, me compreende e talvez lhe aproveite o isolamento. Tenha dó de mim: cheguei ao limite a que pode atingir a dignidade humana!

Tomou-lhe *Alegria* a mão, apertou-a entre as suas, murmurando:

– É impossível! Lastimo-o sinceramente, porque também já conheci esse estado, mas sou um ente votado à perdição. Seria mais fácil impedir com seus frágeis braços o curso de uma torrente, do que pôr um paradeiro à voragem que me arrasta!... Serei sua quando quiser, porém não deixarei meus hábitos.

Se, ao contato da minha impura vida, se retrai o seu amor, procure esquecer na orgia a febre que o devora. Olhe: Eulália, essa moça com quem às vezes me vê, é admiravelmente bela, peça-lhe o olvido.

UMA HISTÓRIA DE ONTEM

– Não! nunca! disse Otávio com desespero.

Durante um minuto contemplou-o com interesse e, suspirando, disse:

– Tentei salvá-lo por todos os meios e isso me consola. Contar-lhe-ei amanhã a minha história, mas, depois da narração, quero uma ceia esplêndida. Vá ver-me às oito horas da noite.

Adeus!

(CONTINUA)

DÉLIA

Coluna “Letras”, Uma história de ontem (1881)

O Paiz, ano 4, n. 1123, p. 2, quarta-feira, 02/11/1887

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=4619

UMA HISTÓRIA DE ONTEM (1881)

Conto por Délia

IV

NO DIA SEGUINTE, FEBRIL, IMPACIENTE, ACHAVA Otávio as horas muito lentas, parecendo-lhe que não chegava a noite; enfim, como tudo chega e passa no mundo, viu ele marcarem os ponteiros 7h30, e saiu dirigindo-se à habitação de *Alegria*.

Ordenara ela à criada que só a ele deixasse entrar, desculpando-a com quem quer que a procurasse; anunciado o moço veio-lhe ao encontro e levou-o ao toucador: estava pálida, triste e nada mais tinha da cortesã.

– Prometi contar-lhe a minha vida, satisfaço-lhe o desejo, mostrando-lhe assim a simpatia que me inspira: advirto que, há muito, fecharam-se sobre o passado a minha boca e a minha memória.

Recostando-se no divã, convidou-o a sentar-se a seu lado e disse:

– Por sua causa vou exumar muitas dores e amarguras, porém, depois de tantos anos, sinto uma volúpia lancinante em evocar esse passado que foi a minha vida, a minha tortura e a minha perdição!...

Quando *alguém* era eu na sociedade, chamava-me Maria; pouco importa o nome de família.

Nasci na abastança, conheci os carinhos dos pais, dos amigos e até dos fâmulos fui em extremo querida.

Mais tarde, no colégio, a par da instrução, vi e tomei parte nas intrigas, nas malícias, nesses germens de más paixões que principiam na meninice e que, com o tempo, ou desaparecem no conchego do lar e da ventura, ou prodigiosamente medram com as desilusões e perversões do mundo.

UMA HISTÓRIA DE ONTEM

Moça, inteligente, apaixonada, depois de voltar por alguns salões e divertimentos, casei-me, mas não fui feliz; provinha a minha desventura da diferença dos nossos gostos, educação e pensar.

Sofri, porque amava ou julgava amar o homem a quem ligara o meu destino; só depois de muito tempo, de muitos desgostos e dissabores, cuja intensidade se avalia, mas não se define, logrei bani-lo do meu espírito e do meu seio.

Exaltada, procurei na leitura consolo e distração; tinha o amor do estudo, do belo, de tudo que é grande e nobre e a isso devo o ter vivido alguns anos pelo espírito, esquecida da parte material do meu ser; esta, porém, apenas dormitava: não longe estava a hora do seu terrível despertar.

Completara vinte e sete anos; apesar de tantos desenganos, conservara-me honesta, se bem que muita vez se desviasse o pensamento, desejando aquilo que não devia, mantendo-me no bom caminho o freio da educação, do exemplo e do recato.

Pude assim vegetar algum tempo; a imaginação, *[ilegível]* livre, impetuosa a mocidade, possuindo eu uma e outra.

Quanta imagem sedutora povoou meus sonhos, minhas vigílias, meu cansaço, mas, ainda adicta ao bem por ténue laço, à beira do abismo esperava eu pelo sopro da paixão!

Oh! senti-la-ia, além dos meus desejos, acima de minhas forças, mais do que é dado à criatura experimentar e comportar!

Ainda hoje, perdida, morta, miserável, estremeço eletrizada e dolorosamente ferida pela recordação dessa época, como estremeci e espantei-me então, aos primeiros sintomas desse delirante amor!

V

HAVIA EU CONHECIDO O PESAR, a decepção, o tédio e a febre dos sentidos, sendo essa a última fase a que chegara, ansiando por uma alma igual à minha, por um espírito carinhoso que me compreendesse e consolasse desse vazio do meu passado.

Oh! por que não morri com todos esses anseios e na crença de que era desgraçada?!

Se tal sucedesse, teria sucumbido feliz, pois todo esse penoso passado nada era em comparação ao que me estava reservado.

Na idade a que chegara, atingira a minha organização o seu completo desenvolvimento; justamente nesse momento psicológico, existia no Rio um homem de notável distinção, cujo nome calo, porque recusariam meus lábios pronunciá-lo.

Era belo, dessa beleza arrogante e fatal, que arrasta e escraviza; nenhuma nuvem, nenhuma emoção turbava a limpidez do seu olhar altivo; elegante e de alevantado espírito, imperava pela inteligência e pela plástica.

Ao vê-lo, tive deslumbramentos, mas não trairia o meu sentimento, se dele não partisse a iniciativa, asseverando-me que o fascinara eu, cativando-o de todo.

Nos primeiros tempos, deu-me os transportes de verdadeiro amante; a pouco e pouco, porém, escassearam esses arroubos, amando-o eu mais que nunca.

Assemelhava-se ele ao Apolo de Belvedere; contemplando-o, extática, sentia-me em artista ante aquela divina manifestação da forma, deixando-se o vaidoso admirar e idolatrar.

Com que fervidos beijos moldei as curvas graciosas do seu corpo, as linhas do seu rosto, inebriando-me a expressão do lindo semblante, suavizado por delicada lascívia!

Se me pedisse esse homem crimes ou ações grandiosas, tudo faria eu em completa isenção de ânimo, pois ninguém no mundo jamais imperou tanto sobre outra criatura, absorvendo-a inteiramente.

Junto dele, alucinada pelo seu amor, se me afugentavam remorsos, pesares e dores; conhecendo todo o domínio que sobre mim exercia, talvez por isso se tornasse menos expansivo, dedicado e terno.

VI

VENDO-LHE O OLHAR DISTRAÍDO, compungia-se-me o coração, receoso de que menos me quisesse ele, ou que de mim o afastasse a sociedade; louca de terror, indagava da causa do seu mutismo; docemente sorria ele, dizendo-me que o sufocava a emoção.

Nas primeiras vezes acreditei, porque de ordinário é crédula a mulher apaixonada, mas com o decorrer do tempo abriu-me o ciúme os olhos e muito padeci.

Quanto punge a desconfiança! É maior tortura para um coração amante.

Desconfiei de tudo e de todos, amiudei muita cena violenta, sobrelevei o arrebatamento em vão; impassível conservava-se esse homem sistemático, certificando-me eu só pelos seus olhos de que ora parecia sofrer e ora revoltava-se, sem nunca proferir uma palavra grosseira, nem fazer bruscos movimentos, sempre correto.

Matava-me aquela impassibilidade; preferia vê-lo com todas as irritações que produz a injustiça, pois, ao menos, teria a certeza de que eram infundadas as minhas suspeitas.

Hoje mesmo não sei qualificar esse ente, nem a espécie do afeto que me votava; há naturezas impenetráveis, até na maior intimidade; no entanto, procurei decifrar esse enigma vivo com toda a percepção do meu espírito e da minha sagacidade feminil: baldado esforço! Se convivêssemos vinte anos, conhecê-lo-ia tão pouco como no primeiro dia!

À medida que a mim se habituava e porventura se enfastiava, mais o apreciava eu, estremecendo-o com ternura: amava-o com a alma, com a inteligência e até com o

UMA HISTÓRIA DE ONTEM

corpo; nele estavam todas as minhas faculdades – nada mais possuía eu de mim mesma!

Era fanatismo; e, como os fanáticos, devia morrer pelo meu culto!

Um dia, enfim, depois de muita instância, deu-me a razão desse abatimento e desse mutismo... necessitava de movimento, desejava um pouco de liberdade, sofria com as minhas injustas suspeitas, pesava-lhe a minha dedicação...

Ah! Otávio! neste momento, em que narram os lábios da cortesã as dores da mulher infeliz, ainda sinto no peito as afiadas garras das aflições que então me dilaceraram!

Disse-me ele essas palavras ao despedir-se de mim, calculando talvez o efeito que produziriam; fulminada, deixei-me cair em uma cadeira.

Esse homem, que jurara amar-me sempre, já tinha necessidade de agitação e quiçá de um outro amor, não lhe bastando eu como ele a mim; no entanto, me havia eu dado toda inteira, cativa, enlevada!

Era o último amor da minha vida, eu o sentia, eu lho repetira mil vezes, assegurando-lhe que, ao perdê-lo, só me seria reservada a morte ou a perdição, porque ninguém sobrevive à perda do ente que se ama, com a veemência com que o queria eu!

Disso sabia ele; entretanto, tivera a coragem de propor-me uma liberdade relativa, como se tal liberdade fosse compatível com a minha permissão, como se a verdadeira liberdade comportasse freios, e não irrompesse impetuosa, qual toda paixão violenta e grandiosa!

(CONTINUA)

DÉLIA

Coluna "Letras", Uma história de ontem (1881)

O Paiz, ano 4, n. 1124, p. 2, quinta-feira, 03/11/1887

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&PagFis=4623

UMA HISTÓRIA DE ONTEM (1881)

Conto por Délia

VII

AMALDIÇOEI O AMOR QUE ME TRUCIDAVA, amaldiçoei esse homem de um egoísmo descomunal e desejei morrer; horas e horas soluzei sem derramar uma lágrima, parecendo estalar o meu peito pela compressão dessa dor incomensurável.

Louco! espezinhava o coração idólatra de uma mulher fascinada, sem mesmo cuidar se jamais encontraria outra alma, onde tanto imperasse.

O que sofri não tem nome nesse vocabulário das dores, que constitui o martirologio humano; quando amanhecia, saltava com horror do leito, flagelada pela insônia, correndo ao espelho, julgando-me encanecida, surpreendendo-me ao ver os cabelos sempre negros!

Mentiram os historiadores narrando encanecimentos ocorridos em uma noite; mentiram, porque não era maior que o meu profundo desespero a intensidade dessas dores ilustres, por eles comentadas!

Emagreci, causando estranheza o meu desalento; como um corpo sem alma, vagava pelas ruas, entrava nas igrejas, deixando-me cair de joelhos e murmurando:

– Meu Deus! transplanta o inferno do meu peito para o dele! Faze com que padeça algum dia o que tenho sofrido! Outorga-me o esquecimento, bane do meu espírito essa maldita imagem que tanto me persegue!

Automaticamente saía, continuando a caminhar, a fim de cansar o corpo; lutei, chorei, maldisse, mas, não podendo olvidá-lo, procurei-o, disse-lhe que me sujeitava ao que ele quisesse, tremendo-me os lábios ao proferir estas palavras e ardendo em febre.

Prometi deixá-lo proceder a seu talante, não aborrecê-lo com ciúmes e mostrar-me sempre calma; satisfeito, aceitou, sem cogitar quanto me custaria esse supremo esforço.

Dali em diante foi um verdadeiro inferno a minha vida: tornavam-me louca a inquietação, o zelo, a raiva, o ódio, a impossibilidade de arrancar do seio aquele amor maldito, enfim, uma existência de precito!

Quando me acariciava ele, quando ternamente me contemplavam seus olhos, sorria-lhe eu, sentindo sufocarem-me os soluços e pedia a morte em seus braços: desejando deixá-lo para livrar-me do seu império, ainda queria senti-lo junto a mim nessa hora extrema.

Tentei salvar-me dessa obsessão, desse doloroso amor, filho do crime, procurando o bulício; nos bailes, aspirando o perfume das flores, deslumbrada pelas luzes, escutando as ardentes palavras que me dirigiam, ouvindo o tinido dos cristais e a harmonia da música, seguindo o voltear das danças, dilatavam-se-me as narinas, arfava o seio, fervia o sangue.

Se, então, pudesse eu raciocinar, concluiria que, sem o amor que me martirizava, começaria em mim o culto da matéria surgindo a infrene cortesã dos destroços da minha alma ardente e desiludida; mas era mui passageira essa impressão, entristecendo-me a cadência da valsa, evocando a imagem do amado.

Estúpidos e banais pareciam-me os homens, aliás inteligentes, que me rodeavam; enfasiada, quebrantada, dirigia-me ao toucador, a fim de tomar a manta; aí, ouvia uma mulher calma e risonha dizer a outra:

– Retiro-me; a esta hora acorda meu filho à espera dos doces que lhe prometi.

Olhava-a eu rancorosa, invejando-a e dizendo de mim para mim:

– Quem sabe! talvez me salvasse um filho! talvez muito o amasse eu, conseguindo assim esquecer esse homem!

Taciturna saía do baile, passando como um fantasma entre os vivos.

VIII

INDIGNAVA-ME A ALHEIA FELICIDADE; por que existiam criaturas venturosas, que sorriam, enquanto atrozmente padecia eu?!

Odiei o próximo, deslembrada de que encobre o riso a lágrima, oprimindo a mais cara alegria mais que a própria dor na sua amarga expansão!

Dando esmola aos pobres, suplicava-lhes que pedissem a Deus a paz para o meu espírito; baldados rogos, abandonavam-me ao desespero Deus e a humanidade.

Assim vegetei algum tempo, fazendo sobre-humanos esforços para conter os ímpetos do ciúme e da revolta; tentei então provocar-lhe o zelo, fui a festas, vendo-me sempre rodeada e festejada, ficando ele sério, de mau humor e nada mais, encorajado pelo orgulho ou pela indiferença.

Nessa época enviuvei, deixando-me fria a plenitude da liberdade; é que chegara muito tarde, quando já havia eu obliterado a faculdade de apreciá-la devidamente!

Passara o meu amor pelas fases as mais extremadas, tendo somente uma última qualificação – monstruoso, resistindo o meu cérebro à loucura como meu corpo à morte; por isso afirmo que as torturas morais nem enlouquecem, nem matam, salvo quando cérebro e corpo, pelo enfraquecimento ou pela moléstia, não podem suportar maiores abalos, descambando então no aniquilamento.

Um dia, presa de insensato ciúme, resolvi sopitar meus sofrimentos, desfigurando ao meu amante; comprei a substância corrosiva que devia decompor-lhe o rosto e esperei-o com ansiedade.

Chegou, risonho e calmo; olhei-o com rancor, e empunhando febrilmente o frasco fatal: nesse momento, beijou-me, tomando seu formoso semblante expressão tão meiga e adorável, que me desarmou de todo.

Era eu, como já disse, um tanto artista; engrandecera-me o espírito a cotidiana contemplação da sua formosura, a ponto de sufocar a cruel satisfação do meu ciúme, achando-me eu quase sacrílega e preferindo matá-lo a desfigurá-lo.

Queria, depois de o ferir, aspirar-lhe o último suspiro com fanatismo, contemplando-o sempre belo, soberano, sem contrações na fisionomia; matá-lo-ia por surpresa, esperando uma ocasião em que sorrisse.

No banco dos réus, na enxerga dos condenados, até cessar de viver, desejava poder evocar a sua imagem e vê-la, mesmo cadáver, sedutora, fascinante, com esse cunho de supremo fatalismo com que me prendera, perdendo-me para sempre: última volúpia que pedia à sua lembrança; bem pouco era, em comparação ao que lhe dera eu!

Cedendo ao império do belo, deixando-o com todos os encantos, obedeci ao último lampejo do meu espírito que se perdia.

IX

TENTEI MATAR-ME: MUITAS VEZES, à noite, sentada sobre as pedras da praia de Santa Luzia, mirando o mar, o horizonte, as trevas misteriosas e o céu nublado, desejei a morte; arrepiava-me, porém, a ideia da impressão da água fria sobre a pele abrasada pela febre e apavorava-me o desfiguramento dos afogados, recuava; principalmente temia que me contemplasse ele no necrotério, inchada, horrenda!

Era a faceirice da mulher, dominando-a e preocupando-a além da vida, ou era covardia? Creio que uma e outra coisa; fosse, porém, o que fosse, o certo é que não tive a coragem do suicídio, muito embora quisesse ardentemente morrer.

Durou dois anos esse martírio!

Um dia, transviada, resolvida acintemente a vingar-me, louca, sem plenitude da intelectualidade, sem saber como, entreguei-me, enojada, mas febril, a um dos néscios que me cortejavam.

Era o meu corpo que o ente amado prezava; pois bem, manchei esse corpo e atordoei meu novo amante com meus beijos de sabor um tanto acre, efeito talvez da íntima amargura.

Quando, depois dessa falta, tornei aos seus carinhos, abeberou-se minha alma em cruel satisfação: dava-lhe a face ainda impregnada do hálito de um outro, a quem não amava e que lhe era somenos!

Coisa estranha! ele, que, de ordinário, deixava-se admirar e como paxá recebia meus afagos, com os olhos semicerrados e os movimentos frouxos, então ardentemente me estreitava, apertando-me os braços a ponto de os magoar e enchendo-me de beijos a boca, as faces e os olhos.

Pálida, fria, com o seio opresso, tirando a vista do meu corpo nodoado para fixá-la no seu adorável semblante, transfigurado pela intensidade do desejo, apertei-o também frenética e voluptuosamente, ansiando sufocá-lo em convulsivo amplexo.

Cerrei as pálpebras, constringi os queixos para conter meus gritos, pois causava-me seu tépido contato um certo mal-estar, e supor-tei todos os seus desusados transportes.

Olhou-me em êxtase; abri por minha vez os olhos, donde as lágrimas correram.

– Choras? inquiriu ele.

– Isto não é lágrima, é sangue! respondi, sorrindo e soluçando.

– Mas o que tens? Dize! insistiu.

– Nada! estou nervosa, deixa-me só!

Saiu e vi-me face a face com o meu aviltamento nu e cru; compreendi o horror do que fizera e tive nojo de mim mesma! Apenas servira o meu amor tão grande e tão exclusivo para encaminhar-me ao opróbrio, e, no entanto, sentia-me capaz de todos os devotamentos, sacrifícios e grandezas.

Que insondável abismo era o meu coração!

Arrepêndida, trêmula, encarando como juiz severo, a ele, cujas deslealdades para comigo me eram conhecidas, escrevi-lhe, superexcitada, a seguinte carta, de que ainda me lembro:

“Oh! melhor que ninguém sabes se te amo: em tudo te demonstro essa infinita idolatria! Não sei manejar uma arma, mas se me pedisses um crime, minha mão certa o perpetraria, guiada pelo coração, teu escravo!

Amo-te até à insensatez e ainda me parece comedida a insensatez, comparada ao que tumultua em meu peito! Amo-te com extremos maternos, com fraternal meiguice e com todos os ímpetos de uma paixão desabrida! Sabes em que deu tudo isso?... a que me levou este afeto?!... À infâmia! Sim, amo-te, adoro-te e tenho outro amante! compreendes isto? Só tu tens culpa da minha miséria! Por que não me amas com o exclusivismo e ardor com que te amava eu? por que essa frieza que te faz parecer egoísta?... Mas, perdoa-me, mesmo assim, não deveria eu desforçar-me, traindo e aviltando-me, perdoa!

Dize, ordena o que quiseres; por mais absurdo que seja, farei! Queres que abandone os meus para viver contigo, afrontando o universo, morrendo para todos, indiferente a tudo, feliz em dedicar-me a ti, em te amar somente, embora reconheça que não retribuirás igualmente o meu amor?

A nenhum homem mais dirigirei a palavra; só a ti verei e não me queixarei nunca! Oh! acredita, falo-te com a alma inteira, chorando, desesperada!

Responde-me, mas responde depressa!”

Assim me exprimi eu esperando uma resposta, onde claramente se espelhasse a sua alma, magoada pelo despeito e pelo ciúme: lentas passaram as horas, pungindo-me, e, no dia seguinte, recebi algumas linhas, infundindo-me calma e desculpando minha falta, filha da impetuosidade de meu caráter, dizia ele. Pedia-me que não tornasse a ver o outro, nem a traí-lo e marcava-me uma entrevista para aquele mesmo dia; quanto à proposta de afrontar o público, achava-a extravagante e de péssimas consequências, perdendo-se em divagações sobre os resultados de tais sacrifícios.

Lendo a carta, duvidei dos meus olhos e da minha razão: operou-se em meu espírito medonho descalabro, caindo por terra o tênue véu com que tentava, de há

muito, iludir-me sobre a natureza daquele ente: via, então, claramente o monstro de egoísmo que se ocultava sob aquela graciosa forma.

Com extrema coragem e feroz irritação encarei a ilusão que me fugira e o hiante abismo de minha alma revoltada, onde o desespero se chafurdaria em delirante saturnal; perdera aquele amor de luz infinita; pois bem, para o arrancar do seio, lançar-me-ia em outra imensidade, embora de lodo!

Esperei-o com ânsia, nesse dia, em que o via pela última vez: enfeitei-me para que lhe fosse agradável a impressão e viva a lembrança dos meus encantos; foi ver-me: contemplei-o com o embevecimento de sempre, beijei-o com idolatria, gravei no meu espírito a sua imagem, não esquecendo a expressão do rosto, nem a mínima particularidade da sua pessoa, havendo na minha contemplação, no meu olhar, um não sei que de tristeza e gravidade, que o impressionou.

– Sofres? perguntou.

– Amo-te! disse-lhe eu, e nesta resposta queria significar-lhe que sofria porque era o meu amor medonho suplício!

Sorriu-me com ternura, afagou-me os cabelos, a fronte, o colo, com seus lábios tépidos, aspirando o meu corpo, apertando-me ao peito; entreguei-me aos seus transportes com indefinível amargura: pela minha própria vontade e por todo o sempre, devia eu abandonar esse homem adorável, esse ídolo!

Deixava-o, fugia, porque dele duvidava e da intensidade do seu afeto e também por amá-lo demasiado; parece incrível, absurdo, não? Entretanto tal é a realidade.

Se, em vez de assim padecer, me sujeitasse à situação criada pela sua indiferença e pelos meus extremos, quem sabe o que houvera acontecido?! Ao despedir-me, apertei suas mãos entre as minhas, olhei-o demoradamente e beijei-lhe os dedos com esse beijo casto e tímido com que beijamos os santos; apenas, porém, saiu, escrevi-lhe, dizendo que não mais procurasse ver-me, que me olvidasse e fosse feliz; escrevi sem tremer, sem chorar; era uma resolução formada de há muito em meu espírito e que eu adiarda, como se adia o suicídio.

Estava em casa o meu passaporte para a Europa e tudo ignorava a minha família; partia, como quem foge e na verdade fugia aos meus, à sociedade, ao mundo; entretanto, tinha mãe e que mãe afetuosa!

Na véspera de embarcar, antes de recolher-me aos meus aposentos, apertei-a em meus braços, beijei-a com encarecimento, com desesperação; sorria a pobre, mas assustou-se com a palidez do meu rosto; não lhe dei tempo de falar, uni meus lábios aos dela e osculei com dor essa boca que me ensinara a amar, a perdoar, que sempre me sorrisse, que se conservara pura e que por mim rezaria!

Oh! minha mãe!...

Na manhã seguinte embarquei, vivendo desde então só; escrevi à triste mãe uma carta, que era a síntese dos meus martírios e uma súplica de perdão.

Fui a Paris, conseguindo tornar-me conhecida pela desenvoltura de meu viver e pela excentricidade do meu caráter; não se abriu minha porta a nenhum homem que falasse o meu idioma, se alguma vez, nos delírios da embriaguez, traí acaso o meu segredo, ficou ele ignorado para os meus convivas.

Depois de causar em Paris mais de uma ruína, dirigi-me à Bélgica, à Áustria e à Rússia, deixando por toda a parte, como rasto da minha funesta passagem, a desgraça e o cinismo luxuoso.

Consegui perder toda a noção do bem e muitas vezes sentindo a pressão dos apaixonados beijos de alguns desventurados por mim espoliados e que ainda mendigavam a entrada da minha casa, eu, insensível, pensava na *toilette* que à noite vestiria.

Nesses loucos, fascinados pela minha beleza, vinguei-me de todos os pesares e angústias passadas, fazendo-os pagar por um milhão de lágrimas cada um dos meus desgostos.

Enquanto por lá andei só tive um bom impulso – querer notícias do Brasil, lendo avidamente os jornais que aqui se publicavam; três anos depois, nessa coluna votada aos mortos, vi o nome de minha santa mãe. Podia, pois, voltar, regressando com

amarga volúpia à pátria, onde sofrera cruciantemente, mas que tem peculiar encanto, até para os entes da minha espécie.

Assinalou-se a minha chegada por um episódio semelhante ao da heroína de Dumas filho, se bem que não me houvesse eu com aquela sublime generosidade que, só por si, bastaria para redimir a pobre Margarida Gauthier.

Arruinara-se por mim um rapaz, e, um belo dia, apareceu-me o pai, pedindo-me que renunciasse ao filho; respondi-lhe que nada faria para afastar ou reter o jovem.

– Lembre-se, disse-me ele, que leva a desonra a uma família inteira!

Escandalizei-me a estas palavras e, erguendo-me irada, ferida pelas recordações passadas, bradei:

– Também tive família, nome, felicidade; tudo me tiraram, sendo-me hoje indiferentes as dores alheias! Converta seu filho, se puder, e não volva a importunar-me!

Saiu esse homem, amaldiçoando-me; pouco depois suicidou-se o filho, completamente miserável, sem coragem para trabalhar, nem também para descer os últimos degraus da infâmia.

Por derivação simpática do sofrimento ou por influxo de algum germe do bem que porventura ainda reste em mim, propendi para a caridade, e a exercitei com o desinteresse que lhe é esmalte, sem considerar em agradecimento ou retribuição nesta ou noutra vida, seja qual for o fim que se me reserve.

Às vezes, molemente reclinada em meu carro, via um mendigo em alguma porta; chamava-o, dava-lhe esmola, questionava-o; outras vezes, sucedendo não trazer dinheiro comigo, convidava-o a sentar-se a meu lado experimentando certo desvanecimento em fazê-lo passar pela surpresa de comodidades que ignorava.

Julgava-me o pobre alguma princesa e ao princípio acanhava-se; não sabia ele que, das nossas duas misérias, era a sua a mais nobre!

Vendo-me passar em semelhante companhia, escarneciam os homens, não admitindo que eu, a mulher de mármore, só por caridade e para aliviar a penúria e a

miséria de infelizes, desse os restos do ouro com que compravam os imbecis os meus sorrisos, roubando para isso aos filhos e à família!

Uma noite, achando-me eu em casa, por acaso sozinha, vi assomar à porta da saleta esse homem, cuja lembrança dormitava em meu passado: estava moço, belo, um tanto pálido, sorrindo contrafeito, entre o receio de uma má recepção e o desejo de verme sob os ouropéis de cortesã.

Sem voz, sem força para mover-me, deixei-o acercar-se de mim, debatendo-me eu intimamente, como sob a ação do pesadelo, quando queremos fugir e não podemos.

Caminhou ele, aproximou-se e sentou-se no mesmo divã, iluminando-me com aquele magnético olhar do antigo senhorio com que me cativara, sem um vislumbre de tristeza, sem reminiscências do cruel passado, parecendo até preferir-me, achar-me mais bela e apetitosa na presente baixeza!

Há homens para os quais serve a podridão de ímã!

E me tomou a mão... A esse contato, quebrou-se o encanto; ergui-me hirta, com estertor na garganta e apontei-lhe a porta; recuou e desapareceu ao aspecto da minha fisionomia.

Sumira-se a cortesã; ressuscitara a dor a pobre desvairada de outrora, retirando-se o infame, confuso, ante a dignidade da mulher ofendida.

Ouvindo extinguir-se o ruído de seus passos, tomou-me o peito uma espécie de sufocação, sucedida de ruptura e perdi os sentidos; era a contenção da minha alma, dos meus nervos, do sangue afluído ao coração, alternando o equilíbrio do meu organismo, agravando a afecção cardíaca que me mata!

Apesar da minha abjeção e da indiferença de ânimo com que me atufava no lodo, ser-me-ia impossível receber aquele homem como a qualquer outro: perante ele acordaria toda a minha castidade primitiva, irrisória talvez, mas real!

Sempre que o encontro em orgias retiro-me desesperada, doente, revoltada contra esse espectro que me atormenta, até na devassidão!...

Eis o que fui e o que sou, Otávio: primeiro um ser que sofre e não é compreendido, depois, lama atraente, dourada e afinal, imundo pasto de vermes!... Tu não me deves amar!

Mudo, aniquilado, ouvira-a Otávio. Como o combalira aquela narração!

Frinea de nova espécie, despira-se essa mulher de todo o atrativo do pudor, do dever e do bem, para se lhe exhibir em esplendorosa hediondez moral, não conseguindo o seu intento: salvava-se – não se perdia no espírito de Otávio.

E como não se salvaria, possuindo ela a dupla realeza da beleza e do talento, mostrando-se mais uma pobre enferma de nevrose mental, do que uma corrompida mundana, desenhando-se antes uma vítima de fatal infortúnio do que de perversão ingênita, e através dos países em que imergira o corpo, conservando sempre o reflexo da origem divina de uma alma alevantada, compreensiva de todas as nobrezas e heroísmos.

Seguindo-lhe as fases da vida, adivinhando-a num olhar, numa inflexão, num dito repentino e espontâneo, sofria Otávio com ela e a amava ainda mais, proscrevendo a faculdade de raciocinar para avassalar-se inconsciente ao sentimento da piedade e ao fervor do culto. Sucede assim em situações análogas.

Contemplou-a ele detidamente e beijou-lhe convulso as mãos; empalideceu *Alegria*, segurou-lhe a cabeça e por sua vez beijou-lhe com reconhecimento a nevada fronte, conservando-se ambos mudos alguns instantes num enlevo inexprimível.

Recobrando o sangue-frio, disse ela:

– Vamos cear.

Entraram no carro, que os esperava, e foram a um hotel; como verdadeira bacante portou-se a moça, buscando afogar na embriaguez a evocação da sua desgraça.

DIAS PASSADOS DIZIA *ALEGRIA* A OTÁVIO:

– Depois que te contei a minha vida e que não obstante te vi preso, quis desfigurar-me para te afastar de mim. Conheço hoje melhor a tua índole e esse sacrifício da minha beleza mais te prenderia. Colocou-te a fatalidade em meu caminho – sofre pois!

Enlaçou-a Otávio febrilmente.

Uma noite, ao entrar no teatro, ouviu *Alegria* uma voz que a fez estremecer; voltou-se ficando subitamente lívida; seguiu-lhe Otávio o olhar e deparou com um homem elegante que de há muito conhecia e tudo compreendeu.

Violentamente abalado, correu para ela que se amparava à parede, deu-lhe o braço e, fazendo-lhe leve pressão, inquiriu:

– É ele?!

Correspondendo com nervoso e rápido sinal de assentimento, arrastou ela o moço, tomando um carro, em cujas almofadas deixou-se cair muda e inquieta, apertando-a Otávio de encontro ao seio, acariciando-a e consolando-a.

Com o olhar fixo, com as mãos geladas, tremia; chegando à casa, foi para a cama, teve medonhas crises nervosas, sobreveio-lhe uma febre que lhe ameaçou a existência, tratando-a Otávio como médico e como amante.

Afinal, cedeu a moléstia; pôde ela erguer-se, mas progrediram consideravelmente os sofrimentos da lesão cardíaca; muito sofria a mísera, sentindo um prazer selvagem em apressar a sua morte, desmandando-se, correndo de orgia a orgia, a despeito das observações de Otávio e de suas súplicas para que renunciasse a tanto delírio; apenas respondia:

²⁷ O número do capítulo no jornal é XI, o que indica um lapso do tipógrafo. Ou o capítulo é X ou o tipógrafo se esquece de inserir a divisão entre o capítulo IX e XI. Optamos pela primeira hipótese, corrigindo portanto a numeração: Capítulo X.

– Sabes que é incurável o meu mal, vês quanto padeço, deixa-me abreviar este martírio!

Às vezes, alquebrada pela vigília, pela moléstia, enfeitava-se lentamente e sorria com amargura, adornando-se com joias de alto custo, preço desse corpo incomparável que se finava; pedia à arte um pouco de realce para suas faces pálidas e seus lábios murchos.

Mas, onde aparecia, era festejada, admirada, sempre a mais bela, ainda que moribunda: lânguida, emagrecida e triste, como que mais prendia a imaginação dos que a conheciam então.

Entretanto, não vivia, vegetava; às vezes, inclinada ao túmulo, agarrava-se à vida: era moça, sofrera muito, tudo perdera; por que, ao menos, não viver um pouco mais!

Outras vezes, exulcerada pela imagem do homem que a perdera, achava ela que era o sepulcro o seu bom refúgio, que não devia dilatar.

Uma tarde, sentindo-se muito mal, quis a seu modo despedir-se da existência e convidou todos os seus conhecidos para uma última ceia. Sofria tanta falta de ar e uma tão cruel aflição, que não pôde apertar o espartilho: corola donde, como branca açucena, saía aquele busto escultural; vestiu longo penteador de casimira branca, bordada a ouro, de mangas curtas, mostrando os torneados braços e arrastou-se até à mesa.

Comeu pouco, mas bebeu loucamente; foram medonhas as consequências dessa embriaguez: riso, choro, blasfêmias, sínopes, tudo teve, julgando Otávio que ela não amanhecesse.

UMA HISTÓRIA DE ONTEM

(CONTINUA)

DÉLIA

Coluna "Letras", Uma história de ontem (1881)

O Paiz, ano 4, n. 1127, p. 3, domingo, 06/11/1887

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=4636

UMA HISTÓRIA DE ONTEM (1881)

Conto por Délia

XI²⁸

DOIS DIAS DEPOIS, RODEAVAM-LHE OS *habitués* a poltrona onde lentamente morria; pálida, desfigurada, em desalinho, reclinada sobre almofadas, ora fitava o horizonte, ora vagamente olhava para os que a cercavam.

Duplicada pela aproximação da morte, fazia-lhe a lucidez do seu espírito superior devidamente encarar todo o passado e todas as misérias que padecera: não a haviam esses homens abandonado, porque martirizava a sua moléstia, mas não repelia, morrendo ela ainda bela, na plenitude da fama, da originalidade e da riqueza, adquirida com os destroços da sua alma, do seu corpo, do apuro de todo o seu ser, triturado no cadinho da dor, da infâmia e da desilusão!

A essa esmagadora ideia, crisparam-se-lhe os lábios em desdenhoso sorriso.

Então, na fronte umedecida pelo frio suor que assinala no moribundo o contato da morte, sentiu ela um beijo de Otávio como inefável lenitivo; cerrou as pálpebras, entumesciu-se-lhe o seio, sufocaram-na as lágrimas.

Misericordioso fora Deus fazendo com que morresse ela, sem que tivessem esses homens tempo de abandoná-la, dando-lhe também o coração de Otávio, digno de outra mulher e de melhor sorte; limpando os olhos, disse-lhes:

– Vocês, no meio dos quais vivi, que me deram suas horas de ócio e seus haveres e que assistem à minha agonia, digam se lhes sou devedora, se não paguei, quanto foi possível, tudo que recebi?!

Por única resposta lhe apertaram eles a mão.

²⁸ Corrigimos a numeração do capítulo. Estava “XII” no jornal.

A Otávio, que se recostava imóvel no espaldar da poltrona, disse, voltando-se para ele:

– E, tu, sê feliz!... Procura delir em tua memória a minha fatal imagem e vive considerado na sociedade, de que te afastaste por minha causa, afrontando censuras e condenações... Quando sofreres qualquer embaraço no futuro, pela dedicação que me deste, não me maldigas, tu, a quem talvez amasse eu, se me fosse dado amar!... Terei tantas maldições, tanto desprezo; irei impura, miserável, sepultar-me para sempre!...

Otávio, vieste muito tarde! Já ia a destruição em mais de meio!... Sou um ente desprezível, mas sou mulher e para essas pobres loucas o amor é tudo – vida, morte, dor e êxtase; pois bem, nesta hora extrema, que a todos nivela, quero eu ouvir os teus protestos de amor! Fala-me, Otávio!...

Pálido, desesperado, ajoelhou-se-lhe o moço aos pés, beijando-lhe as mãos e os joelhos, derramando-se em juras de amor e de saudade; enlevada, enternecida, escutava-o *Alegria*: de repente, ergueu-se com a boca aberta, dilatadas as narinas, horrível.

Tomou-a o moço nos braços, exclamando:

– Maria! Maria!

Inerte caiu ela: estava morta.

Antes, porém, de deixar a vida, ouvira o seu esquecido nome de batismo, pronunciado com afetuoso interesse; bafejou-lhe a alma, ao desprender-se do corpo, uma espécie de consolo, estampando-se-lhe no semblante suave expressão.

Sendo médico, não se iludiu Otávio sobre a triste realidade; tomou-a nos braços e deitou-a no leito com a solenidade que sempre infunde a morte. Aí, diante do cadáver, conservou-se largas horas, entregue a inexprimível dor. Acompanharam-no alguns amigos a velar pela defunta que tanto quiseram em vida.

Na secretária fora encontrado um papel em forma de disposição testamentária; nomeava Otávio o executor de sua última vontade, ordenando-lhe que, satisfeitas as

despesas do seu enterro, que desejava suntuoso, servisse o produto de suas joias, móveis e mais bens que possuía, de dotação a órfãs desvalidas.

Ainda nesta disposição extrema revelava-se a alma de *Alegria*, sempre palpitando ao luxo, ao fausto e ao estrépito, e sempre inclinada ao bem, enxugando lágrimas e mitigando a desgraça alheia.

Foi muito rico o saimento: tratava-se da rainha do *demi-monde*, e... *noblesse oblige*.

Todas as desgraçadas da sua espécie que a haviam conhecido, e estimado e até muitas que a odiavam, acompanharam o corpo, umas por dó, outras por espírito de imitação e curiosidade, as mais delas para se mostrar e chamar sobre si atenção interesseira e vil.

Em um isolado túmulo de mármore branco guardou-se o corpo da infeliz e gravou-se o seu nome com a data do passamento. Aí, só, sem preces e sem lágrimas de família, sem saudades dos seus, entrou em decomposição e jazerá para sempre essa mulher bela, inteligente, nascida para a ventura, para o bem e para a luz e lançada à maldição pelo ímpeto de suas paixões e pelo egoísmo de um homem! *Memento... quia pulvis es, et in pulverem reverteris!*

Dos estranhos, unicamente Otávio não a esqueceria nunca: mulher de fogo, passara *Alegria* pela vida dele como devastadora voragem, deixando-lhe todavia no coração uma piedade indefinível e no espírito a irradiação de um culto místico.

O outro?... O autor da desgraça?

Esse viverá muito. E calmo, impenetrável, juvenil, sem remorso, sem recordação, sem passado até, porque há no fundo das almas egoísticas o poder imenso e irresistível de banir tudo quanto possa toldar-lhes a pretendida placidez do viver, opor-se à realização dos seus desígnios exclusivos e prejudicar-lhes o eu, que é para eles a síntese da criação inteira.

É provável que no fim da vida venha a engordar muito, tomando ares de anafado guardião de preguiçosos frades. E, no entanto, despedaçou uma existência em flor e sepultou nas trevas uma alma ardente e generosa, vivendo despreocupado e

UMA HISTÓRIA DE ONTEM

feliz, enquanto ela, a pobre *Alegria*, tinha a existência do desprezível calceta, sentindo a pressão da corrente infamante!

Existirá algum dia na terra a verdadeira justiça?

Diante das catástrofes que abatem a humanidade, ela, quando muito, mistura a compaixão e o desprezo, mas não a vereis para sempre em seu caminho para erguer e amparar o mísero que vê prostrado e castigar o seu ruim opressor e desalmado fautor do aviltamento e da desventura.

Felizes os que, indiferentes a essas aberrações do verdadeiro sentimento do justo, volvem confiadamente os olhos à região sublime, onde cada lágrima de desespero e cada suspiro de dor pesam na balança da eterna justiça para redimir o mesquinho mártir dos preconceitos, dos erros e das iniquidades da terra!

FIM

DÉLIA

Coluna "Letras", Uma história de ontem (1881)

O Paiz, ano 4, n. 1128, p. 2-3, segunda-feira, 07/11/1887

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=4641

2. A SUICIDA (1889)

FOI NO RIGOROSO INVERNO DE 18...

Estava eu então em França e com bastante pesar deixara momentaneamente Paris, a fim de ir à cidade de X tratar de interesses pecuniários.

Bastaram-me quinze dias para fechar o negócio e para conhecer, não só todos os arrabaldes, como também a crônica dos habitantes, graças ao prurido de certas linguinhas de prata, como as há em toda a parte.

Levava-me o meu passeio favorito para os lados do bosque de... uma das mais belas perspectivas de luz e sombra que hei admirado, e um dos lugares onde mais me pungia a saudade do meu céu brasileiro.

Em caminho parava sempre à grade de um *college* lindíssimo, verdadeiro ninho de amores, e ali quedava-me a idealizar encantadoras quimeras, idílios sem conta; por fim despertava e maldizia o doentio labutar da minha imaginação, sempre em busca de romances, quando talvez fosse aquela mimosa vivenda o casulo de algum inglês *spleenético* ou de alguma solteirona monomaníaca.

Essa prosaica probabilidade, porém, não me inibia de recomeçar os loucos e involuntários devaneios todas as vezes que por lá passava; impaciente tratei de orientar-me e soube que o *college* pertencia a uma senhora bela e rica, que ali vinha durante o verão, ora só, ora em ruidosa companhia.

Não me enganara o instinto, atraindo-me magneticamente para aquela morada; a triste realidade que nela encontrei excedeu a tudo quanto eu havia fantasiado.

Na manhã seguinte devia voltar para Paris. Arrumei as malas, vesti o meu traje masculino, que é o mais cômodo para viajar e senti-me cansada de corpo e alma; estava em um dos meus dias nefastos, de tédio cruciante, em que a vida me pesa e desalenta como o maior dos fardos.

Trouxeram-me os jornais; olhei indiferente para as colunas tarjadas de preto e comecei a ler; de súbito avolumaram-se as letras ante o meu olhar febril, tingiram-se de rubro, causaram-me vertigens e eu sempre a ler, anelante, com a garganta constringida pela angústia.

Apanhei o chapéu, desci a escada a correr, entrei no primeiro carro que passou e dei o endereço do *college*; dera-se nele o lúgubre epílogo de uma existência aliás brilhante e invejada, se bem que acidentada de abrolhos como a via dolorosa.

E era uma mulher, o meu estudo predileto, a infeliz protagonista dessa tragédia que, em algumas horas, se tornara a mais comovente e a maior das novidades.

Entre no jardim, despido de verdura, coberto de neve, todo branco, glacial, onde o vento rijo balouçava os arbustos, imprimindo-lhes movimentos automáticos; senti frio na alma diante da desolação da natureza e penetrei no salão, transformado em câmara ardente.

Toda a minha curiosidade, ou antes, todo o meu simpático interesse concentrou-se na morta; desdenhei observar o interior do ninho, onde tanta vez penetrara a minha vagabunda imaginação.

Ah! como George Sand, a ilustre, se enganava quando dizia:

“Não gosto que o rosto mostre uma idade diferente da que realmente se tem. É uma ideia supersticiosa, louca e injusta, mas eu não poderia confiar em uma pessoa sobre a idade da qual me tivesse equivocado. Se me parecesse mais nova do que na verdade o fosse, julgaria que o egoísmo, a secura da alma ou uma fria apatia a tivessem impedido de sentir as dores humanas, ou a tornassem hábil em evitar as fadigas morais que envelhecem a todos.

No caso contrário, acreditaria que os vícios, a devassidão ou uma espécie de falsa exaltação a tivessem precipitado na desordem e nas fadigas que a envelhecera demais e precocemente; em uma palavra, eu não veria sem pasmo e sem receio uma infração nas leis da natureza.”

Pois essa criatura que ali jazia, bela, sedutora mesmo, com as vestes de baile, aureolada pela augusta serenidade da morte, gentil no misterioso sorriso de esfinge que lhe soabria os lábios, de admirável carnação, apesar da lividez cadavérica, essa criatura apenas apresentava vinte e cinco anos, quando contava mais dez; no entanto não se furtara a mísera às dores deste mundo, suara sangue e tragara fel na agonia do seu Calvário.

Caprichos da natureza! Organismos privilegiados, em que é a lágrima o rocio que lhes entretém a frescura!

Seu corpo, de uma morbidez escultural, cheio de covinhas, e que parecia gerado para somente palpitar de prazer aos beijos idólatras de algum eleito, emergia de um vestido de cetim rosado, caindo em largas pregas; cruzavam-se os braços sobre o seio, de modo suave e casto, como se acalentasse o coração dorido, enquanto a cabeça altiva e senhoril, elegantemente penteada, repousava no travesseiro de renda.

Era tudo!

E a luz dos círios a bruxulear, dava-lhe por vezes tal animação ao expressivo semblante, que eu tive a ilusão de que ela abriria os olhos e de que o seu mudo sorriso desataria em argentina risada; não, ela não despertaria mais, a pobrezita; conseguira ao fim o eterno descanso em busca do qual partira da vida.

Eis o que deixara escrito e que fora reproduzido pelos jornais do dia:

“Às autoridades competentes e à faina dos Srs. Repórteres.

Eu, Amélia Leontina de Nantenil (condessa de Barr), em pleno uso de minhas faculdades, escrevo as seguintes linhas, visto serem precisas certas formalidades, mesmo para deixar este mundo; além de que, não desejo que o meu suicídio acarrete dissabores a quem quer que seja.

Sinto uma volúpia amarga, uma alegria satânica, neste momento supremo, em que tenho de evocar a minha vida, túnica de Nessus que em breve despedaçarei, fugindo pela minha firme vontade ao jugo feroz da sorte que me trucidou desde o berço.

Tenho trinta e cinco anos, cheguei ao termo fatal da mocidade; nada mais me encanta, nada mais me prende; quero morrer e só essa ideia me dá ainda uma sensação qualquer, talvez a curiosidade do desconhecido.

Mulher, artista e histérica, resolvi acabar deste modo:

Vesti-me para o baile, porque fico mais bonita assim e por ser esse o traje das grandes cerimônias.

Quando acabar de escrever, irei para o fundo do parque, à esquerda, deitar-me-ei corretamente sobre a terra, aspirarei o vidro de clorofórmio e deixarei que a neve, essa coisa tão bela e tão imaculada, seja o meu frio sudário.

A originalidade dessa ideia não é minha, li isso algures, já não sei aonde; no romance, porém, era a heroína mais bela do que eu, mas havia sofrido muito menos, seja dito em honra da verdade.

Ao evocar a infância, vejo-me aos sete anos feliz, travessa, mui curiosa de tudo, por vezes cismarenta, já descuidosa ou aborrecida dos brincos que ainda há pouco me encantavam.

Completei onze anos em um bem-estar já eivado de estudos, de castigos e de recompensas; tive então uma impressão aguda, provocada por um pesadelo: vi-me em uma praia, onde o mar crescia, invadia a terra e eu a recuar e o terreno a fugir-me sob os pés; recuei, agitei-me, gemi, acordei em gritos, lavada de frio suor.

Era um prenúncio esse pesadelo!

Veio sempre, de ano em ano, causar-me os mesmos terrores, os mesmos gritos, deixando-me a mesma angústia. E era, mal sabia eu! a ficção do meu amargurado viver!

Nesse tempo, havia no meu coração uma idolatria e no meu espírito um encantamento; a idolatria era meu pai, o encantamento era minha... mãe, não! só merece esse nome sagrado a mulher que possui fibras maternas; ela não era mãe!

Essa criatura que me deu o ser, ostentava beleza arrogante, fatal, com todas as perfeições físicas, mas faltava-lhe esse melindre que vem da alma e que mais embeleza

um lindo rosto; para mim porém, criança ingênua, bastava-me o prazer dos olhos e não mais pedia para proclamá-la a mais adorável das mulheres.

Altiva e dominadora, nunca me perdoou a preferência dada a meu pai, procurando mesmo amesquinhá-lo ante meu ânimo, mas nada conseguia; a ternura não se impõe, inspira-se: por ela daria eu a vida, porém deixar-me-ia martirizar por ele.

Tornei-me mulher; diziam-me bela e o espelho não negava essa asserção, mas alguma coisa de melancólico se me infiltrou na alma ao entrar nessa fase da vida: era um volitar de anseios, de esperanças e de temores que se entrechocavam, deleitando-me e aturdindo-me.

Amei, e não me foi possível prender a atenção de quem me havia cativado pela vez primeira, tendo uma decepção na idade em que as demais mulheres só têm ilusões e alegrias.

Aproveitou o meu despeito a minha progenitora, para fazer-me casar com a fortuna do conde de Barr; tinha mais vinte anos do que eu, era um homem honrado, de raro cultivo e de fina educação; não me deu felicidade, porém amenizou com a sua bondade a tristeza da minha juventude sem amor.

Morreu cinco anos depois, deixando-me rica e grata à sua memória; foi talvez o único ente que me não molestou.

Depois... amei, isto é, vivi e padeci!... Se amei uma, duas, mil vezes, não sei, afirmo unicamente que amei com veras a entes que nada valiam, que não mereciam tão ricas dádivas. Ah! perdão! houve um digno de muito mais ainda, foi o meu bom Rafael, de quem era eu então a Fornarina.

Sofri, odiei, blasfemei e a meu turno atormentei e fiz chorar; não sou por isso pior do que qualquer outra, cumpri apenas o meu fadário, e, se tanto pequei, também serei perdoada – por muito haver amado.

A SUICIDA

Aos meus vinte e oito anos, já se obumbrava a beleza da minha progenitora, vingando-se ela sobre mim das devastações do tempo; injuriava-me, maltratava-me a todas as horas.

Humildade, paciência, nada conseguia abrandar-lhe as iras, até que um dia, no meio de vociferações, caiu fulminada por uma congestão.

Desoladora impressão deixaram-me na alma as decantadas solitudes da maternidade e o aconchego da família!

Pouco depois perdi meu pai; resolvi então viajar, a fim de atordoar os pesares mas em toda a parte senti o influxo da minha má estrela perseguir-me, começando também a afagar-me a ideia do suicídio, como a melhor das soluções, em vista de meu descalabro moral.

Quanta vez me tentou o vidro de licor arsenical, quanta vez o levei aos lábios e o retirei, porque ainda não havia chegado o momento psicológico de acabar com a vida!

É que eu ainda tinha uma esperança qualquer, é que ainda faltava satisfazer algum estulto desejo ou realizar algum vão projeto!

Mas agora acabou-se tudo!

Já dos umbrais da eternidade, eu te saúdo, ó insânia humana! Liberto-me enfim dessas paixões que devoram a existência, deixando o coração vazio, livrou-me do fel desses beijos fementidos e também da sensaboria de algum afeto quiçá sincero!

Um adeus eterno e afetuoso àqueles a quem estremeci, e completo perdão àqueles que me traíram!”

DÉLIA

Coluna “Letras”, A suicida

O Paiz, ano 6, n. 1825, p. 1, Domingo, 06/10/1889

https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7786

3. A ESTÁTUA DE NEVE (1890)

Conto por Délia

I

ERA O CASAL ARTOF UM MODELO de união conjugal; conformidade de caráter, mútua estima, e um tom de camaradagem sem arrufos nem desavenças que lhes dava a aparência de dois irmãos amigos e extremosos.

Ricos e de bom gosto, interessavam-se pelas artes, protegiam o talento, impeliam os fracos e os modestos para a arena da luta, patrocinando-lhes as estreias, contribuindo para lhes criar um nome glorioso; e eram felizes, porque não lidavam com ingratos, contando em cada protegido um eterno afeiçoado.

Recebiam uma vez por semana em seus esplêndidos salões e as suas reuniões eram citadas pela boa palestra e excelente música; quanto à sociedade compunha-se de toda a boêmia ilustre e de algumas mulheres de fino espírito, espécie cada vez mais rara e que acabará por desaparecer de todo.

Em uma dessas reuniões, à meia-noite, estavam no toucador Bertha Artof, a dona da casa, e a sua maior amiga Carmen, uma espanhola de trinta anos, no fulgor de toda a sua formosura; alta, branca de neve, cabelos e olhos negros e brilhantes, lábios rubros e úmidos, dentes miúdos e deslumbrantes, ombros descaídos, colo cheio, mãos e pés pequenos, graciosa e elegante.

— Que saudades tive de ti durante estes dois longos meses! disse-lhe Bertha.

— Não te devo nada; foste plenamente retribuída!

— Sim, eu o creio, porque aqui estás, tendo chegado esta tarde e fatigada da viagem. Como Maurício vai ficar contente! exclamou Bertha, correndo ao tímpano.

Apareceu o próprio marido, que soltou um grito de alegria, abraçando fraternalmente a espanhola.

A ESTÁTUA DE NEVE

— Ah! vocês combinaram esta surpresa! hein? tanto melhor!

— Sou eu só a culpada! interrompeu Carmen. Quis surpreender-te no dia da tua reunião.

— Seria essa amabilidade em minha intenção ou na do amigo sobre quem te escrevi? inquiriu Maurício com malícia.

— Infelizmente nem mesmo me despertaste a curiosidade! Disseste-me que é distinto, instruído e indiferente às mulheres e julgaste assim impelir-me a humanizá-lo; compreendo e agradeço o teu caridoso intento de fazer reviver o meu coração ou mesmo a imaginação, mas afirmo-te que nada conseguiste. Homens interessantes! mas o teu salão está cheio deles e até com talento, e, no entanto, são-me todos indiferentes.

— Ah! esses são filhos do século, têm ambição, orgulho, vaidade, sede de triunfo, amam-se muito a si próprios e dispõem de pouco tempo para dedicar-se a uma mulher, porém o meu herói é de outra têmpera e sofre.

— Nesse caso inspirar-me-á a compaixão que me infundem todos os infortúnios, disse a moça.

— Não haverá então algum Pigmalião que te reanime, bela estátua? inquiriu Bertha a sorrir.

— Creio que não!

— Ora! é que ainda não chegou o momento psicológico! Demos tempo ao tempo! ponderou Maurício.

— Tudo isto tem assim uns ares de romance; Carmen não sente a mínima curiosidade de conhecer a Ivan, ele fica indiferente e apenas sorri para comprazer, ao ouvir-nos gabá-la. Olha, Maurício, talvez ainda venham a adorar-se! disse Bertha.

— O que eu muito estimaria, acrescentou o marido.

— Amém! concluiu a espanhola, rindo.

No salão correram todos os conhecidos ao encontro de Carmen; felicitaram-na, contaram-lhe as novidades do dia, disputaram-lhe a atenção, tendo ela um sorriso e uma palavra amável para cada um deles.

Achavam-na muito bela, desejariam captar-lhe as boas graças, porém não mais lhe faziam declarações amorosas por sabê-las inúteis, alcunhando-a por despeito — a estátua de neve.

Um jovem maestro, no entusiasmo do primeiro triunfo, pediu-lhe que cantasse algum trecho de sua ópera, a fim de satisfazer-se a si próprio e a curiosidade de vários estrangeiros ali presentes.

— Devo prevenir-lhes de que darei bem pálida ideia das belezas da partitura, pois acabo de chegar de uma viagem e sinto-me fatigada, disse ela jovialmente.

Sentou-se ao piano e, depois de alguns prelúdios, cantou com a sua voz fresca, sonora e educada diversos pedaços de grande efeito, escolhendo os melhores, dando-lhes realce, esquecida do cansaço, adorável de complacência e extasiando o auditório.

Quando só ficaram os íntimos, apresentou-a Maurício ao seu decantado amigo com quem ela simpatizou; era alto, loiro, olhos azuis, ora tristes, ora perdidos no vácuo, nariz aquilino, boca rasgada, belos dentes, barba curta e sedosa, mãos brancas e moles, vinte e cinco anos e um todo efeminado.

Fitando nos seus os grandes olhos negros, ela causou-lhe uma impressão de audácia mui desagradável, que diminuiu à medida que a via falar e mover-se com a maior naturalidade, esquecida de que ele ali estava; relatava Carmen o que fizera durante a sua residência de dois meses em uma cidade de águas, analisando o que vira e ouvira com fina mordacidade.

Durante a ceia admirou-se Ivan do seu maravilhoso apetite, quando em geral as mulheres comem ou fingem comer pouco, julgando tornarem-se poéticas e ideais; à proporção que saboreava as iguarias e os vinhos prediletos, titilavam-lhe as róseas narinas, umedeciam-se-lhe os olhos e expandia-se-lhe o semblante em uma expressão de ardente volúpia que a tornava arrebatadora.

Com o tempo, tratando-a, vendo-lhe a despreocupação de agradar-lhe, tornou-se Ivan seu camarada, perdendo para com ela a desconfiança que o afastava das

demais mulheres; essa não seria perigosa, nem importuna, porquanto era um ser à parte e bem merecia a alcunha de estátua de neve.

Pouco a pouco estabeleceu-se grande intimidade entre ambos; conversavam horas e horas e de manso chegaram até às confidências; concluíram por compreender que sofriam enfermidades opostas: ele, não querendo amar; ela, tendo amado em demasia.

Uma feita, disse-lhe Ivan pálido e fremente:

— Amei uma só vez em minha vida e será a última: quando um homem tem a desventura de afeiçoar-se a uma criatura indigna e reconhece o seu erro, deve arrancar do peito o amor juntamente com o coração e calcá-lo aos pés!... Foi o que eu fiz!...

— Há quanto tempo?

— Há três anos.

— E tem certeza de que se extinguiu de todo esse afeto? Acho-o ainda muito exaltado!

— Oh! absoluta certeza! Vi-a, não há muito, pelo braço do quarto ou quinto amante e nenhuma fibra se me agitou! respondeu ele, sorrindo.

— Que triste reverso têm todos esses amores... Confundirem dois entes as suas impressões, hábitos, tendências, alegrias e tristezas, experimentarem as mesmas sensações, os mesmos transportes, em que por assim dizer se amoldam, adquirindo os defeitos e as qualidades um do outro, para de repente separarem-se, tornando-se inteiramente estranhos! disse Carmen, pesarosa.

— Desses males estou eu livre! Durmo e acordo com a mesma isenção de ânimo sempre pronto para todas as eventualidades, porque não tenho no coração o amor que acobarda, disse Ivan, triunfante.

— Julga-se feliz?... Pois eu não o invejo. O senhor nunca amou, creia. A falta dessa mulher que o traiu, feriu apenas o seu orgulho: se a tivesse amado, sentiria ao menos saudades do tempo em que a julgava fiel e amorosa e até das dores que ela lhe causou!... Diga-me, seu rival era-lhe inferior?

A ESTÁTUA DE NEVE

— Não; éramos iguais.

— Ah! sempre o mesmo orgulho ridículo em todos eles, até nos melhores! O que lhes dói não é a infidelidade em si mesma, mas somente a preferência concedida a um outro! bradou Carmen revoltada.

— Não seja tão severa para comigo! No primeiro momento só sentia o orgulho ofendido, é certo, porém depois sofri muito! acrescentou o moço gravemente.

— Bem, essa confissão reconcilia-me consigo. Olhe, eu sou ativa, porque entendo que a altivez bem entendida é dignidade, mas não me vexo de dizer-lhe que tive momentos de humildade em que me ajoelhei submissa aos pés de entes que valiam talvez menos do que a mulher que o traiçou, Ivan, mas então eu os amava e o amor tudo desculpa e tudo purifica!

— A senhora? A *estátua de neve*?!

— Sim, eu!... Amei e padeci tanto, que gastei as fibras amorosas e hoje em minha alma só tem acesso a amizade... Bem pobre é o coração que só ama uma vez, mas insensato também é aquele que se esfacela em amar demasiado, e foi esse o destino do meu!... Tendo padecido tanto outrora, devia considerar-me feliz, sentindo-me preservada do mal de amor, não é verdade?

— É o que eu lhe ia dizer!

— Pois engana-se. Disponho atualmente dessa isenção de ânimo de que o senhor tanto se orgulha, voltei a ser valorosa, estou sempre de humor uniforme, visto não ter nem os receios, nem os ciúmes, nem as apreensões das mulheres amantes; vivo enfim nessa calma podre, que é o ideal dos que curtem as angústias da paixão, e não me sinto feliz. Ah! é que não se foge impunemente às leis naturais da fisiologia e da psicologia, e eu sou um triste resultado desse desequilíbrio! O que daria eu para amar uma vez ainda, embora a um ente bem miserável!... Se o amor é para a mulher o mesmo que o rocío é para a flor! acrescentou em voz dorida.

— À vista disso sinto-me duplamente feliz em ser homem! disse Ivan, orgulhoso.

A ESTÁTUA DE NEVE

(CONTINUA)

DÉLIA

A estátua de neve (1890)

O Paiz, ano 7, n. 3155, p. 2, domingo, 14/12/1890

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=2027

A ESTÁTUA DE NEVE (1890)

Conto por Délia

II

— INSENSATO!... É ENTÃO A FELICIDADE QUE lhe entristece o olhar, que lhe rouba a alegria da juventude, tornando-o misantropo na idade dos sonhos e das aspirações? Criança! o seu mal é justamente a ausência desse amor que tanto renega e que um dia o fará reviver para padecer e apegar-se à vida! Ame, abra o seu coração a essa emanção celeste que eleva e engrandece a criatura, embora o dilacerem milhares de torturas!

— Não! não quero amar!... Pois se eu nem tenho no espírito esse ideal de mulher perfeita que todo o moço cria e afaga!

— Sem nunca realizá-lo, o que dispensa do trabalho de engendrará-lo. Perfeita ou defeituosa, o senhor aceitará aquela que o seu destino lhe apresentar, porque o seu afeto emprestará à pobre criatura todos os atributos que ela não tiver. Creia que só deve arreçar-se dos tristes reversos de tão grandioso sentimento.

— Julguei que tamanha sublimidade não tivesse reverso! redarguiu Ivan afetuosamente irônico.

— Não zombe! Essa sublimidade não só tem medonhos reversos, como até pasmosas anomalias. Ouça-me: depois que a minha alma perdeu a faculdade de amar, analiso-me, censuro-me e até condeno-me, o que é de uma alta filosofia. Outrora, a minha única ambição, o meu maior anelo foi sempre o amor exclusivo, soberano e absorvente; pois bem, a fim de alcançá-lo, mudei de afetos, dando eu mesma o exemplo da volubilidade e incriminando a outros dos meus próprios defeitos, e tudo isso de boa-fé! É ou não uma anomalia?

— Oh! mas é horrível!... E a senhora, não só me prognostica, como me aconselha o amor! Não! não quero padecer nem cair nessas inconcebíveis contradições! Se algum dia sentir o despertar de semelhante delírio, fugirei, mas não cederei ao seu império!

— Pobre criança! disse Carmen, sorrindo-lhe com afetuosa comiseração.

.....

Daí a meses enfastiava-se Ivan em toda a parte onde não via a sua adorável contendora; longe dela as horas se arrastavam, a seu lado perdia a noção do tempo, não mais se lembrava de contradizê-la, e achava que as suas palavras ecoavam-lhe na alma, despertando-lhe sensações estranhas que o conturbavam e enlouqueciam.

Só, no silêncio de seu quarto, tentava explicar a si próprio a mudança que se operava em todo o seu ser, atribuindo todo aquele delicioso alvoroço unicamente à influência das ideias de Carmen, da sua palavra ardente e insinuante e da amistosa camaradagem existente entre ambos.

Um fato insignificante, porém, esclareceu-lhe a razão e fez-lhe compreender que amava apaixonadamente e que esse amor se lhe infiltrava na alma de manso, sem que o pressentisse, crescendo dia a dia, absorvendo-o de todo e para sempre; foi um assombro que o paralisou no primeiro momento, e enraiveceu depois, ao sentir-se vencido e subjogado, ele, que se julgara invulnerável.

Carmen enfastiara-se de repente de Paris e voltara ao campo, sem prevenir os Artof, de modo que Ivan não a encontrara à hora da costumada palestra; esperou-a inquieto e aborrecido até muito tarde, tornando-se sombrio e alheio a tudo e a todos, o que muito agradou a Maurício e à mulher.

No dia seguinte soube que a moça partira sem dizer para onde, e só então, pela angústia que o pungia, compreendeu enfim que a amava e quanto lhe era cara e necessária; tornou-se homem, sofreu imenso e chorou, pagando esse doce e precioso tributo das lágrimas.

Duas semanas depois, voltou Carmen e encontrou-o à porta de sua casa, pálido, abatido, com olhar de alucinado, nesse período de exaltação em que se perde a noção

de todas as conveniências sociais; em um relance adivinhou a moça o que ele experimentava e, para prevenir uma indiscrição diante dos criados, disse-lhe afetuosamente:

— Agradeço-lhe, meu bom Ivan, a sua atenção em vir ao meu encontro. Subamos e conversemos um pouco; quero saber notícias de todos os nossos amigos.

Atônito, seguiu-a ele, trôpego, sem ideias, parecendo-lhe que aquela escada não acabaria nunca; ao ficarem sós, caiu sobre o divã, rompendo em soluços.

Surpresa e consternada, acercou-se dele Carmen e tomou-lhe a mão, dizendo:

— O que é isso, Ivan? acalme-se!

Descobrindo o rosto orvalhado pelo pranto, exclamou:

— O que é? é o amor! esse maldito e decantado amor que a senhora tanto me vaticinou! Realizou-se a profecia, creia, e agora o que me aconselha?

— Meu Deus! receio compreender! balbuciou ela angustiada.

— Ah! receia? pois saiba que a amo como um louco, que esse amor é a minha vida e que sem ele morrerrei! Saiba que esse amor penetrou sorratamente em minha alma sem que dele me apercebesse! Foi essa ausência cruel e brusca que me desvendou a verdade inteira, ofuscando-me e transtornando toda a minha existência! Ah! Carmen! sou bem insensato em ousar confessar-lhe o meu afeto, não é exato?

— Não, meu amigo, a insensata fui eu. Esqueci-me de que ainda não estou bastante velha para aproximar-me sem perigo de um rapaz da sua idade e para falar-lhe sobre assuntos melindrosos; asseguro-lhe, porém, de que a intenção era boa e por isso perdoe-me.

— Nada tenho a perdoar-lhe e, já que o meu destino é amar, prefiro amar à senhora do que a outra qualquer, Carmen, pois é a mais bela e a mais digna de adoração. Só lhe peço em troca um pouco de afeto, e julgo que não mo negará! pediu aflito.

Mais pálida do que ele, mais infeliz ainda, apertou-lhe a mão que conservava entre as suas, e disse-lhe pausadamente:

— Prezo-o muito, Ivan, e procurarei compensá-lo do melhor modo, mas deixe-me descansar e refletir, pois estava muito longe de prever semelhante eventualidade. Vá, não se aflija, acalme-se e só volte quando eu o mandar chamar.

— E até esse momento não a verei?

Depois de hesitar um pouco, respondeu a sorrir:

— Bem, encontrar-nos-emos em casa de Maurício, mas não falaremos sobre esse assunto, sim?

— Obedecerei, embora me custe! replicou ele, beijando-lhe a mão e retirando-se.

Cumpriu Carmen o que prometera; encontrou-se todas as noites com o moço, acalentou-lhe as impaciências de conhecer a sua determinação e no oitavo encontro, ao despedir-se, disse-lhe:

— Amanhã não virei aqui, porém depois de amanhã, saberá a minha decisão.

No dia marcado, achavam-se reunidos e palpitantes de ansiedade, à espera da espanhola Bertha, Maurício e Ivan; à tarde recebeu o apaixonado a seguinte carta:

“Ivan — fiz tudo quanto de mim dependia para corresponder ao seu amor, que é o afeto de um homem de bem, mas o meu coração conservou-se mudo e insensível. Sinto-me capaz de querê-lo como uma irmã, uma amiga dedicada, quase como mãe, porém não são esses os transportes que você deseja e que tem o direito de reclamar. O que me consola do pesar de não poder realizar a sua aspiração é o meu triste conhecimento da instabilidade humana. Minha pobre criança, lembra-se daqueles tristes reversos de que tanto lhe falei? Ao menos o seu amor não conhecerá esse desolador contraste! Como seria horrível, Ivan, deixar você de amar-me, para odiar-me, ou para aborrecer-me, o que é muito pior!... Não, assim, o seu afeto permanecerá sempre na mesma fase, não terá amanhã, nem ontem, nem satisfação, nem saciedade!... Mais tarde, você me agradecerá este meu aparente egoísmo de hoje; importa em um tormento, é certo, mas são esses dissabores da juventude que operam as salutares evoluções morais. Reaja, procure suplantar o desgosto; há tanto objetivo para a

A ESTÁTUA DE NEVE

ambição e para a vaidade de um homem! Nada perdeu em não conquistar o meu coração que está gasto e que por conseguinte nada vale. Um dia, fatigado e enfasiado como eu, você também torturará algum nobre coração cheio de dons e de sensibilidade, e não será por isso nem pior nem melhor do que eu e do que tantos outros — pois se é esta a lei da vida. Ah! eu bem lhe dizia que, das nossas duas enfermidades, só a minha era a incurável — não mais poder amar!... Vou para muito longe, não me verá durante anos e a cura se fará, pois a ausência é a maior inimiga do amor, e o tempo fará o resto. Adeus, amaldiçoe-me, se isso puder aliviar-lhe as torturas e creia que nunca teve, nem terá melhor amiga do que a sua afeiçoada — *Carmen*.”

Ivan caiu como fulminado, Bertha e Maurício ficaram consternadíssimos; a solícitude de ambos auxiliou a robustez do moço, que aos poucos recuperou a saúde e provavelmente mais tarde compreendeu que a bela espanhola tinha razão.

Novembro de 1890.

DÉLIA

A estátua de neve (1890)

O Paiz, ano 7, n. 3156, p. 2, segunda-feira, 15/12/1890

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=2035

4. O CRIME DO CONVENTO DE...

Conto por Délia

A superiora

NA ÉPOCA EM QUE SE DERAM os acontecimentos que passamos a relatar, a irmã Santa Clara, superiora do convento de... contava quarenta anos. Alta, magra, rosto comprido, bexigoso; sobranceiras cerradas; olhos pequenos, vivos, inquisidores; nariz adunco; dentes escuros e irregulares, e, aos cantos da boca rasgada e de lábios delgados, uns pelos hirsutos e grisalhos.

Insexual no aspecto como na alma, pois não possuía o valor que caracteriza o homem, nem as delicadas sensibilidades que exornam a mulher.

Primogênita de um casal pobre, mostrou-se desde a mais tenra infância sempre [*ilegível*] amava aos irmãos e só se lembrava dos deveres fraternos, quando os moía com severas correções.

Quase nem notava a própria fealdade, porquanto desconhecia a vaidade e não alimentava desejos ou esperanças de casar; nunca inspirara um pensamento amoroso, mas também jamais sentira um frêmito juvenil eletrizá-la ante nenhum homem.

Enfasiada de trabalhar para aqueles a quem não amava, sem nada que a encantasse ou prendesse à vida, manifestou o desejo de retirar-se a um convento, aonde pudesse enclausurar o ócio e dar largas ao egoísmo, orando ou simulando orar, sem o mínimo fervor, pois sempre desconhecia o sofrimento que engendra a necessidade de crer e de esperar um eterno consolo ou compensação.

Depois de relutarem algum tempo, cederam os pesarosos pais à teimosia da filha e chorosos acompanharam-na até ao claustro; ao despedir-se deles, não lhes deu a moça nem saudades, nem lágrimas, experimentando apenas a alegria de um vivo anelo ao fim realizado.

Desde que tomou o véu foi sempre fiel cumpridora das obrigações que lhe impunham, tornando-se o modelo de virtudes da comunidade.

Alguns anos mais tarde, grassando uma epidemia no convento, mostrou-se infatigável, sempre de pé sem quebra de forças, tratando dos enfermos com carinhosas palavras, mas com escrupuloso cuidado.

As poucas freiras que escaparam, gratas aos seus desvelos, elegeram-na superiora, causando-lhe assim o primeiro e único arroubo de toda a sua vida – governar, ela, que nascera com a bossa do despotismo.

II

A irmã Maria

ERA A IRMÃ MARIA DE ORIGEM FRANCESA; pertencia a distinta família, cuja genealogia começava nas Cruzadas e acabava em apoteose na guilhotina de 93. Seu pai, fiel vassalo, que não queria transigir com as suas crenças políticas, fora executado, deixando-a só com a mãe a quem não conseguiu consolar, vendo-a definhar dia a dia em cruel desalento, e perdendo-a dois meses depois do pai.

Recolheu-a uma tia materna, que procurou mitigar-lhe os pesares, porém só o amor do conde Roland, seu noivo, lograva galvanizar a desventurada moça que, nos extremos pais, perdera os seus melhores amigos.

Mas o seu nefasto destino reservava-lhe ainda uma provação; algum tempo depois soube a donzela que o conde se achava preso, o que então equivalia a uma sentença de morte, pois os processos, quando os havia, eram sumários, apenas uma formalidade para satisfazer à nevrose do homicídio que reinava naquela época.

Pela magia da sua beleza e das suas lágrimas, obteve Maria dos cérberos que o guardavam a permissão de abraçá-lo uma última vez antes de vê-lo morrer; foi uma dessas cenas pungentíssimas que se não descrevem e que nunca mais se apagam da memória dos que nelas figuram e que sobrevivem à catástrofe que as provocou.

E foi essa mimosa criatura, com dezoito anos apenas, branca como os lírios, de cabelos da cor do ouro polido, de olhos de safira, flexível com o vime, casta e meiga, quem incutiu valor ao mártir, revoltado de morrer na flor dos anos, amando e sendo amado por ela, condenado por um tribunal de tigres e guilhotinado sem crimes à face dos homens.

E a moça, qual *Virgem dolorosa*, seguiu a carreata que levava ao suplício o seu bem-amado, a sua esperança, o seu futuro, tudo quanto a vida lhe devia em alegrias e lenitivo.

Enquanto se executavam os outros pacientes, ela o exortava à resignação, à fé em uma outra vida melhor; jurava-lhe que iria após o seu martírio encerrar-se em um claustro, aonde oraria por ele até que a morte a levasse também ao seio da eternidade, a fim de reuni-los.

[*ilegível*] e de pena, não despregava os olhos daquele semblante angélico e tudo prometia, e em tudo cria, porque ela lho suplicava.

Quando o vieram buscar, Maria atirou-lhe um beijo, apontou-lhe para o céu, e, hirta, com o olhar alucinado, acompanhou-o, vendo-o ajoelhar-se e pouco depois rolar-lhe a pálida cabeça que ela tanto amara.

Levaram-na dali desmaiada e, depois de longa enfermidade, foi professor em Portugal, porque a França inteira só repercutia o ruído da máquina ceifadora das mais belas, das mais nobres e das mais puras individualidades.

Uma gulosa, essa filha sinistra de Guillotin.

Só de longe, na paz de um asilo, poderia ela orar por esses irmãos que se dilaceravam em uma luta fratricida, e que a haviam orfanado e enterrado viva em um sepulcro antecipado, bem mais medonho do que o verdadeiro túmulo, porquanto não aniquilava nem a lembrança nem a saudade.

Quando Maria tomou o véu, já a irmã Santa Clara era superiora, e, apesar do alquebramento moral que a combalia, sentiu a moça instintiva repulsão, que só o

respeito continha, pela virago de hábito; aquele tipo antipático e frio não lhe daria o conforto que ela quisera encontrar na madre Abadessa.

[*ilegível*] estirpe de Maria, a sua primorosa educação e a elevação dos seus sentimentos provocaram a aversão da superiora, que a sobrecarregou de afazeres e de fadigas, alegando para isso a vasta ilustração da moça; esperava talvez uma queixa, uma revolta, ou momento de fraqueza que lhe desse o ensejo de mortificá-la, mas era de aço aquela criatura flexível, que mal deslizava pelos longos corredores.

Estudando-a, porém, aos poucos, descobriu a megera o ponto vulnerável da pobre freira que, humilde, tudo suportava menos a vista de uma punição injusta ou demasiada; então o seu belo olhar azul despedia um clarão, tremiam-lhe os lábios e a voz suave emitia um protesto ou uma súplica, nunca atendida e antes escarnecida.

— Aí temos a irmã *Maricas* toda sensibilizada! Doravante dar-lhe-ei mais em que se ocupar, porque essas lamúrias são filhas da ociosidade. E saiba, para seu governo, de que às minhas ações nada se deve opor, nem mesmo em pensamento.

Havia dez anos que Maria padecia milhares de iniquidades no asilo em que julgara encontrar a paz de que tanto carecia; e, apesar de tantas dores, ainda era bonita; apenas notavam-se-lhe mais tristeza e abatimento no semblante, mais brandura na voz e mais piedade no coração.

III

A educanda

CARMEN RODRIGUES CHAMAVA-SE A MAIS LINDA, a mais inteligente e a mais aplicada das educandas; diziam-na a discípula predileta da irmã Maria que a amava em extremo e a quem a menina retribuía com veras, atraídas ambas pela afinidade dos seus respectivos caracteres.

Datava de dois anos a amizade que as unia e que brotara, desde a primeira palavra de consolo que a freira dirigira à criança, vendo-a chorar ainda orvalhada pelas

lágrimas de despedida do pai; sentira a moça vibrar-lhe o instinto materno, inato em toda a mulher a contemplar aquele anjo pálido, em rigoroso luto pela mãe querida.

Era Carmen o penhor do ardente afeto que unira Rosaria Pilar, formosa espanhola, ao português Antônio Rodrigues; e durou treze anos mui rápidos essa completa felicidade, uma dessas venturas extremas que pressagiam pouca duração.

Nascida em um ninho de afetos, sem ver uma só nuvem ensombrar aquela harmonia, cresceu, a menina, não tendo noção dos males que acabrunham a humanidade julgando que a vida seria sempre a continuação da ternura que a cercava por todos os lados.

Tendo instrução e não querendo separar-se da filha, encarregou-se Rosaria da sua educação, e, a par do que lhe ensinava, incutiu-lhe a sua fé religiosa que se baseava nos divinos preceitos de Cristo; simples, como a prática do bem, o código dessa mulher honesta e sensível.

Tinha Carmen doze anos, quando a morte roubou-lhe a mãe adorada, deixando-a inconsolável, pois, além de muito amável, já tinha o critério de uma moça e compreendia o inestimável valor daquela que perdera; recalcou, porém, a dor no fundo da alma, a fim de minorar o desespero do pai.

Só o dever de velar pela filha venceu o desânimo de Antônio Rodrigues e deu-lhe a coragem de separar-se dela, deixando-a no convento de... continuar a sua educação, enquanto ele ia a Montevideu vender algumas propriedades pertencentes à sua finada mulher.

Na irmã Maria encontrou a menina um ser simpático e amigo, a quem podia amar e sob cuja guarda mostrou-se dócil, aplicada, digna de todos os louvores, feliz em cumprir com seus deveres e em dizê-lo ao pai nas longas cartas que lhe escrevia.

(CONTINUA)

O CRIME DO CONVENTO DE...

DÉLIA

O crime do convento de...

O Paiz, ano 7, n.3416, p.3, quinta-feira, 03/09/1891

https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=3757

O CRIME DO CONVENTO DE...

III

A educanda

UM ANO DEPOIS VOLTOU RODRIGUES sem ter ainda ultimado os seus negócios, levando Carmen para a sua bela quinta em Sintra, a fim de que ela espairesse e ambos matassem as saudades curtidas nessa forçada ausência.

Que felizes dias, esses, em que recordavam o passado, falando na querida morta, mirando-lhe o retrato, derramando lágrimas de enternecimento ao evocarem cenas e palavras em que ela expandira a sua exuberante ternura.

À tarde, de mãos dadas, percorriam as alamedas, faziam projetos, comunicavam-se as suas ideias e impressões, em um tom de camaradagem que ainda mais estreitava o afeto que os unia.

E o benéfico influxo da irmã Maria sobre seu dorido coração de órfã era as[*ilegível*] pre a menina, em uma efusão de reconhecimento que o pai partilhava.

Meses depois, voltou Carmen ao convento, indo o pai liquidar de vez os negócios e prometendo demorar-se pouco; entristeceu-lhe a volta ao recolhimento o saber da morte do seu velho confessor, protótipo do verdadeiro sacerdote, e antipatizou com o seu sucessor.

Na verdade, a sua figura era a antítese perfeita do venerável ancião que o precedera; quarenta anos, alto, musculoso, vermelho, olhos negros e brilhantes, sobrancelhas espessas, nariz de ventas largas e movediças, lábios sensuais, queixo forte, mãos grossas e peludas; um Hércules de feira com batina.

IV

Duplo sacrilégio

DURANTE ESSA NOVA AUSÊNCIA DO PAI, completou Carmen catorze anos e, meses depois, sentiu-se agitada pelos influxos da puberdade; eram melancolias sem causa, irradiações íntimas que se traduziam em doces cismas, sem determinado objetivo, mas de extrema magia.

A natureza inteira aparecia-lhe sob mais belo aspecto e a sua imaginação romanesca exaltava-se em meio da austera monotonia que a cercava; por vezes tinha a tentação de professar como a irmã Maria, a fim de nunca separar-se de sua terna amiga, porém a lembrança do pai levava-a a uma outra ordem de ideias.

Revia a extrema ventura de sua mãe, a poesia do lar que lhe fora berço, e a imagem ideal de um belo mancebo surgia a sorrir-lhe daquela suave penumbra, um anseio constringia-lhe o peito e a garganta, causando-lhe o extático enlevo de uma alma candidamente aberta às puras alegrias da vida.

Às vezes, à noite, gostava de mirar largo tempo o luar que se infiltrava pelas grades da janela fronteira ao seu leito, dando asas à fantasia, voando, voando, sempre em pleno azul: por fim, angélico sorriso soabria-lhe os lábios, pois lhe parecia que todo aquele luar que fugira estava dentro dela, iluminando-a.

Quanto ao seu físico, lembrava os belos versos de Serpa Pimentel:

*“E ela era como a rosa abotoada
Desabrochando apenas,
E coberta de frescor e de viço,
Cujo rubor transluz singelo e casto
Por entre o fofo musgo verdejante
Das recamadas folhas...”*

O CRIME DO CONVENTO DE...

De mediana estatura, alva, rosada, esplêndidas tranças negras e aneladas que lhe iam às curvas, olhos castanhos, grandes e doces, franjados de longos cílios, nariz aquilino, boca pequena, nacarada, dentes alvos e miúdos, formas airosas que a puberdade arredondava, mãos e pés fidalgos; um conjunto de infinita graça.

Além das saudades do pai, havia uma nuvem que empanava a calma do seu coração e que o apertava em um pressentimento de desgraça, sempre que se confessava ao padre João; em vez de sair do confessionário serena e confortada, como outrora, sentia um descontentamento, um mal-estar, quase um vexame pelas múltiplas perguntas, pela insistência com que o confessor queria ouvir culpas que ela não tinha e cujo sentido nem mesmo compreendia.

Cansada de negar, com os nervos exaustos, ansiando deixá-lo, tinha por vezes ímpetos de fazer como alguns acusados inocentes que se inculpam para libertar-se de uma chicana capciosa, mas a retidão do seu caráter repelia esse alvitre e, resignada, cumpria as penitências que ele lhe impunha por desobediência.

Na alma infame do padre rugia uma paixão medonha que a razão mal continha, lancinando o infrene desejo que o ensandecia à vista da menina; toda aquela pureza, que antes devera impor-lhe respeito, revolvía a lama de que ele era feito, fazendo vir à tona todos os maus instintos que lhe dormitavam no íntimo.

E sofria o miserável, sofria muito no único ponto sensível, na sua carne maldita que nunca soubera domar; alta noite, moído e enervado pela insônia, soltava rugidos de fera e derramava lágrimas de raiva, sacudido por uma volúpia bestial.

(CONTINUA)

DÉLIA

O crime do convento de...

O Paiz, ano 7, n.3417, p.3, sexta-feira, 04/09/1891

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=3761

O CRIME DO CONVENTO DE...

IV

Duplo sacrilégio

E NA MANHÃ SEGUINTE IA AO CONVENTO, pretextava uma exortação a fazer-lhe, só para senti-la junto a si, devorando-a com o olhar, bebendo-lhe o hálito fresco, alimentando a chama que o consumia, em vez de fugir e de evitá-la; e a superiora, ainda que um tanto surpresa da relutância dessa menina, de ordinário tão dócil, nada notava e por seu turno admoestava a vítima da sua cegueira fanática, que não via no padre o homem.

A educanda relatara à irmã Maria o que se passava, pedindo-lhe um conselho, um meio de vencer a obstinação com que o confessor a acusava de ocultar culpas que não tinha; muito pura para adivinhar a perversidade do sacerdote, atribuiu a freira aquela animosidade a uma antipatia bem inexplicável, visto tratar-se de Carmen, e ficou sobressaltada.

Felizmente, a volta de Antônio Rodrigues serenou-a; preferia curtir fundas saudades desse último afeto que o seu coração encontrara, a ver a sua diletta sofrer injustiças: o pai fora à Inglaterra buscar a preceptora escolhida por um amigo e não mais se separaria da filha.

Uma tarde, às cinco horas, terminadas as aulas, achava-se a menina junto à irmã Maria, quando a vieram chamar para que fosse à capela; ela empalideceu e o seu doce olhar de antílope fixou-se na freira com indizível terror.

— Vai, minha filha, nada temas; Deus estará contigo. Demais, pouco tempo permanecerás aqui.

A contragosto obedeceu a menina, que nesse dia acordara tristonha, apesar de se aproximar a hora de ir, enfim, sem peias, viver ao lado do querido pai; é que doía-

lhe deixar ali, naquela atmosfera glacial, a sua consoladora, a sua amiga, a quem em momentos de efusão chamava de *mamã*.

Maria dirigiu-se ao coro que ficava sobre o confessionário, ajoelhou-se e começou a orar, fitando a Jesus crucificado, lívido, gotejando sangue e com a dorida cabeça pendente em mortal desconforto; pouco depois roçou-a o hábito da superiora, que se prosternou mais adiante.

A freira gostava de orar àquela hora, e às vezes demorava-se muito tempo, até que lá fora as trevas da noite substituíssem a luz do dia; a frescura que ali reinava, saturada de uns ressaibos de incenso da cera das velas e do perfume das flores, causava-lhe uma sensação benéfica, enchendo-lhe a alma uma grande calma.

Ela julgava que de há muito a capela se achasse vazia, quando viu de súbito o voo sinistro de umas asas negras que se abateram nos degraus do altar, e ouviu um flébil grito que lhe revolveu as entranhas; ergueu-se de chofre e ficou paralisada, com a boca aberta, sem emitir nenhum som, os olhos fora das órbitas, a garganta seca, o peito oprimido em medonha angústia.

Não! não era possível! aquilo era um pesadelo atroz!... Como! pois ali, no santuário, à face de Deus! Oh! não!... havia de despertar e de certificar-se do contrário! Mas não! via uma pavorosa realidade, que abalava as suas crenças, destruía todas as suas noções de moral e de justiça, ofendia o seu pudor de virgem, revoltando todos os seus instintos de mulher educada.

A superiora erguera-se ao mesmo tempo que ela; tudo vira, espantada por tão estranho espetáculo; enfurecida contra o endemoninhado que desmoralizava a comunidade e diante daquele duplo sacrilégio, ainda teve bastante sangue-frio para imaginar o meio de salvar a honra do seu convento.

Aproximou-se da irmã Maria, travou-lhe do braço, arrastou-a quase, sem dizer palavra, e desceu à capela; ao ruído da porta ergueu-se o padre assustado, tremendo ainda de sensualidade e de súbito pavor.

O CRIME DO CONVENTO DE...

— O senhor é um sacrílego! um louco!... Desonrar deste modo a casa que dirijo e o seu caráter sacerdotal!... Saia incontinenti! vociferou a superiora.

O miserável curvou a cabeça e saiu.

Entrementes, a irmã Maria ajoelhou-se junto à menina desmaiada, compusera-lhe as vestes com piedoso carinho, solevara-lhe o busto e sustinha-a de encontro ao seio, banhando-a de lágrimas, desejando que a pobrezinha não mais despertasse.

E todo aquele horror passara-se em minutos!

— Carreguemo-la! disse a superiora.

Levaram-na de manso, e depuseram-na no próprio estrado em que dormia a irmã Maria, até que trouxessem o leito de Carmen; não podendo mais ocupar o dormitório das educandas, vinha para a cela da sua amiga e enfermeira.

Ao terminar o desmaio, teve a menina violentas crises nervosas, sossegando aos poucos sob a ação de calmantes ministrados pela abadessa; a chorar velou-lhe Maria o agitado sono, ansiando que amanhecesse e que mandassem chamar o médico.

Despertando toda dorida, acudiu à mente da menina a sua irreparável desgraça, e desatou em soluços, ocultando a cabeça no seio da amiga que a estreitava, chorando com ela e cobrindo-a de beijos.

— Oh! mamã, não me deixes só!... Tenho medo! muito medo e sofro tanto!... disse com a sua voz de criança.

— Sossega, minha filha, não te deixarei; não sairei daqui!

Pouco depois apareceu a superiora com uma tisana, e, sem mesmo perguntar à enferma como se achava, ordenou-lhe que bebesse; ao retirar-se, acompanhou-a a irmã Maria, e perguntou-lhe timidamente se não viria o médico.

— Para quê? para propalar-se o escândalo? Nada! o mal está feito e, passando o estado nervoso, ficará boa, disse a superiora.

Descontente e apreensiva, voltou a moça para junto da doente, que estava desassossegada, muito pálida e em ânsias, até que vomitou, ficando extenuada;

advertida do ocorrido, mandou a abadessa que se espaçassem as doses; porém, cada vez que ingeria o remédio, mostrava-se Carmen mais incomodada.

Não comeu em todo o dia, teve febre e à noite era extrema a sua fraqueza; quando adormecia, nem assim sossegava, porque atormentavam-na os pesadelos que a faziam soltar pavorosos gritos, acordando lavada em frio suor; verdadeiras visões apocalípticas, em que uns monstros tonsurados e de batina tripudiavam em saturnais.

Pela madrugada apareceu a superiora que se encolerizou, vendo a beberagem quase intacta.

— Por que não cumpriu as minhas prescrições? perguntou à freira.

— Por ver que piora, sempre que toma o remédio e tive receio...

— Ah! teve receio? acentuou a abadessa com ironia.

Retirou-se e voltou pouco depois com uma xícara de infusão mais carregada, acordou a menina e fê-la beber; súbita decomposição operou-se-lhe no semblante já desfeito, apertou o peito com as mãos crispadas, fixou desvairada a irmã Maria e caiu inerte.

Esta, aflita, tomou-a nos braços, pedindo um médico, e, a soluçar, mostrou-a à superiora, em cujo rosto pareceu-lhe divisar a sombra de triunfante sorriso; então, uma ideia horrível veio à mente da freira, elucidando-a, fazendo-a compreender o sinistro desfecho com que a abadessa salvaguardava a honra do convento.

— Madre, a senhora matou-a! exclamou horrorizada.

— Quando a educanda enterrar-se você irá para o *in pace* refletir no que acaba de avançar sobre a sua superiora, disse ela e saiu levando os restos das tisanas.

Foi intolerável o que a irmã Maria padeceu, penteando e vestindo a sua querida discípula: morta, ao desabrochar, linda, rica e adorada; e, depois de sofrer o maior dos atentados, ainda comprava com a própria vida a impunidade do criminoso!

Horrenda aquela iniquidade cometida entre os muros de um asilo religioso, e ante ela revoltava-se o ulcerado e manso coração da freira, subindo-lhe uma onda de

fel aos lábios ressequidos; dura sorte era essa de perder, por morte violenta, quase todos a quem amara!

E a afeição dessa menina viera-lhe depois de tantos anos de solidão e de preces saudosas, parecendo uma compensação às suas esperanças mortas e ao seu desprendimento terrestre!

Quando levaram o corpo da mártir, encerraram a irmã Maria no *in pace*.

V

Epílogo

DOIS DIAS DEPOIS CHEGOU ANTÔNIO RODRIGUES da Inglaterra, com a preceptora que devia completar a educação da filha e fazer-lhe companhia; pressuroso, correu ao encontro, antevendo o contentamento de Carmen, saboreando-lhe antecipadamente os carinhosos beijos.

Logo ao entrar, recebeu-o a madre porteira com umas lamúrias, em que o exortava à paciência e, sem mais explicações, levou-o à presença da superiora; esta, ao vê-lo, deu à fisionomia um ar compungido que a tornava mais antipática.

- Não recebeu a minha carta? disse.
- Não, senhora! Mas o que há? inquiriu, inquieto.
- Dizia-lhe que Carmen estava doente...
- E agora? como vai?
- Resigne-se, sr. Rodrigues, aos decretos da Providência...
- Carmen... muito mal!... morta, talvez!...
- Sim! disse a superiora, sem mais preâmbulos.
- Oh!... fez o mísero, cambaleando e levando as mãos à cabeça.

A superiora chegou-lhe uma cadeira, em que ele se deixou cair inconsciente, mas de um ímpeto ergueu-se logo e exclamou:

- Morta! mas como? de quê? se era tão sadia?

O CRIME DO CONVENTO DE...

- Teve umas síncope que se reproduziram durante dois dias e na última...
- Em dois dias, meu Deus!... toda a minha vida!... E o médico a que atribuiu essas síncope?
- Não chamei médico, porque julguei que fosse uma simples indisposição e dei-lhe remédios caseiros.
- Mas, vendo que se agravavam os padecimentos, nada devia poupar para salvá-la e surpreende-me esse descuido!
- Oh! senhor, não podia prever...
- Ao menos depois de morta mandaram chamar o médico? insistiu o pai.
- Já lhe disse que não veio médico! replicou com azedume a superiora.
- Pois fez muito mal e acho tudo isso singular, até mesmo a sua atitude! acentuou Rodrigues, com a súbita intuição dos que muito amam. — Então esta casa é a antecâmara da morte?... Adoece uma educanda e não se providencia; deixa-se que a moléstia siga o seu curso fatal?!...Quero falar à irmã Maria! acrescentou Rodrigues, furioso.

(CONTINUA)

DÉLIA

O crime do convento de...

O Paiz, ano 7, n.3418, p.3, sábado, 05/09/1891

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=3767

O CRIME DO CONVENTO DE...

V

Epílogo

(Conclusão)

- ESTÁ DOENTE, PORQUE MUITO SE DESVELOU com a sua filha.
- Sei que eram amigas e por isso mesmo desejo vê-la.
- O senhor não pode penetrar na cela de uma freira.
- Bem; dê-me a indicação do lugar onde está enterrada a minha filha, disse

Rodrigues aparentemente calmo.

Dirigiu-se a superiora à secretária, e tirou uma folha de papel que entregou a esse homem, cuja presença a incomodava; contendo as lágrimas, leu impassível as poucas linhas que ali havia, guardou o papel no bolso e com o sobrolho carregado, disse:

- Até breve, senhora! e saiu.

Sobressaltada desceu a abadessa ao *in pace* onde jazia a irmã Maria e reiterou-lhe a ordem de beber da mesma tisana ministrada a Carmen.

- Não, madre, não beberei; quero poupar-lhe este novo crime.
- Mas eu posso estrangular-te! vociferou a megera.
- Faça-o; o meu corpo pertence-lhe, mas eu não beberei de *motu proprio* veneno, porque isso importaria em um suicídio, o qual a minha religião proíbe.
- Morrerás então de fome e sofrerás mais tempo! replicou friamente a abadessa, retirando-se.
- Deus a perdoe, madre! respondeu a voz meiga e enfraquecida da freira.

Com o prestígio do dinheiro, conseguiu Rodrigues a imediata exumação da filha, procedendo-se à autopsia: ao abrir-se o caixão, maravilhou aos assistentes a peregrina beleza da morta, ainda em perfeito estado, adorável no rico traje de virgem que ocultava a sua profanação.

Quis o infeliz pai assistir a esse terrível e doloroso espetáculo para o seu terno coração, julgando na sua idolatria salvar ainda com a sua presença o pudor da pobrezinha; que ali estava a dois passos dela, enxugando as lágrimas, sem olhar para a nudez do seu anjinho, entorpecido de tanto sofrer, parecendo-lhe que retalhavam as suas próprias carnes nos pontos mais sensíveis.

De repente, uma exclamação dos médicos tirou-o desse torpor e arrancou-lhe um grito medonho, em que extravasava o fel das maiores dores humanas; e, ante os recentes vestígios da bárbara violência que a filha sofrera, as suas faces lívidas tingiram-se de vivíssimo rubor.

— Oh! o meu coração bem pressentia um crime! e agora, tenho a convicção de que a mataram, para encobrir este monstruoso atentado!... Ah! filha da minha alma! Só viverei doravante, a fim de punir os teus algozes, e depois irei ter contigo! soluçou o mísero beijando-a, purificando-a com as suas lágrimas piedosas.

Efetivamente, no exame das vísceras, feito à parte, descobriram os peritos o tóxico que destruíra aquela mimosa existência.

Na devassa feita no convento e à qual assistiu Antônio Rodrigues, não se encontrou a irmã Maria, e só depois de muitas ameaças deu a superiora a chave do *in pace*; o depauperamento da pobre freira causava dó; e, depois de beber um cordial, pôde falar e a sua primeira palavra foi para o pai de Carmen, que se ajoelhara junto a ela.

— Ah! sr. Rodrigues. Deus é justo, porque permitiu que eu o visse antes de morrer!... Creia que o meu coração compartilha o seu infortúnio, pois, com o nosso bom anjo, sepultou-se também a minha única alegria neste mundo! disse a chorar.

— Bem o sei, minha boa irmã, compreende a ansiedade com que eu esperava este momento!... Reúna, porém, todas as suas forças para responder às perguntas destes senhores; mais tarde então, contar-me-á tudo.

— O que eu tenho a referir-lhe é também o que vou declarar à autoridade aqui presente. Estou à disposição da justiça, embora pese-me acusar a quem quer que seja, mas, antes de tudo, está a minha consciência.

Sentou-se sobre o leito que lhe haviam improvisado, limpou as lágrimas que lhe inundavam o rosto macerado e emagrecido, mas de angélica beleza, e começou a narração, desde a entrada do padre João para o convento, deduzindo os fatos com extraordinária clareza.

Quando teve de contar o duplo sacrilégio que presenciara, olhou compassiva para Rodrigues, exortou-o à coragem, segurou-lhe na mão trêmula, e, ruborizada de pejo, relatou tudo, sem nada omitir.

— Ele!... um padre!... ah! infame! exclamou o desditoso pai, rompendo em soluços, enquanto a freira chorava e os assistentes ficavam uns atônitos e outros indignados.

Revoltou-se sobremodo o infeliz, ouvindo as peripécias do envenenamento, em que a virago fanática sacrificava sem remorso, quase inconsciente, uma existência preciosa, para abafar o escândalo que reverteria sobre a comunidade, logo que se descobrisse o nefando crime ali praticado.

Depois do interrogatório, ficando só, sentiu-se a irmã Maria exausta e fechou os olhos, desejando morrer, pois cumprira a sua triste missão e só ansiava pelo eterno descanso: de repente, beijaram-lhe a mão e ela viu Rodrigues, contemplando-a por entre lágrimas.

— Minha irmã, antes de nos separarmos para sempre, diga-me em que lhe posso ser útil? O que deseja para melhorar a sua penosa condição?

— Parte? o que vai fazer? inquiriu aflita.

— Matar o monstro e depois morrer — disse Rodrigues com terrível calma.

A mulher valorosa que existia na irmã Maria compreendeu aquele desforço paterno, mas a freira estremeceu e ficou perplexa.

— Peço-lhe, suplicou-lhe, em nome da afeição que a uniu ao meu tesouro, que me diga o que deseja! Olha que é pedido de um moribundo que a irmã tem a satisfazer.

— Pois bem; eu muito lhe agradeceria se obtivesse a minha transferência para um convento em França, a fim de morrer em minha pátria.

— Será feita a sua vontade. E, agora, dê-me a sua bênção, e depois reze por mim.

A irmã Maria soergueu-se a custo, cruzou as mãos diáfanas sobre a fronte do infeliz e, com lágrimas na voz, disse:

— Deus justo e bom, perdoa-o e recebe-o no seio da tua infinita misericórdia!

O justiceiro levantou-se calmo, beijou o hábito da santa e saiu.

.....

O padre João, desde que soubera da exumação de Carmen, ficara sobressaltado e tratara de fugir, indo refugiar-se em uma aldeia do Minho, em casa do cura, a quem narrou o crime cometido, pedindo-lhe agasalho por alguns dias, até que passasse à Espanha.

Tencionava partir pela madrugada e já tinha o farnel pronto; por causa do calor tirou a cabeleira e as barbas postiças e chegou à janela, expondo a fronte abrasada à viração da noite.

Em torno, a quietação dos campos, quebrada apenas pelo mugir do gado e pelos latidos dos cães, iluminando a planície esplêndido luar; uma dessas noites de amor e de poesia, em que a alma se dilata em sensações radiosas.

Apoiado à janela, o padre percorria em mente um cemitério, chegava a uma sepultura e via Carmen, linda, sedutora ainda depois de morta, dormir o sono eterno e sem transição, esquecia-se de que ela morrera e tornava a vê-la viva, na plenitude de todos os encantos.

Quando começara a exercer as suas funções no convento, o seu olhar infame fuzilara um dia, vendo o rosto angélico da irmã Maria, mas a gracilidade de suas

O CRIME DO CONVENTO DE...

formas arrefecera-lhe os ardores; pouco depois voltara a menina ao recolhimento e a sua vista fascinara o miserável, inspirando-lhe uma paixão infrene.

E agora, ele revivia dia a dia as emoções que ela lhe causara, a embriaguez em que o hipnotizara, escravizando-o a uma ideia fixa que o inebriava e torturava em tantálico desejo.

E, enfim, naquela tarde, vendo-a como a encarnação da primavera, aspirando pela grade do confessionário o perfume que dela se desprendia, esquecerera tudo, de nada se arreceara e fora feliz como nunca e, à evocação do seu deleite, tremia todo, suspirando de volúpia, com os olhos úmidos e o peito arquejante.

Nesse momento entrou um homem no quarto, foi direito a ele e, cravando-lhe no peito um punhal até ao cabo, disse:

— Toma, tigre; aqui, onde devias ter um coração!

O monstro tonsurado caiu sem soltar um grito.

DÉLIA

O crime do convento de...

O Paiz, ano 7, n.3419, p.3, domingo, 06/09/1891

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=3775

5. SENSITIVA

SOFIA NASCERA NA PROVÍNCIA DE... mas educara-se no Rio de Janeiro, banhada por este esplêndido sol e bafejada pela aragem perfumosa destas noites sem rival.

Amava muito a corte, apesar do calor e das febres, com a indulgente cegueira que votamos aos entes caros, embora lhes conheçamos alguns defeitos.

Em épocas epidêmicas, quando todos amaldiçoavam este clima, ela suspirava profundamente, perdendo o olhar no horizonte azulado, imponente, onde as serras sombrias parecem suster o céu.

Sentia imenso orgulho, mirava o incomparável panorama, revoltava-se contra as maldições que ouvia e achava os queixosos mesquinhos e ingratos.

Como se a morte não fosse da vida a inevitável consequência!

Em toda a parte, uns acabam mais cedo e outros mais tarde; nem por isso se deve olvidar o que a sorte nos confere em bens e alegrias.

Há existências longas, duplicadas pela amargura, e que não podem causar inveja e, como reverso, brevemente se escoam algumas primaveras, muito antes do outono, porém ridentes e floridas.

.....

Sofia era o ídolo do pai e dos irmãos, e sua compleição fraca tornara-a o alvo de todas as solitudes e carinhos.

Desde a mais tenra infância, tudo o que havia de melhor e de mais belo lhe tocava pelo unânime acordo dos corações que a amavam apaixonadamente.

Ela se assemelhava a um pássaro implume, caído do ninho e criado em tépido conchego, ao abrigo da própria aragem, demandando incessantes cuidados; crescera débil e franzina.

Aos quinze anos era uma pálida flor, mimosa, lânguida, de olhos negros, aveludados, sorrindo brandamente como os convalescentes e cerrando as pálpebras diáfanas aos raios luminosos do sol de fevereiro.

À tarde, quando a brisa sussurrava no arvoredo, reclinava-se no sofá, forrado de pelúcia, procurando aquecer as carnes resfriadas pela aproximação do crepúsculo.

Durante a noite, conservava-se ali, deliciosamente entorpecida pelo calor da saleta perfumada, cheia de flores, resguardada pelos reposteiros, ouvindo as narrativas do pai, feitas a meia voz, enquanto os irmãos tocavam sonatas, despendendo essas gostosas risadas da mocidade sadia.

E a meiga donzela sorria ao pai para o incitar a narrar-lhe alguma aventura passada, o que muito agradava ao velho, o qual sentia suave alegria em recordar os tempos da juventude e lhe falava na província natal, nos parentes aí residentes, muitos dos quais já não existiam, mas cujos descendentes eram numerosos.

Assim passava ela as noites, até que dois anos depois ouviu falar na chegada da companhia lírica e pediu ao pai para ser assinante.

Este lhe observou que temia expô-la ao calor do teatro e à transição de temperatura à saída, porém ela prometeu agasalhar-se e tudo conseguiu.

Estrearam com a *Traviata*. Sofia leu o libreto com viva curiosidade: ouviu a abertura com religioso recolhimento e no correr da peça seu pulso agitou-se várias vezes e suas róseas narinas moveram-se frequentemente.

– Que tal achaste? inquiriu o pai.

– Sublime! respondeu ela, e caiu no habitual mutismo.

No seu organismo operara-se uma transformação: aquela música, ora vívida, ora mórbida, reproduzindo fielmente as agitações da alma, havia-lhe despertado a natureza exaltada e até então enfraquecida por difícil desenvolvimento.

A apatia em que permanecera fora uma pausa, uma incubação necessária aos fenômenos nervosos que se manifestariam com o tempo, ou ao impulso de qualquer incidente.

A impressão produziu-se provocada pela música; o choque recebido causava-lhe indefiníveis sensações, que a surpreendiam, encantando-a, dando-lhe energia à vontade e interessando-a pelas mínimas coisas.

No dia seguinte, manifestou desejos de aprender equitação e, em breve, era intrépida cavaleira, um tanto imprudente, o que muito inquietava a Artur, seu irmão predileto, que a acompanhava nas loucas correrias.

No verão, a família retirou-se para o campo e Sofia passeava todo o dia: acordava cedo, bebia leite e montava, ajudada pelo irmão e, a palestrar, seguiam sem destino.

De repente, ela lhe pedia que se pusesse de emboscada em uma bifurcação do caminho e que fingisse querer raptá-la.

Artur sorria àquelas extravagâncias, fazendo-a prometer que não cometeria imprudências e obedecia à caprichosa.

Logo que o irmão lhe saía ao encontro, Sofia desaparecia em veloz corrida e o moço, assustado, suplicava-lhe que parasse e jurava não mais atender a nenhum de seus desejos.

Ela o esperava, caída na relva, simulando desmaio, com as pálpebras cerradas e Artur a chamava em altos brados, aflito, desesperado.

Sofia soltava alegre gargalhada, sentava-se com vivacidade, beijando as pálidas faces do irmão, compensando-o com mil carinhos daqueles receios e daquela condescendência às suas excentricidades.

– Ora, Sofia! por que me assustas assim? Que prazer sentes tu nestas toleimas, nestes fingidos perigos? inquiriu o rapaz agastado, depois de várias repetições dessas cenas.

– Um prazer enorme! Calculo mais ou menos o que sentiria, se realmente me achasse em semelhantes situações! Nesses momentos, Artur, sinto uma exuberância de vida que me sufoca, corro loucamente e parece-me que o universo me pertence e foi criado para mim! exclamou ela radiante.

– E estás corada, febril, e tens as mãos frias! És muito nervosa e as mulheres nervosas são sempre um tanto malucas, meu anjo! disse o irmão, sorrindo-lhe.

– Pelo que sinto às vezes, julgo que tens razão. Olha, sabes que todas as moças na minha idade, só pensam em casamento, no encanto do lar e na calma de uma vida de rosas... Pois bem, quando estou só no retiro do meu aposento, rodeada de conforto, mirando o cintilar das estrelas, penso, sabes em quê?

– Não! respondeu Artur.

– Nem o podes imaginar! Quando todos dormem e não ouço nenhum rumor, abro a janela e só, ante o firmamento, dou largas à imaginação. Sinto que me apaixonaria por um homem que fosse alvo de muitos ódios e cuja vida constituísse um tecido de lutas e desalentos. Eu o amaria loucamente, impelida pelo espírito de contradição, que é a base do carácter feminino e pelo infernal orgulho de o compensar com meus carinhos de todos os dissabores que o magoassem. Quando entrasse em casa, pálido de ira, ou rubro de indignação, eu indagaria da causa de sua cólera; como ele me irritaria, abraçaria as suas opiniões, identificando-me com as suas lutas, incitando-o assim à cega confiança.

Depois de o ouvir pesaria todos os prós e contras com a perspicácia da mulher amante, isto é, com dupla sagacidade, e lhe insinuaria sábios conselhos, lisonjeando-lhe o amor-próprio e adotando-lhe todas as ideias.

A reação operar-se-ia necessariamente em seu espírito, e ele somente veria a mulher que o afagava, sempre solícita e enérgica, e as contrariedades desapareciam, deixando-me imperar unicamente naquele ânimo.

Os perigos de uma situação falsa e a minha completa abnegação o prenderiam à minha pessoa, como ao único ser capaz de o compreender, auxiliar e amar varonilmente.

Eu o seguiria por toda a parte, suportaria com certa volúpia as rajadas de feroz invernada, pois saberia que ele ali estava junto a mim, dando-me o braço, levando-me, como levaria o revólver e o cachimbo, isto é, com a segurança da posse absoluta.

Eu viveria por ele e para ele e, no momento em que não lhe pudesse mais ser útil, deveria desaparecer! O que dizes a isto, Artur? inquiriu, sorrindo adoravelmente.

O moço, surpreso, ouvira aquela linguagem febril e tremera ante as fantasias daquela imaginação vulcânica; mas, com fraterna indulgência, relevou tantos excessos e admirou a irradiação de Sofia.

À medida que falava, os olhos despediam chispas, as faces coloriam-se, as narinas tremiam como asa de mimoso inseto e as espáduas alabastrinas palpitavam sob a fazenda sombria do seu longo vestido de montar.

O irmão contemplou-a e disse, apertando-a nos braços:

– És uma encantadora louca, capaz de seduzir os anjos, porém não te deixes prender pelos caprichos de tua mente exaltada. Sabes que a vida tem para a mulher um lado muito positivo, muito penoso, que se resume no cumprimento de deveres morais e sociais: é uma obrigação bem triste às vezes, mas onde surgem algumas alegrias e compensações. Essas existências acidentadas, de que falas, giram fora da lei comum, declaram guerra a certos preceitos coercivos, isolam-se e, sem apoio algum, só podem contar com os próprios recursos, que são, quase sempre, escassos ou incertos. Sobretudo, filha, não esperes, nem queiras encontrar na vida esses lances romanescos, cheios de peripécias e ardentias: aguarda antes a posse de um afeto calmo, seguro, uniforme, um tanto prosaico mesmo! A felicidade não permanece no fervilhar de uma paixão voraz, essa suave emanção do egoísmo humano tem plebeias predileções e prefere, quase sempre, a chata quietação das existências vulgares. O que queres, Sofia, se a felicidade é mulher e, portanto, vária e incompreensível?! Choras? o que tens? fala!

A moça, fremente, ouvira aquelas palavras sensatas, que lhe pareciam um dobre de finados, matando-lhe as caras fantasias, desnudando-lhe as tristes realidades da vida, pondo uma barreira aos seus devaneios, tão lindos, tão palpitantes, tão ricos de febris miragens!

Dor lancinante feriu-lhe a alma e sua excessiva sensibilidade de mulher nervosa lhe fez antever a aridez da vida, quando despida das douradas ilusões que lhe enchiam o seio: estremeceu ante aquele vácuo e tomou o seu partido.

Quebrou um galho de manacá, cheio de flores e torceu-o entre os dedos frios, derramando abundantes lágrimas.

À interrogação de Artur, respondeu:

– Choro as ilusões que me alentavam, e, se a vida é o que tu dizes, desisto da parte que nela me cabe, despedaço-a como a este galho!

E, juntando o gesto à palavra, partiu o ramo e, ligeira, tornou a montar e seguiu sem dizer palavra.

.....

Meses depois, Sofia, pálida, apática, passava as noites como outrora, aninhada no sofá, abstrata, indiferente a tudo.

Finava-se lentamente, sem dor, sem doença, apresentando extraordinários fenômenos.

Uma noite, enquanto tocavam a *Aida*, ela chamou Artur e disse-lhe com voz débil:

– Sou uma natureza nervosa, incapaz de me sujeitar à lei comum dos outros organismos.

Necessitava de uma paixão, de uma ideia, que me galvanizasse, dando-me forças para viver e alegria para me dedicar. Tudo isso eu tinha no fundo da alma, e tu, com tua prática do mundo, extinguiste o meu princípio vital. Morro, e morro satisfeita, já que é irrealizável o meu sonho!

Adeus!... A morte apagará inteiramente a minha doce ilusão, ou quem sabe? talvez me seja dado reaver no mistério do túmulo a minha ardente aspiração!

E morreu, sorrindo.

Artur, contemplando-a no caixão, entre flores, murmurou:

SENSITIVA

– Adorada visionária! perdoa a minha triste experiência!... Dorme, baixa à terra, continua a sonhar, e foge a este mundo vil que não te enxugaria o pranto, mas que te pediria sérias contas, se te revoltasses e não te sujeitasses aos martírios que te impusessem!

DÉLIA

Sensitiva

O Paiz, ano 8, n. 3538, p. 1, segunda-feira, 04/01/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4500

6. SEMPRE A MIRAGEM

AMÉLIA SALTOU DA CAMA, ENFIOU O penteador e abriu a janela, deslumbrando-a a súbita transição da sombra à luz e o esplendor da paisagem que dali se descortinava. Ficava a fazenda em uma bacia rodeada por majestosas serras, que pareciam tocar ao firmamento; pululava a vida por toda a parte.

Ante aquela magnificência mais se acentuou a melancolia que empanava o rosto da moça e fundo suspiro exalou-se-lhe do peito. Voltara, na véspera, do pensionato, na corte, e voltara de vez, pois já contava dezesseis anos e não achara mais pretextos para prolongar a sua permanência no colégio.

Tinha saudade das amigas, mas o que a entristecia e quase a atemorizava era a perspectiva de viver ali, naquele meio em que se sentia deslocada, entre seres que lhe eram antípodas e que a desencantavam de tudo.

Seu pai tornara-se um verdadeiro lavrador; materializara-se, perdera o esmero de homem educado, embrutecera-se mesmo em meio da submissão dos negros e da bestial tirania do feitor.

Sua mãe mostrara-lhe quase sempre esse mesmo semblante macerado que a assemelhava a uma Senhora da Piedade; há vinte e cinco anos curtia a mísera um martírio mudo que lhe devorara aos poucos o coração, matando-lhe talvez a sensibilidade e tornando-a verdadeiro autômato. Amélia lembrava-se de vê-la chorar, algumas vezes, silenciosamente, umas lágrimas longas e pesadas que a compungiam muito, levando-a a lançar-se aflita nos braços da mãe e a chorar com ela.

O irmão mais velho casara e estava fora; os outros no colégio, as amigas longe, e ante o espírito da moça surgia uma série interminável de dias enormes e de noites eternas e uniformes na monotonia.

Tratou de criar uma existência à parte; conseguiu que, além do pajem, uma mucama a acompanhasse nos passeios a cavalo, correndo ela adiante deles, que mal

podiam acompanhá-la à distância; voltava fatigada, descansava algumas horas e à noite tocava piano, ou cantava com a sua bela voz de contralto, embalando docemente a modorra materna.

Achando ainda assim tempo de enfastiar-se, teve a funesta ideia de procurar um livro na biblioteca e devorou a *Indiana* de George Sand, lendo-o febricitada, com o cérebro a arder e o coração a pulsar às tontas como pássaro cativo.

À *Indiana* seguiu-se *Valentina*, do mesmo autor, e todos os romances e poemas que encontrou, relendo com avidez de faminta essas páginas de fogo, esses gritos lancinantes da alma, esses brados de desespero, de ironia e de maldição, que se gravam indelévels como um traço de simpatia, no espírito ardente e apaixonado da incauta juventude, inoculando-lhe a mesma acuidade no sofrer.

Desde então só teve Amélia um objetivo na vida – amar, isto é, padecer, sofrer todos os tormentos que o amor sugere e que não a amedrontavam, antes a extasiavam em uma beatitude de fanática, deixando-a horas e horas imóvel, com o olhar perdido no infinito em busca do desconhecido.

Passaram-se quatro anos, sem que tivessem os pais de que queixar-se, porquanto era cordata, atenciosa e a nota alegre da casa; só três vezes admoestou-a severamente o pai, mas não conseguiu fazê-la mudar de propósito.

Pediram-na em casamento moços de boas famílias e posição, porém a todos respondia ela o mesmo:

– Só desposarei o homem a quem amar.

O pretendente retirava-se despeitado ou pesaroso e o pai dizia, furioso:

– Olhem a princesa! Desdenhar tão bom partido! Julgas que eu viverei sempre e que és muito rica? Lembra-te de que tens muitos irmãos!

– Mas, meu pai, eu não hei de unir-me eternamente a um homem a quem não ame.

– Amar nem *pera* amar! [sic.] Para que serve isso? e o que vem a ser? São ideias de maluca! é o resultado das leituras de romance!... Tomara apanhar-te a ler algum livro!

E amuavam-se durante dias; depois voltava tudo aos eixos.

Atingira a moça a plenitude da beleza: era alta, colo cheio, talhe flexível, muito elegante e bem-feita, tez levemente morena e rosada, olhos grandes, negros e lânguidos, nariz aquilino, mãos e pés mimosos, uma grande distinção.

Por esse tempo veio o irmão mais velho à fazenda, em companhia do bacharel Leandro do Amaral, moço de uns trinta anos, bem-apeado e de maneiras insinuantes; vinha passar apenas oito dias e ficou um mês, encantado pela Amélia e pela perspectiva de uma fortuna futura, em vista do conforto que o rodeava, sem se lembrar de que quase sempre entre nós não correspondem essas abastanças às aparências que ostentam.

E, enquanto a contemplava Leandro, fazendo projetos, escutava ela os hinos de amor que lhe entoava o coração, já cativo e preso a esse homem que mal conhecia e a quem ia unir-se para sempre, dando-lhe a sorrir todos os tesouros de sua alma terna e boa, em troca de problemática retribuição, de alguns dias de febre apenas, em que se tornaria – sabor de uma novidade.

E a pobrezinha já o adorava como a um Deus.

Casaram e vieram para a corte, como queria a moça; durante um ano julgou-se ela ditosa e gozou essa ventura a largos haustos, achando a existência bem curta para tamanha dita, e, no entanto, já se aproximavam os pesares.

Como é pungente ver, dia a dia, apagar-se a nossa imagem no coração do homem a quem amamos!... E como é mais doloroso ainda, sentirmos que mais o amamos à medida que ele nos esquece!

As lágrimas, as blasfêmias e as humilhações sucediam-se e entremeavam-se, sem que ela conseguisse senão acréscimo de desgostos e maior afastamento do marido;

o que padecera a mísera, excedia a todas as dores, a todas as lutas descritas nos romances lidos outrora e que tanto a haviam comovido!

No calor das contendas, Leandro fizera-lhe cruéis revelações, proferira essas frases injuriosas que jamais se olvidam, e que doem sempre com a mesma acuidade, sangrando nos mesmos pontos em uma exacerbação irritante.

E, em um desses momentos, soubera a pobre moça que a sua beleza apenas despertara no marido o desejo de possuí-la, sendo, entretanto, a sua fortuna o único móvel e a única explicação do seu casamento.

Não é muito comum morrer-se ou enlouquecer-se de pesar, porque nessas crises medonhas da vida a intensidade dos amargores como que revigora a faculdade de sofrer, por isso não sucumbiu Amélia, mas em que descabro lhe ficou a alma!

Sentia um desconforto, uma apatia, uma necessidade de alienar-se de tudo e de todos, quando soube que Leandro volvera a antigos amores; então fez-se a reação e ela procurou a agitação das salas, a mentira de fingidos protestos de amor, uma desforra, alguma coisa enfim que a absorvesse e lhe fizesse esquecer a triste solidão do lar.

Não lhe foi difícil encontrar o que buscava, pois há sempre na sociedade algum bandido à espreita dessa triste hora de revolta, em que uma pobre mulher sente a vertigem do abismo e só espera pela mão que a deve despenhar e nunca salvar.

E ela ouvia as doces palavras do sedutor com os olhos secos e fixos, a engolir os soluços, a reprimir as injúrias que lhe subiam do ulcerado coração aos lábios, com ímpetos de cuspir-lhe na face todas as suas dores, todas as suas decepções, que eram o atroz reverso de todas aquelas blandícias que também já ouvira de uma outra boca.

Não fazia a menor concessão ao enamorado, nem mesmo deixava-o beijar a ponta dos dedos, o que lhe irritava os desejos e incendia a paixão; quando o viu bem seguro, capaz de todas as loucuras, cientificou-lhe de que fugiria de casa, contando com o seu apoio.

E no dia convencionado, em vez de ir ter com o apaixonado, tomou o trem e febril, a tiritar de frio nervoso, foi para a fazenda paterna; no último momento,

reconhecendo que nada sentia pelo escolhido cúmplice e que não teria a coragem de ser desonesta, resolvera volver ao ninho, onde bebera os salutareos exemplos que a afastavam para sempre do mal.

Sentia imperiosa necessidade de abraçar-se à mãe, de tornar a ver o seu semblante de mártir, a sua resignação, parecendo-lhe que aquele espetáculo acalmaria o seu desespero e os seus rancores.

E não se enganava: o longo abraço com que a apertava a matrona em um ímpeto de piedade e de indulgência, os beijos úmidos e precípiteos com que lhe enxugava o pranto, diziam-lhe com viva eloquência quanto a pobre senhora compreendia e compartilhava as suas mágoas de mulher ferida nos mais delicados recessos da alma.

Tantas emoções, porém, sofreu o seu organismo, que, por fim, sobreveio-lhe violenta febre cerebral, da qual escapou a muito custo; foi lenta a convalescença, intolerável o tédio de volver à vida, imensa a apatia em que se engolfava a moça, custando-lhe até mesmo a sorrir dos desvelos que lhe dispensavam.

Meses depois, pálida, desfeita, mas ainda formosa, quis ver os sítios prediletos e as frondosas árvores, a cuja sombra arquitetara outrora tanta ilusão ridente e tanto sonho dourado, agora apagados, sumidos para sempre na voragem que lhe despedaçara a existência.

Em amorosa peregrinação visitou um a um todos os lugares, remirando enternecida todas as minudências com os grandes olhos cansados, admirada de vê-los belos e virentes como dantes, enquanto a transformara o infortúnio em espectro ambulante.

Chegou à margem do rio a que dera tantos nomes poéticos, desse lindo rio de águas sussurrantes, cujo ruído tantas vezes acalentara as suas cismas de moça; fatigada, sentou-se no banco de pedra, sob o dossel de trepadeiras e enredanças e cerrou as pálpebras, evocando o passado, triste e consolativo caleidoscópio, onde perpassam as alegrias mortas e as esperanças falazes.

SEMPRE A MARGEM

– Era tão pouco o que eu almejava!... ser amada unicamente, e não o consegui! murmurou aflita, e fundo soluço saiu-lhe da garganta constrangida.

Apavorava-a o vácuo em que viveria dali em diante, sem achar lenitivo para o seu desconforto e sem querer procurá-lo no desregramento, restando-lhe somente a perspectiva de uma resignação que não estava no seu temperamento.

Ergueu-se, hirta, aspirou com força a brisa impregnada de perfumes e dirigiu-se para o rio, que a fascinava, sinuoso e cristalino, perdendo-se ao longe: deitou-se de costas sobre o leito movediço, e, sorrindo, deixou-se ir, lançando um último olhar aos sítios que lhe recordavam os únicos momentos felizes de toda a sua vida.

DÉLIA

Sempre a miragem

O Paiz, ano 8, n. 3546, p. 2, terça-feira, 12/01/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4544

7. A AVÓ

À PORTA DO MINISTRO ESTACIONAVAM LUXUOSAS carruagens e os cocheiros palestravam com tal ou qual impostura tomando ares senhoris, conforme a riqueza ou a importância social de seus amos.

Sempre a ênfase a predominar, quer na baixa, quer na alta esfera!

Lá em cima, o salão apresentava deslumbrante aspecto: luzes, flores, mulheres e madrigais: fusão de quatro sinônimos.

As casacas perpassaram sob os lustres, em zumbaias mais ou menos servis, criticando o poder decaído ontem, para incensar o astro nascente, que tencionavam explorar por todos os meios confessáveis e inconfessáveis.

Em grupos junto aos espelhos, ou espalhadas pela sala, as mulheres sorriam satisfeitas por suplantarem as rivais, ou afagando rósea esperança, e faziam ouvir o murmúrio de uma colmeia em atividade.

Ali também havia mel, perfume e... ferroadas.

O ministro, bem conservado, mostrava-se afável, disposto ao bem, regozijava-se com o seu triunfo, saboreando a *lua de mel* do poder.

Experimentava a estranha e pungente sensação que nos fere, quando olhamos de alguma eminência para o que nos fica aos pés: tudo se amesquinha e os próprios homens são tão pequenos, contemplados do alto!

Ilusão de ótica, talvez.

A dona da casa e as filhas, gentis flores animadas, dividiam seus graciosos sorrisos entre os convidados com perfeita igualdade e contentamento geral.

As danças sucediam-se com animação, no meio de conversas, amabilidades e boa música.

O serviço escolhido e profuso, estimulando o estômago, contribuía para crescente entusiasmo, porque na corte a gente aprecia muito o bom passado em casa alheia.

Pois se é de graça!

E as *soirées* em casa do ministro eram concorridas, quer chovesse a cântaros, quer a lua ostentasse a sua magnificência.

Havia tanto incentivo para aquela afluência!

A seleta companhia, a vaidade de aparecer em um salão daquela ordem, a afetada intimidade com o potentado e as imaginárias proteções concedidas por ele, em troca de uns *serviços* sublinhados e cheios de eloquentes reticências!

Demais, o mísero tinha filhas casaduras, bem-educadas, e que levariam ao teto conjugal uns bons contos de réis de envolta com sua ternura e seus encantos, o que duplicaria o valor destes últimos.

Os *direiteiros*, que nada obtinham com os *provarás*, e os esculápios sem clínica, capazes de vender o pergaminho e o clássico anel por um emprego de porteiro, punham o relógio no *prego*, a fim de alugar casaca e lá iam adejar em torno das mocinhas.

Os cérebros, em efervescência, afagavam a ideia de viver às sopas do sogro fruindo succulenta sinecura e conhecendo a volúpia de régios lazeres.

E os sibaritas do ócio achavam-se dignos de desfrutar todo aquele bem-estar, eles, que nem tinham préstimos para se manter.

O certo é que esses parasitas são quase sempre felizes e usurpam o lugar que deveria tocar a moços trabalhadores, ordeiros e modestos.

Enquanto as paixões, as lutas e os vícios da vida hodierna se entrechocam no iluminado salão, penetremos no interior da habitação.

Depois de atravessar vários cômodos elegantes, entrava-se na sala de jantar, extensa, ladeada de portas envernizadas, com fechos de prata e, ao fundo, abriam-se as janelas, deitando sobre o jardim.

Nos intervalos de uma à outra porta viam-se numerosas telas representando todos os membros da nobre família, alguns ainda existentes e muitos imóveis no pó do sepulcro.

Uma piedosa ternura levava os sobreviventes a destinar aquela parte da casa aos caros mortos. Assim, em doce convívio, os antepassados assistiam às santas refeições da família, sorrindo-lhe, com seus mudos sorrisos de estampa, vivificados pela recordação do afeto que haviam tributado aos que ficaram, e pela saudade que estes sentiam.

Havia naquele recinto uma atmosfera especial e o eco das pessoas como que fazia esvoaçar um bando de carinhosas lembranças, aninhadas aos cantos, sob os móveis e por detrás dos quadros.

O espírito experimentava inaudita transição ao transpor aquela soleira: julgava entrar em remotos tempos e sentia certa veneração mesclada de curiosidade.

A última porta à esquerda dava para o aposento da venerável viscondessa de...

Está encostada apenas e, ao abri-la, depara-se com espaçoso quarto, forrado de seda *mauve*, suave como um reflexo de melancolia, ou como o perfume das violetas.

Pesados reposteiros de seda da Índia, brocada de ouro, abaixam-se em largas pregas.

No meio, o leito, antigo, muito alto, maravilhosamente esculpido, sustentado nos quatro cantos por cariátides que parecem ajoelhadas sobre o espesso e sombrio tapete.

O cortinado é um mosqueteiro de fino e raro tecido, cor de azinhavre, representando cenas mitológicas, feitas a fio de prata e cobria o leito como tênue véu, sem lhe ocultar a magnificência.

A um canto, em cômoda poltrona, acha-se a viscondessa, toda de preto, com a cabeça encostada ao espaldar e as mãos apoiadas aos braços da cadeira no lânguido abandono da cisma.

Os cabelos de neve, ligeiramente anelados, repartidos ao meio prendiam-se sobre a nuca: cabeça pequena, espirituosa que se encanecera, sem perder a primitiva beleza.

A testa, um tanto curta, como a das estátuas, tinha uma calma angélica, e ao nariz fino de linhas puríssimas, seguia-se a boca, mimosa, ainda rosada, mas sorrindo com infinda tristeza.

Os olhos grandes, onde mil ardores da alma se haviam espelhado outrora, ofereciam a serena tranquilidade dos lagos, que só refletem o imutável azul de um céu sem nuvens.

O corpo esbelto, de mediana estatura, era o pálido sudário de umas formas ideais decantadas pelos poetas que o haviam contemplado nos bailes oficiais, onde a viscondessa se apresentara em verdadeira irradiação.

As mãos, alvas, de longos dedos diáfanos, faziam *pendant* aos pés pequenos calçados de cetim preto, rivalizando com os das netinhas que, muitas vezes, gracejavam da inveja que sentiam ao mirar aqueles primores.

E a avó sorria com bondade, apertava ao seio aqueles corpinhos roliços, beijando as risonhas faces que lhe deixavam um perfume de mocidade e uma lembrança de outros tempos.

Longe, no salão, tocavam uma valsa lânguida, enervante, e a música chegava aos ouvidos da velha senhora como um queixume evocando-lhe o passado e a vida inteira.

Suas pálpebras cerradas tremeram pela aproximação da lágrima e o seio arfou mais apressado do que de ordinário.

Em frente a ela, sobre um altar, iluminado por velas de cera, erguia-se uma cruz de ébano, prendendo o corpo ensanguentado de Jesus, lívido, desfeito, com os louros cabelos empastados pelo suor da agonia.

Junto à viscondessa havia um berço, cheio de rendas, onde dormia uma criança, franzina e aleijada: era a dor e a nota melancólica daquele harmonioso conjunto.

A pobre senhora, ao som da valsa, descortinou tantas miragens!

Viu-se menina, a correr pelo campo, travessa como um garoto, subindo às árvores e mordendo as frutas com os dentes miúdos e afiados.

Depois, vinham o pensionato, as contendas, as rivalidades, as amizades entranhadas, as punições e os prêmios recebidos em comum.

E, durante o recreio, as longas confidências, os sonhos futuros, trocados à meia voz, à sombra das bananeiras, com receio das adjuntas e incitando o despeito das menores, que tudo queriam saber.

Mais tarde, rica de ilusões ouvia a confissão de amor do homem que a eletrizava e, entre risos e alegrias, os pais sancionavam aquele afeto e abraçavam-lhe o noivo.

E, um dia, à noitinha, coroada de flores, palpitante de emoção, ela se ajoelhou em suntuosa igreja, para receber ante Deus o amado do seu coração.

Respirava ainda o cheiro do incenso, o cheiro das flores que juncavam o chão, ouvia o órgão, sentia o calor das luzes e via aos cantos do templo a projeção de sombras fantásticas.

E ele – o noivo da alma: belo, um tanto pálido, todo grave, com a altiva fronte a descoberto, em piedoso recolhimento, aliava a sua imagem adorada à prece proferida baixinho.

E ela, contrita, mirara o rosto angélico da Virgem e julgara perceber um leve sorriso, prometedor de ventura.

Saíra, confiante, apoiando-se ao braço que escolhera para arrimo e entrara em casa com o coração em festa, sorrindo aos que a felicitavam.

Depois... os afazeres, a política, absorveram o amado consorte, e ela permanecera só, vendo-o a furto, entre uma refeição e o momento de entrar no carro e aos filhos consagrara todas as suas horas.

Assim passara a mocidade e, um dia, o homem idolatrado recolhera-se ao ninho para morrer, depois de haver vivido sempre fora.

A AVÓ

Deixara um nome ilustre, uma prole abastada e uma mulher desolada pela sua perda e cheia desse ardente afeto que não se gastara, sempre alimentado pela ausência do ente que o inspirara.

Educou os filhos, conforme a vontade do marido e viu-se rodeada por numerosa descendência, solícita e respeitosa.

Tudo isso lhe perpassava pela mente, acordava mil pesares e saudades, causava-lhe sensações de frio.

Achou-se tão só, tão presa ao passado, tão deslocada naquele meio em que vivia, que sentiu a profunda tristeza dos que vivem demasiado.

– Meu Deus! murmurou fitando o crucificado. Por que deixas permanecer de pé a árvore, que já não dá sombra?!...

A luz bruxuleando ensombrou a face pálida do Nazareno, ameigando-a ainda mais e o aleijadinho, febricitante, acordou bradando:

– Vovó! dá-me água!

A velha senhora estremeceu: um raio de alegria iluminou-lhe o semblante e, pressurosa, chegou o copo à boca do inocente dizendo com lágrimas nos olhos:

– Perdão, filho!... Fui um momento egoísta e esqueci que necessitas de mim e que ainda sou útil!

A criança sorriu, cerrando as pálpebras, a avó beijou-a carinhosa e a valsa expirou em lânguidos acordes.

DÉLIA

A avó

O Paiz, ano 8, n. 3554, p. 1, quarta-feira, 20/01/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4590

8. A CAPRICIOSA

CONHECI-A MUITO. ERA ALTA, ESBELTA, INTERESSANTE, sem ser precisamente bonita, olhos quebrados com afetação, boca rasgada e úmida, lindos cabelos, cútis delicada, mãos admiráveis; um todo agradável.

No moral: egoísta, loureira, não por índole, talvez, mas para passar o tempo, e preguiçosa; uma bela amostra da educação brasileira, que consiste em ligeiras noções de leitura, de música, em alguns trabalhos de *crochet* e muita janela, oh! mas muita janela!

E da janela resulta o namoro e do estulto namoro muitos dissabores e a maior das calamidades – um desastroso casamento, pois será difícil escolher bem quando se tem o pouco escrúpulo de prestar atenção ao primeiro passante, que poderá mesmo ser casado e querer divertir-se também por passatempo.

E daí a sedução, o rapto, o abandono, a miséria ou a prostituição, os filhos ilegítimos, esses infelizes párias sem nome, sem família, sem teto, que acabam enchendo as enxovias, depois de maculados pela infâmia e pelo crime.

Completara Yáyá dezoito primaveras e já contava os namorados por dezenas, tendo todas aquelas fases e competentes heróis catalogados na sua frívola cabecinha; a nenhum, porém, amara, por nenhum vertera uma lágrima, nem sentira saudade, considerando-os meros entretenimentos.

E eles tomavam-na pelo que ela era e esqueciam-na depressa, depois de a difamarem por toda a parte: vingavam-se da loureira com a covardia inerente ao sexo barbado, principalmente quando a vítima dos seus despeitos não tem um defensor.

Algum tempo antes enamorou-se de um morador do bairro, que por lá passava três e quatro vezes por dia, o que devia provar-lhe a falta de ocupação do *quidam*, mas pouco importava o futuro à insensata, que apenas queria preencher algumas horas do presente.

O sujeito era pertinaz e, entusiasmando-se no jogo do *pisca-olho*, procurou ser apresentado à família, frequentar a casa, entrar enfim na praça, o que facilmente conseguiu; tendo-o ao seu dispor, resolveu a moça mudar de gênero de divertimento e tornou-o o joguete de seus caprichos, fazendo-o um verdadeiro *souffre-douleurs*.

Eram arrufos, amuos, caras feias a todo o momento, exacerbando o mau gênio do rapaz, que chegara às vezes a odiá-la, arrependido de se lhe haver aproximado, provocando esse procedimento da moça, resultado bem diverso do que fora lícito esperar: em vez de afugentar o namorado, prendeu-o, inspirando-lhe paixão mais incendida.

Passavam os meses, a família já murmurava daquela assiduidade, o amor-próprio de Yáyá ressentia-se da demora do pedido em casamento e Alfredo nada dizia, receoso de unir-se àquela criatura vária e caprichosa que, ora o acariciava com o sorriso, ora o repelia com manifesto desdém.

Mas a moça queria ser noiva, queria causar inveja às amigas, queria novas emoções e, tanto o desgostou, tantas ironias lhe dirigiu que ele, afinal cansado, crente de que seria melhor tratado, pediu-a aos pais, regozijando-se Yáyá com aquela novidade.

Dias depois começaram de novo os arrufos e os remoques, suportando-os Alfredo com boa cara e jurando *in petto* desferrar-se mais tarde, quando a tivesse segura; era um songamonga, rancoroso, vingativo e de maus-bofes.

Não tinha a menor estima à moça, desejava-a tão somente com um ardor duplicado pelo tempo, pela vigilância que os cercava e pela tática da rapariga: nada concedia e nada desejava, não lhe pulsando mais depressa o coração à vista do noivo e achando-o até feio.

Às vezes, a revoltava a própria indiferença e o acusava intimamente por não inspirar-lhe amor; nesses dias atormentava-o ainda mais, alegrando-se por vê-lo sofrer, fazendo-o padecer por dois, já que ela nada podia sentir.

Aos camaradas falava Alfredo da noiva como se fala de uma hetaira, gabava-lhe as formas, alguns ditos picantes e os olhos quebrados, cheios de lascívia, prometedores de delirantes volúpias – dizia ele, sem atentar que despertava a perversa curiosidade dos seus iguais.

Quando ouvia a história de algum casal infeliz, empalidecia Yáyá, arreceava-se do futuro e tinha ímpetos de romper com o noivo; como seria horrível a sua desgraça causada por esse homem a quem não amava, faltando-lhe a indulgência e a resignação da mulher amante!

Teria realmente coragem para suportar os pesares, os encargos; todas as responsabilidades de esposa, ela que passava os dias da janela para o piano e vice-versa, e em passeios? E uma voz íntima, a da consciência, segredava-lhe que ficasse como estava, que não se unisse para sempre a um homem a quem não amava.

E por caiporismo era Alfredo ciumento como um tigre, não queria que ela sorrisse, nem falasse aos outros homens, só consentia em vestidos afogados, não gostava de bailes, nem de festas, detestava tudo quanto ela adorava, sendo de mau prenúncio esse contraste nos gostos e nas inclinações.

Nos dias negros para ele, enfiava Yáyá um dos vestidos condenados, de peito aberto e mangas de renda, e esperava-o, rindo-se de antemão do desapontamento e da raiva que o tornaria vermelho e carrancudo.

Decorreu assim um ano, estando Alfredo um mês empregado e dois sem emprego, porquanto eram as suas habilitações e a vontade de trabalhar ainda menor [sic.]; afinal, conseguiu apanhar uma sinecura qualquer e marcaram o dia do casamento.²⁹

Muito desvanecida, mostrava Yáyá o enxoval às amigas, espreitava-lhes o despeito, a inveja, feria-lhes o amor-próprio, dizendo-lhes que, apesar de mais nova,

²⁹ É provável que devesse se tratar de algo como "porquanto eram poucas as suas habilitações e a vontade de trabalhar ainda menor", mas o tipógrafo engoliu o que quer que houvesse entre "eram" e "as suas".

casava primeiro; gabava-se de ser adorada pelo noivo e de que o governaria, excedendo sempre a sua vontade.

Dias antes do casamento, jantou a moça em casa dos pais de Alfredo, sorrindo, radiante às felicitações que lhe dirigiam; à noitinha, sabendo que o noivo estava no gabinete com diversos amigos, foi para o jardim, postou-se debaixo da janela, querendo ouvir o que diziam a seu respeito.

– Com que então estás apaixonado pela tua noiva? inquiriu um deles.

– Oh! loucamente apaixonado! Viste-lhe os olhos?

– Vi, e afianço-te que é bem boa.

– Ora se é! exclamou o noivo. Meu caro, eu estou seco e creio que, se eu não casar já, fico tísico! Aqueles olhos lascivos matam-me, aquilo é uma mulher de truz...

O resto da frase e as gargalhadas do auditório incendiaram as faces da moça, causando-lhe a impressão de uma bofetada, humilhando-a no seu amor-próprio, ferindo-a no seu pudor, castigando-a na leviandade com que escolhera o noivo e servindo-lhe de terrível ensinamento.

Pareceu-lhe que tudo em torno andava à roda, mas encostou-se à parede e quis ouvir ainda, impondo-se mais essa punição; sacudiu a cabeça, apertou-a com as mãos e ficou à escuta.

– *Cáspite!* estás deveras enrabichado e darás um marido exemplar!

– Ah! não servirei para modelo, não! Depois da lua de mel, volverei às pândegas! Ora essa! então, porque me caso, não irei mais a pagodes e ficarei sempre preso às saias da mulher! Não faltava mais nada!

– E depois?

– Depois o quê?

– Se ela não se conformar com isso?

– Que remédio terá? Fará como as outras, senão! e teve um gesto vago, que tanto podia significar – pau – como indiferentismo pelo que sucedesse.

A CAPRICHOSA

Yáyá não quis ouvir mais, voltou à sala muito pálida, disse à mãe que precisava retirar-se, sentindo-se incomodada e não quis que chamassem o noivo, mas ele veio pressuroso, assim que soube de sua indisposição e teimou em acompanhá-la até à casa.

À porta, em vez de apertar-lhe a mão, virou-lhe a moça as costas, lançou-lhe um olhar de supremo desprezo, correndo a encerrar-se no quarto.

No dia seguinte, cientes do ocorrido e tão indignados quanto a filha, mandaram os pais de Yáyá uma carta ao Alfredo, desmanchando o casamento.

Dura foi a lição, mas proveitosa, produzindo-se um reviramento moral na moça; tornou-se ajuizada e não mais chegou à janela e nem namorou.

DÉLIA

A caprichosa

O Paiz, ano 8, n. 3574, p. 1, terça-feira, 09/02/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4712

9. UM BOM MOMENTO

ERA ARMINDA FILHA ÚNICA E FORA EDUCADA com esmero pela ambiciosa mãe, à qual retribuía as solitudes com a maior das ternuras e só vendo pelos olhos maternos.

Em um sarau, apresentaram-lhe o corretor Azevedo, moço de trinta anos, muito rico, elegante e de bonitas maneiras; ele achou-a adorável e ela gostou da sua palestra mordente porém espirituosa.

Impressionado deveras, procurou Azevedo frequentar-lhe a casa, sendo recebido com especial agrado pelos pais da jovem; dois meses depois pediu-a em casamento, alucinado por tantos encantos, ansiando levar para o seu magnífico palacete aquela joia rara.

Sem alvoroço consentiu Arminda naquela união invejada por tantas outras, sendo a isso impelida, mais pelo entusiasmo e pelos conselhos da mãe do que pelo próprio coração; achava o noivo atraente, simpático, mas não o amava.

Quisera conhecê-lo mais intimamente antes de ligar-se a ele para sempre, acalentando talvez a esperança de que, com o tempo, súbito lhe brotasse na alma ardente afeto, porém a mãe, arreando-se de perder tão bom partido, convenceu-a de que o amor viria mais tarde, encurtou todas as delongas, sentindo verdadeiro alívio, quando a viu unida àquele homem, a quem mal conhecia.

Dotou-a o marido em duzentos contos.

Durante muitos meses, consagrou-se Azevedo exclusivamente à mulher, dando-lhe as maiores provas de devotamento, crente de que nunca amara a nenhuma outra com tamanhos extremos, feliz e eletrizado pelas novas sensações.

Ao contato daquele férvido amor carnal, que ela julgava afeto santo e imorredouro, sentiu a moça dilatar-se-lhe a alma em uma grande estima pelo homem

que tanto a estremecia e que era o pai do pequenino ser que se lhe agitava nas entranhas.

À medida, porém, que se adiantava a gravidez, arrefeciam-se os ardores do marido, pretextava afazeres, festas oficiais em que devia comparecer, e às quais ela já não podia acompanhá-lo; abandonou-a assim aos poucos, confinando-a no isolamento do seu grande palácio.

Essa brusca transição do amor ao olvido molestou a moça, levando-a a queixar-se à mãe, em quem encontrou bem frouxo apoio; na opinião dessa senhora nada valiam as dores do coração ou do amor-próprio, desde que se desfrutasse o luxo, pois dissabores curtidos em salões dourados ainda são regalias que não tocam a todos.

Desvendou o desgosto o entendimento de Arminda: viu a falta de senso moral e a ambição da mãe e compreendeu que fora para o marido apenas um passatempo comprado a peso de ouro; dali em diante enfeitaria a sua vivenda, fazendo *pendant* aos belos quadros e às soberbas estátuas.

Não teve exprobrações nem cenas, nada disse ao marido, não lhe dando a honra de ligar-lhe a menor importância, mas a sós, no silêncio do seu quarto, livre de olhares indiscretos, chorava a sua triste mocidade, a sua maternidade sem poesia e a cegueira filial que a levava àquele descalabro.

Algum tempo depois, em meio de torturas, deu à luz a um menino, e nessa hora mortal não teve do marido um sorriso de ternura, uma palavra de consolo, uma dessas provas de afeto que acalmam os maiores sofrimentos; nessa noite dormia ele em casa de uma amante e nem se lembrava que poderia ser pai.

No dia seguinte viu o filho, o herdeiro de seu nome e dos seus vícios, sem entusiasmo, apenas como a consequência natural do seu casamento, e voltou à vida airada que levava, sem cuidados, sem atentar nas responsabilidades inerentes à paternidade.

Arminda amamentou o filho, dispensou-lhe mil carinhos, viveu só para ele, alheia a tudo, até vê-lo correr por toda a casa, alegrando-a com a sua garrulice; Bebê

fazia-lhe companhia, enchia-lhe a existência, dando-lhe um objetivo na sagrada missão materna.

.....

Decorreram quatro anos e a amante de Azevedo é a Luísa, prima de Arminda, uma soberba morena, de olhos chamejantes, com um todo capitoso; amores ostensivos, em que uma dissoluta se vingava da honestidade de tímida rival e um marido insensato abusava da natural cordura da consorte.

E Arminda era obrigada a ir aos bailes em que os dois dançavam, enquanto uns a lastimavam e outros a escarneciam pela sua cegueira ou pela sua filosófica indulgência.

No entanto, ela era tão bela quanto a outra, embora a sua beleza fosse de gênero diverso; de mediana estatura, misto de graça, de delicadeza e de elegância, muito alva, olhos grandes e escuros, cabelos ondedos e castanhos, pés e mãos pequeníssimos e uma ondulação felina no andar, que era o seu maior encanto.

No olhar e em toda a sua pessoa havia alguma coisa de virginal que lhe dava a aparência de casta donzela, apesar de já ser mãe; era a mulher perfume, a mulher poesia, a mulher ideal, essa que só fala aos bons instintos do homem e que o eleva, purificando-o.

Em um baile apresentaram-lhe o dr. Edmundo de Andrade, famigerado D. Juan; tinha trinta e cinco anos, muita distinção, beleza viril e altiva, um conjunto de força e elegância que o tornava perigoso junto às mulheres.

Alto, de leve moreno, cabelos negros e ondedos, olhos amendoados, de um azul sombrio, nariz aquilino, de asas movediças, boca sarcástica com o lábio inferior um tanto grosso, queixo forte, com uma covinha mimosa, mãos longas, finas e macias que o furor transformava facilmente em garras, pés fidalgos, um homem sedutor.

E quanto ao espírito: ilustração, critério, prática dos homens a quem desprezava, conhecendo muito bem as mulheres, as quais adorava e para as quais fora

feito; em um simples olhar e em duas palavras compreendia logo com que espécie tratava e sabia entretê-la, quer fosse estúpida, quer espirituosa.

A vista de Arminda enfeitiçou-o, e, conversando-a, viu quanto era inteligente, boa, digna de melhor sorte, capaz de felicitar e envidar ao homem mais exigente; dessa descoberta resultou uma espécie de raiva contra a cegueira do marido, que desdenhava um tal tesouro, e viva compaixão pela infeliz moça, que mais interessante lhe aparecia emoldurada na imerecida desdita.

Sentiu veemente desejo de vir-lhe em auxílio, de consolá-la de suas mágoas, não, como conquistador de sala, porém como amigo desinteressado, como irmão; a seu lado, desconhecia-se, olvidava seus triunfos galantes, desprezava-os até, dominando-o pela primeira vez um desses amores sinceros e grandiosos, feitos de abnegação e sacrifício.

E, enquanto o marido dançava com a amante, Edmundo lhe falava, entretinha as longas horas, indo ao encontro de seus pensamentos e impressões, e isso sem preconcebida ideia de cativá-la, movido unicamente pela ternura que ela lhe inspirava.

Ele, o vencedor de mulheres, via-se tímido, subjugado, não achando palavras com que expandir toda a grandeza do que lhe enchia a alma; parecia-lhe mesmo que uma confissão de amor, saída de seus lábios tantas vezes mentirosos, seria uma profanação, se bem que agora o dominasse um verdadeiro sentimento.

Nada! nada lhe diria! Amava-a tanto que teria coragem de calar-se, de não pronunciar as ardentes frases com que lhe provaria toda a exuberância do seu afeto; ah! não! amava-a muito, e por isso não queria envolvê-la na lista em que figuravam as outras!

Ingênua e inexperiente, seguiu Arminda os impulsos da simpatia que lhe inspirara o moço, quase feliz por haver encontrado alguém que tão bem a compreendesse; quando ele tardava em aparecer aonde ela se achava, sentia viva impaciência e uma vaga tristeza, que se transformava em súbito contentamento, logo que o avistava com o seu meigo sorriso e o seu doce olhar azul.

Amou-o insensivelmente, impelida pela gratidão, pelo conforto que as suas palavras lhe produziam e pela intuição de que ele a estimava até ao respeito; compreendeu afinal que o amava, por tê-lo sempre presente no espírito desde que despertava até conciliar o sono, vendo-o ainda em sonhos, sempre solícito, sempre amigo.

Não a amedrontou esse afeto tão puro, tão da alma, ainda isento de alvoroços e de frêmitos carnis; é que estava nessa divina fase de ebriedade, em que, anelantes, escutamos o despertar do coração, eletrizando-nos então mais o próprio amor, do que o homem que no-lo inspira.

Sabendo quanto dominava ao Azevedo, vendo-lhe a fraqueza e a covardia, aumentaram os caprichos perversos de Luísa; julgou perceber que a rival já não se amofinava muito com as suas extravagâncias e resolveu obrigar o amante a trazer-lhe a mulher ao baile com que festejava o seu natalício, prometendo o miserável satisfazê-la, depois de alguma relutância.

Foi uma cena horrível, em que o marido, despeitado pela firmeza da cordata criatura que sempre cedera sem murmurar, recorreu às injúrias, aos impropérios, chegando até a erguer o punho contra a moça que o conteve, apenas com um olhar de esmagador desprezo.

Vexado, humilhado, e por isso mesmo, ainda mais furioso, bradou-lhe:

– Há de ir, porque prometi! Às 9h30 virá o carro buscá-la; apronte-se!

E saiu, deixando-a esmagada por tamanha vilania.

Pálida, desgrenhada, a soluçar, passou a tarde inteira nos seus aposentos, resolvida a não prestar-se à degradante intimação do marido e arquitetando mil projetos insensatos para repeli-los logo angustiada; sentia-se em um momento decisivo da vida, e sem conselhos, sem apoio, entregue ao ressentimento e à exaltação.

À noite, prendeu os cabelos, enfiou um vestido preto, guardou alguns objetos em uma malinha, tomou o filho pela mão e saiu de casa para não mais voltar, entrou em um carro e deu o endereço da casa de Edmundo.

Este ia sair, e, ao vê-la, tão desfeita, correu ao seu encontro, tomou-lhe as mãos e inquiriu inquieto:

– O que tem? O que há?

Ela deixou-se cair em uma cadeira e lacrimosa disse:

– Meu marido quer que eu compareça ao baile da amante!

– Pois é possível!

– Como recusei-me a ir, insultou-me e até quis bater-me...

– Ah! miserável! vociferou Edmundo, fulo de raiva.

– Ordenou-me que às 9h30 estivesse pronta e eu, desesperada, sem ter a quem pedir conselho e auxílio, lembrei-me do senhor, que me tem dispensado tanta estima!

– E fez bem! atalhou o moço, compungido, sentando o pequeno nos joelhos e sentindo os soluços sufocarem-no ante aquela pálida criatura de uma beleza tão tocante na sua gracilidade.

– Que devo fazer? inquiriu Arminda, enxugando os olhos.

– Levá-la-ei para a casa de minha mãe e daí a senhora requererá divórcio, ou irá para junto de seus pais na Europa.

– Pois sim! e obrigada! disse estendendo-lhe a mão, que ele beijou com arroubo, fazendo-a enrubescer.

.....

Junto à mãe de Edmundo, cercada de atenções, passou a moça os melhores dias de sua vida e, na intimidade, mais apreciou os dotes morais do homem a quem prezava e pelo qual sentia-se profundamente amada, embora ele nunca lho dissesse.

Na véspera da partida, à noite, ao despedir-se dela, disse-lhe Edmundo:

– Arminda, saiba que a amo com todas as forças da minha alma e que, apesar de me apelidarem de D. Juan, nunca um mau pensamento turbou a sua doce imagem. Amo-a, repito, como nunca amei na vida, pois para não profaná-la, para deixar-lhe a tranquilidade, preferi calar as expansões do meu afeto e sofrimento!... Parte amanhã,

UM BOM MOMENTO

e talvez não mais nos vejamos, por isso peço-lhe, se o meu afeto não a ofende, que me demonstre com uma palavra ao menos!

Ruborizada e com a voz trêmula, ela respondeu:

– E eu, diante de meu filho, digo-lhe que também o amo e que jamais esquecerei este amor.

Ébrio de alegria, de um ímpeto apertou-a Edmundo nos braços, dando-lhe um longo beijo na fronte.

Na manhã seguinte, vendo sumir-se o vapor que a levava para longe, murmurou com amarga ironia:

– Faria bem ou mal em afastar de mim a única mulher a quem hei amado?... Valerá tamanho sacrifício a moral humana? Não a moral, mas ela e o sentimento que me inspira!... Amores como este não se desafogam no gozo material de alguns momentos!

DÉLIA

Um bom momento

O Paiz, ano 8, n. 3578, p. 1, sábado, 13/02/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4736

10. UM POUCO DO PASSADO

HÁ DIAS PAROU UM CARRO À MINHA PORTA; queriam falar-me, cheguei-me à portinhola e vi, deitada sobre almofadas, pálida, sorrindo-me, uma criatura que foi outrora a rainha de todas as festas e a alegria dos salões.

Mandei carregá-la em braços, segurando-lhe as mãos; vem passar algum tempo comigo, embelezar a minha casa com seus últimos sorrisos, magoar-me com a sua lenta agonia; pobre flor pendida, com que ânsia procuras baixar ao solo para descansar até do sopro da brisa que te molesta, apesar de passar brandamente!

Quando a perdi de vista, era bela, risonha, mostrando no olhar um reflexo do céu; hoje, melancólica, com palidez de estátua, tem nas pupilas um disco do Averno.

Ontem, a tarde estava quente; fi-la transportar ao terraço em cadeira de roldanas, sentindo imenso prazer em vê-la com a minha roupa, aquecida em um penteador de casimira escura, com rendas brancas: rolinha gemedora, envolta em tépido manto.

Desci ao jardim, colhi muitas flores e voltei a seu lado, sentando-me em um tamborete para fazer-lhe um ramo; tinha os olhos cerrados, a face triste, parecia meditar. De repente senti sua mão diáfana pousar em minha cabeça; olhei-a: um sorriso infantil brincava-lhe nos lábios, as faces tingiam-se de leve.

– Lembras-te, disse ela, do tempo em que, fazendo do xale da nossa ama uma espécie de tenda sobre nossas frentes, sentávamo-nos junto ao rio, jogando pedrinhas, seguindo os círculos projetados na água?... Como duas corças travessas aborrecíamos depressa e improvisávamos uma pesca; fatigadas pelo calor do sol, enlanguescidas, com as pálpebras mórbidas, deitando a linha, tendo estremecimentos deliciosos ao vê-la oscilar, e corando de prazer ao içar os peixinhos prateados! Alegres, contentes, descalçávamos nossos pezinhos rosados, mergulhando-os na água

cristalina, arrancando as folhinhas ribanceiras, mordendo-as, sugando-lhes a haste, que era tão doce!

Meu coração pulsava brandamente, movido pela evocação desse tempo; pousei as flores em seus joelhos, tomei-lhe a mão e acrescentei:

– Outras vezes, embalávamo-nos na rede, entre duas mangueiras, encostadas uma à outra, sentindo o roçar de nossas cabeças, contemplando o crepúsculo, o empalidecer do dia, o despontar das primeiras estrelas, mudas, em religioso recolhimento, com uma sombra de tristeza no olhar suspirando inconscientemente!... O que sentíamos então? Lembras-te? Possuíamos tudo, pais, irmãos, saúde, bem-estar e suspirávamos, tendo a intuição de que a vida não se limitava a isso somente, que teríamos outras emoções, outros afetos, enfastiadas de nossa ventura, desejando dolorosas provações!... Adorável insensatez! Era a puberdade, com o seu cortejo de indefiníveis anseios, de lágrimas sem causa, gargalhadas argentinas e cismas absorventes!

Ela sorria, seu semblante animara-se e disse:

– Curiosas; querendo empregar em alguma coisa o excesso do que sentíamos na alma, começamos a pecar, furtando romances, devorando-os às ocultas, identificando-nos com as poéticas heroínas, entusiasmando-nos pelos heróis, adorando-lhes até os defeitos e crimes, artisticamente encobertos pela luva irrepreensível e pela beleza fatídica! Então, tornamo-nos insuportáveis e ridículas: empregávamos a torto e a direito as frases pomposas que nos haviam encantado; tomávamos uns ares de Ariadne abandonada, pregávamos a nossa descrença a todos os ventos, surpreendendo os beócios, a quem tratávamos com certa proteção e aborrecendo a gente sensata! Às vezes, algumas pessoas de espírito fizeram-nos compreender quanto éramos desfrutáveis, mas longe de nos corrigirmos, mostrando o que realmente valíamos, revoltávamo-nos, cobrindo-as de sarcasmos, exercitando-nos já nas lutas da vida! Pouco e pouco, porém, deixamos o que havia de excessivo, em nosso sentir, e ficamos o que fomos durante muito tempo, entusiastas e sinceras.

UM POUCO DO PASSADO

– É verdade, exclamei eu; depois veio o despertar do coração, o enrubescer do primeiro segredo, as confidências segredadas baixinho, as lágrimas do amor em faces de catorze anos, mil projetos, esperanças e temores! Como tudo aquilo era santo e adorável!...

Ela apoiara a fronte ao espaldar da cadeira; seu rosto anuviara-se e, com voz surda, disse:

– Julgaste-me feliz, separei-me de ti, embalada por encantadoras quimeras! Quanta fé levei para o país de meus sonhos! Mais tarde, com a face calma, contendo no seio a tormenta, passava pela multidão que não compreendeu o que eu sofria, nem consolar-me-ia se me queixasse; desprezei-a, sorrindo. Procurei amparo nas afeições da família; todos que eu havia amado, que me acompanharam desde a infância, morreram em meus braços febris, desesperados, procurando aviventá-los com a força da minha dor!

Esses apoios sagrados escapavam pela morte à minha mão titubeante!... Vi-me só, perdida em um abismo de pesares, sem arrimo, sem proteção, entregue aos meus ímpetos, ao ressentimento e à exaltação; procurei nos lábios que me sorriam consolo e alegria!... Afagaram, mentiram, traíram, sorrindo sempre, frescos, sedutores, desaparecendo na sombra, deixando-me a lembrança de que em um momento de abandono e olvido meu, soluçaram-me estes versos de Henri Heine, traduzidos por Gonçalves Crespo:

*Chorei: sonhava e era contigo, estavas
Morta num cemitério, fria, fria...
E, ao despertar, senti que o pranto em lavas,
De meus cansados olhos escorria.*

*Chorei: sonhava e era contigo, Rosa,
Havias-me, sem dó, abandonado;
E, ao despertar da noite tormentosa,
Tinha o rosto de lágrimas banhado.*

UM POUCO DO PASSADO

*Chorei: sonhava e era contigo, ó linda!
Dizias-me, a sorrir, “como eu te adoro!”
Desperto e logo numa angústia infinda,
Eis-me a chorar de novo, e ainda choro!*

Tive compaixão daquela voz adorada, voltei a ele e pagou-me muito mal!... Com o tempo, quando acontecia entrevê-lo na sociedade, cessava de sorrir, envolvia em saudoso e dorido olhar aquela formosa e frívola cabeça, sentindo o coração pesar-me no peito e os soluços sufocarem-me!... É que eu o havia amado com o meu desespero e os meus remorsos, e amores desse gênero deixam na alma um sulco indelével!... Depois... oh! sabes o voltear afanoso da folha seca, agitada pelos ventos?... Foi a imagem do meu viver desde então! Hoje, caía em areia fina; amanhã, em pântano mortífero; aqui, em tapete sedoso; além era pisada duramente! E que mal fez a pobre folha que foi tenra, verde, brilhante, presa à haste que a vigorava? Teve culpa de murchar, tombar e, leve, seguir o impulso da aragem?... Crimine-se o destino que lhe matou a seiva, entregando-a ao capricho dos vendavais!... A lágrima foi sempre a suprema manifestação da alma, não é verdade?... Pois eu vi lágrimas sem significação, protestos fervorosos da véspera convertidos no dia seguinte em difamação, vingança e calúnia!... Achas possível que a fé e a crença resistam a tão cruéis provações?... Não, apagaram-se, evaporando-se no horizonte, como a fumaça de grandioso incêndio: resta, apenas, um montão de cinzas, atestando esse cruel acontecimento! Vivi loucamente na agitação, no tumultuar de assombrosas paixões, eu que havia nascido para as alegrias puras do lar, para o amor confiante, para amparar os passos vacilantes de louras criancinhas!... Oh! destino miserável! por que me privaste desse consolo? dessa missão? acaso não havia em meu peito um mundo de carinhos, meiguice e solicitude!... Essa alegria veio muito tarde: fui mãe quando sentira estalar todas as fibras sensíveis do meu desgraçado coração! Adorei todas as dores, todos os martírios da maternidade suportando com uma espécie de volúpia esses sofrimentos que

libertavam meu filho, entregando-o, palpitante, aos meus braços fatigados! Oh! momento delirante e augusto, em que te cingi ao seio, pobre e adorado filhinho! Amei-o com o desespero de uma alma, onde a sequeidão havia penetrado; humanizei-me, perdoei aos que me haviam ultrajado; amei-o com um amor feroz, egoísta; amava nele a melhor porção de mim mesma: era o meu consolo, a minha esperança!... Pois bem, Deus invejou a minha ventura, achou-me indigna de ter um pouco de calma e alegria e tirou-me o menino!... Sabes o que é perder um filho?!...

Sentir a sua impotência, ante a mão inexorável da morte?!... Duvidar da bondade infinita? amaldiçoar o céu?!... Oh! não, tu desconheces essa tortura!... Só, no meu leito, agonizante, louca, febril e ele, pequenino, limpinho, formoso, no frio do sepulcro, sem sorrir-me, sem o calor de meus beijos!... Alucinada, procurava-o, abraçando o seu travesseirinho, banhando-o de lágrimas, sentindo a exuberância dolorosa do leite, do seu alimento, quando ele não podia mais sugar a vida em meu seio!... Oh! meu Deus! como todas as angústias passadas me pareceram pequenas. Eu quisera ter sofrido o cêntuplo de meus pesares e conservar o meu filhinho!...

Mendigar de porta em porta, sentindo fome, frio, abraçando o meu anjinho, haurindo em seu rosto adorável força e alegria! Com ele, por ele, quanto faria eu! Nada me acabrunharia!... Roubaram-te dos meus braços, mas irei ter contigo em breve, e nada nos separará!

Eu lhe beijava as mãos, chorava dolorosamente, irritada por não poder valer-lhe: afagara a esperança de conservá-la sempre junto a mim, de curar-lhe a alma e talvez o conseguisse, mas como substituir o filho? Como consolar essa dor inconcebível?!

Sentindo as minhas lágrimas escaldar-lhe a pele, olhou-me meigamente, dizendo:

– Perdoa-me perturbar a tua vida tão calma, orvalhar teus olhos pelo pranto, mas tu me amas e estas expansões me aliviam! Não compreendes certos pesares,

UM POUCO DO PASSADO

porque desconheces as faltas que os provocam: és feliz, não deveria desenganar-te, visto encarares a vida pelo lado risonho, perdoa-me!

Ergui-me, tomei seu busto em meus braços, embalei-a docemente e seus olhos cerraram-se: pálida, desfeita, a morrer, ainda é divinalmente bela!

Uma tormenta rugia em meu peito. Se esses entes que a desconhecera, maltrataram, me aparecessem, creio que os fulminaria com meu olhar coruscante: perversos, insensatos! Trituraram com seus dentes venenosos essa pérola rosada, machucando-a, sem conseguirem parti-la!

Sem falar na grandeza do seu coração, só a sua beleza lisonjearia a vaidade de um rei, mas nem a satisfação do amor-próprio pôde prender esses enfatuados que a haviam profanado com seu bafo impuro.

Deixei-a adormecer e morrerá com a crença de que sou feliz; prefiro parecer pouco generosa, ostentando alegria junto de uma desgraçada, a acabrunhá-la com a revelação de minhas dores!... Coitada! como não me ouve gemer, calcula que não padeço!... Não conhece o estoicismo nem o orgulho de ocultar a um mundo que se despreza as agonias e decepções amargas de uma alma revoltada e altiva!

Dorme! O meu afeto vela o teu sono precursor do eterno descanso; lembrar-me-ei de ti, chorarei ainda teus pesares, irmã, quando repousares insensível sob as asas do esquecimento e da solidão!

DÉLIA

Um pouco do passado

O Paiz, ano 8, n. 3585, p. 1, sábado, 20/02/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4778

11. AS RIVAIS

MALVINA ESTÁ NO TOUCADOR E LÊ as cartas que lhe trouxeram.

Tem trinta anos; é alta, bem-feita, porte soberano, olhos cismadores, sombreados pelas olheiras fundas, tez pálida, boca rasgada, porém mui graciosa no sorriso que lhe mostra os esplêndidos dentes – mulher rainha.

Nesse momento, longe dos olhares indiscretos, a sós consigo mesma, recostada no divã, há no seu todo um abatimento, um cansaço da vida e de tudo quanto ela encerra, inclusive os prazeres efêmeros que não mais a satisfaziam e antes a enojavam.

Ao ler a última carta, iluminou-se-lhe o semblante, deixou a posição indolente, tornou a lê-la e sorriu de leve, murmurando:

– Até que enfim vou conhecê-la!... Essa loura Heloísa tão falada, e por quem fui suplantada!

Essa carta, ou antes bilhete, era de uma amiga que a convidava para um sarau na seguinte noite, dizendo-lhe o nome das pessoas convidadas; entre eles havia o nome de Mme. C. posto muito calculadamente no fim.

Heloísa! quanta dor, quanto despeito, quantos zelos esse nome evocava! Com que extremos havia amado ao ingrato que a deixara por essa outra, que talvez não a valesse, nem tanto o amasse! Ah! como ela desejaria que a espécie do animal-homem tivesse uma só cabeça, para esmagá-la com seus pezinhos frenéticos!

Como era sedutor aquele bandido de luva de pelica! Como sabia prender e encantar com os seus fingidos protestos, com os seus amuos, com as mentirosas lágrimas entremeadas de beijos febris e de soluços espasmódicos!

Como a lembrança desses transportes, em que ele mais parecia mordê-la do que acariciá-la, ainda a eletrizava, causando-lhe calefrios de gozo, frêmitos violentos em que todo o seu ser se dilatava vibrando em uma volúpia ardente e quase dolorosa!

Alongou-se no divã, com as pálpebras cerradas, as narinas titilantes, os lábios frouxos, o seio ofegante, em um gozo retrospectivo que a empalidecia e tornava tentadoramente bela.

– Miserável! bradou, sentando-se de chofre e abrindo uns olhos negros, sombrios e maus – Miserável! e eu te quis tanto!... Dei-te o que de melhor tinha no coração e tu não compreendeste o valor do meu tesouro!

Ergueu-se soberba, sacudiu a fronte, a fim de dissipar os restos daquela embriaguez momentânea e acrescentou com orgulho:

– Felizmente nada mais sinto por ti; nem mesmo dó da abjeção em que caíste!... Apenas vergonha de te haver amado!

Na seguinte noite procurou tornar-se bem bonita e foi mui cedo para a *soirée* esperar a rival, a um tempo inquieta e curiosa; apresentadas uma à outra, enrubesceram, devoraram-se com a vista e sentiram mútua simpatia, o que as surpreendeu um pouco.

Teria Heloísa vinte e sete anos; alta, flexível, de uma brancura láctea, cabelos de ouro profusos e anelados, olhos grandes, azuis, de uma doçura infinita, gestos suaves, um sorriso que chamava o sorriso, alguma coisa de vaporoso e lânguido, um mimo ambulante, uma mulher-cisne.

Sentadas lado a lado, conversaram, estudaram-se, adivinharam-se, crescendo a súbita simpatia que tinham sentido ao primeiro olhar; Malvina quase perdoou ao perjuro, calculando a soma dos pesares que haviam molestado os melindres da alma diáfana e delicada da sua loura rival, e Heloísa, muito modesta, não compreendia como Geraldo deixara por ela aquela esplêndida criatura.

E esse mesmo contraste das suas formosuras e dos seus temperamentos, que justificava ou explicava a infidelidade do amante comum, foi justamente o que as seduziu, levando Malvina a encantar-se pelas delicadezas do sentir de Heloísa e esta a entusiasmar-se pelos apaixonados arrebatamentos da outra.

– Vamos para o terraço; a lua está linda e ficaremos mais à vontade, disse Malvina.

Iluminadas pelo luar, sentaram-se nos bancos de pedra e, melancólicas, perderam o olhar no horizonte.

– De nome e pela fama de beleza, eu a conhecia de há muito, disse Malvina.

– E eu igualmente! replicou Heloísa.

– Mas talvez não saiba que, sem a conhecer pessoalmente, odiei-a muito?!

– E a senhora fez-me padecer tanto!

– Como! se era a preferida?

– Diziam-na tão bela, que eu vivia a temer que *ele* voltasse aos seus pés!

– Estando nos seus braços!... Não era provável e nem eu o queria mais ver!

– E agora, que a contemplo, não sei como Geraldo pôde preferir-me! disse ingenuamente Heloísa.

Sorrindo com uns laivos de tristeza, tomou-lhe Malvina a mão entre as suas e disse:

– Criança! ignora acaso quanto é encantadora! Não vê que a diferença dos nossos tipos deveria necessariamente agradar a um homem tão vário como Geraldo!... Demais, eu o fatigava com os meus desencantos, com as minhas dúvidas e tormentas e ele procurou retemperar-se na doçura do seu afeto e na candura da sua alma. Consegui-lo-ia?

– Creio que não! Talvez as minhas ilusões e os meus arroubos o fatigassem ainda mais do que o seu ceticismo! Quem me diz que, nos seus momentos de mutismo não o pungia a saudade da voragem passada e não maldizia a calma que eu lhe dava? Ah! mas se ele pudesse adivinhar de quanta tortura era feita a paz da nossa ligação!

– Como assim?

– De quanta lágrima brotava o sorriso que eu lhe dava!... E era a sua lembrança, minha senhora, que me perseguia sempre, que tolhia as minhas expansões e arrefecia o ardor dos meus carinhos!...

Verdadeira obsessão!... Um ciúme voraz, persistente, um suplício constante, em que esse abutre me devorava o coração!... Entre mim e ele, sempre a sua imagem!...

– E qual doerá mais: o ciúme ou o despeito?

– Eu creio que o ciúme!

– Para uma alma como a sua, será, porém, para a minha, nenhum flagelo se compara às humilhações do amor-próprio! Só há pouco tempo eu me senti verdadeiramente curada ou vingada, quando soube da degradação em que caiu esse homem a quem eu amei como se fosse um Deus!

– É extraordinário!

– Quando soube da sua queda, senti tamanho asco, tão enorme desprezo, vi-o tão mesquinho, tão nulo, que fiquei aliviada e isenta da vergonha de o ter amado!... Pois se ele nem mais existe na ordem social!

– E eu o lastimo! murmurou Heloísa.

– Como! pois não a revolta a ideia de haver adorado a um miserável?

– Quando eu o amei, ele não era o que hoje é, e, se já procedia mal, eu o ignorava.

– E agora que tudo sabe?

– Lamento-o ainda assim.

Calaram-se, revendo ambas a fase do passado que esse homem enchera de mágoas e dores, dando-lhes bem poucas alegrias, e deixando-as quase indiferente, sem levar essa funda saudade que não se apaga nunca no coração que amou com veras.

Curiosa, interrompeu-lhes a dona da casa a meditação, e convidou-as a voltarem à sala, pedindo à Heloísa para tocar alguma coisa, ao que esta acedeu; tocou umas sonatas de Beethoven, as valsas e os noturnos de Chopin, com a morbidez e os súbitos transportes que demandam as músicas desse adorável histórico.

Depois, teve Malvina de exhibir-se, cantando com a voz sonora e doce a ária da *Mignon*; um calafrio de gozo e de zelo percorreu a epiderme de Heloísa, ouvindo aqueles sons sirênicos, em que cantavam umas saudades plangentes, uns queixumes ternos e maviosos que faziam chorar.

AS RIVAIS

E ela chorou de pena, de saudade, de ciúme, combalida pela música divina e pela lembrança de que muitas vezes ouvira aquela melodia trauteada pelo amante, que também a ouvira daqueles mesmos lábios que a extasiavam agora.

– Que voz a sua, disse ela a Malvina, com os olhos úmidos – Faz-me bem e mal ao mesmo tempo!

Pouco depois retiraram-se ambas; à despedida, disse Malvina:

– Serei feliz, se a senhora quiser corresponder à simpatia que me inspira.

– É o que lhe ia dizer! replicou Heloísa – E de rivais que fomos, poderíamos tornar-nos amigas, visto não mais existir o que nos separava. Quer?

– De todo o coração! redarguiu Malvina, abrindo-lhe os braços e apertando-a de encontro ao seio.

E desde então tornaram-se verdadeiras amigas, demonstrando assim quão morto estava o amor que lhes havia inspirado Geraldo.

DÉLIA

As rivais

O Paiz, ano 8, n. 3592, p. 1, sábado, 27/02/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4820

12. O ENCONTRO

HAVIA BAILE EM CASA DA VISCONDESSA D. e seus bailes de inverno eram afamados. A velha senhora pertencia à antiga nobreza, primava pelo bom gosto e delicado trato, reunindo em seus salões a nata da sociedade.

Às nove e meia achavam-se presentes todos os convidados, a fim de assistir às representações das comédias de Feuillet – *Le pour et le contre* e *Le cheveu blanc*, interpretadas por distintos amadores.

Na primeira fila de cadeiras via-se uma adorável criatura, com vestido de veludo branco afogado, a desenhar-lhe o busto elegante; nos cabelos negros e lustrosos uma rosa natural de leve nacarada, e nas orelhas pequenas e gordinhas duas grandes pérolas.

Os olhos enormes e escuros irradiavam em um fluido magnético, o sorriso da boca irônica e graciosa abria-lhe uma covinha na face rosada e cheia, e sobre o lábio superior tinha um sinalzinho com três pelos mimosos e travessos; um capricho da natureza que a tornava irresistível.

Bem-educada, fino espírito, muitas viagens e um passado cheio de aventuras, mais ou menos romanescas, o que contribuía para torná-la mais interessante aos olhos dos homens e mais invejável aos das mulheres que a odiavam francamente, e às quais retribuía com o mais absoluto desdém.

Quando se referia às amáveis representantes do seu sexo, costumava dizer, a rir:

– Não posso aturar uma mulher mais de cinco minutos.

Dizia isto, mais por acinte do que por convicção, porquanto, em sua vida, encontrara mulheres encantadoras e sensatas, que a haviam apreciado com verdadeira isenção de ânimo, mas essas constituíam as exceções da espécie, que é em geral pequenina, tola, e invejosa.

O ENCONTRO

Quanto aos homens, dominara-os sempre, jungindo-os à sua beleza, aos seus caprichos, vendo os nobres, os altivos, os vis e os covardes rojarem-se a seus pés com os mesmos protestos e as mesmas lamúrias, cansando-se e enfastiando-se afinal do grotesco em que fundiam todas essas visagens.

Amaria alguma vez? Quem sabe! Nem ela o poderia dizer! Tanto tempo havia já que se habituara a zombar e a desprezar!

Gostava de brincar com o coração dos homens; deixava-o pulsar precipite, inflamar-se ao seu contato, arder em voraz paixão, estorcendo-se em cruel angústia e esfacelando-se em medonho descabro.

Seria perversa ou vingativa? Talvez ambas as coisas.

Depois do espetáculo dirigiram-se todos para os salões de dança, deslumbrantes de luzes e flores; nesse momento acercou-se da moça a dona da casa, dizendo-lhe:

– Jurema, apresento-lhe o almirante Sylvio Wandec.

– Muito prazer em conhecê-lo, disse ela.

– E muita honra para mim, excelentíssima. Se não tem cavalheiro que a conduza conceda-me esse prazer, acrescentou, oferecendo-lhe o braço, que ela aceitou.

Teria o almirante quarenta anos: alto, musculoso, elegante, cabelos louros, fronte larga e pálida, olhos garços, da cor do mar em calma, nariz aquilino, boca rubra, dentes alvíssimos, e no andar um gracioso bambolear, adquirido pelo hábito de equilibrar-se no convés: belo homem e intrépido marinheiro.

Ilustrado, valente e bonito, apreciara e gozara muito em suas longas viagens, e sofrera talvez, visto ser o padecimento inerente à estirpe humana; conservava de tudo isso vaga saudade, desejando volver a novas viagens e a novas emoções.

De nome conhecia a bela Jurema, mas nunca lograra o ensejo de vê-la, o que só se realizou naquela noite, enfeitando-o a linda criatura; ela também sabia da sua

existência pela fama de seus feitos valorosos e pelo escândalo de algumas conquistas passadas, em que figurara como herói.

Familiar da casa, levou-o Jurema para uma saleta de fumar, onde poderiam conversar à vontade; ele, já cativo, deixava-se levar em doce enlevo, desejando isolar-se da multidão e senti-la mais junto a si.

– Talvez o contrarie privando-o de dançar? disse ela.

– Oh! minha senhora, tenho certeza de que não crê em tal!

Ela sorriu francamente, convidando-o com o gesto a sentar-se a seu lado e acrescentou:

– Conheci um epicurista de muito espírito, que confessava adorar as mulheres malucas, afirmando que são as únicas que compreendem a vida e que às vezes até sabem melhor amar, no que eu não concordo, mas assevero que essa condição tem algumas regalias.

– Não compreendo! disse o almirante a sorrir.

– Explico-me: se não me considerassem maluca ou *excêntrica*, como dizem, aqui viriam buscar-me para dançar, importunando-me com amabilidades e privando-me do agradável conchego desta saleta.

– Oh! mas se assim fosse, eu abençoaria essa suposta afecção! exclamou o almirante, a rir.

– Abençoe-a, como eu a tenho abençoado de há muito, convencida de que há males que vêm para bem!

Nesse momento soaram as primeiras notas do trio de Roselin, fazendo-lhe ela um gesto rápido a reclamar silêncio, ouvindo a música em êxtase, como se estivesse completamente só, o que despeitou um pouco o almirante.

Quando terminou o trio, voltou-se para ele com os olhos úmidos, os lábios trêmulos, vibrando de emoção, e murmurou:

– Que música divina!

O ENCONTRO

Sacudindo a fronte, serenou-se-lhe o semblante e começou a falar sobre suas viagens, analisando o que vira e extasiando-se com Wandec à recordação das maravilhas que ambos haviam admirado; sorriram ao verificar a comunidade de suas ideias e sensações, o que aumentou a simpatia que sentiam.

Discorreram durante muito tempo, até que, fatigada de estar sentada e ouvindo os prelúdios de uma valsa, dissera Jurema:

– Valsemos um pouco.

Volveram ao salão e dançaram, formando bonito par; ele, ébrio de emoção por senti-la nos braços, tépida, perfumosa, com o seio ofegante, desejava que aquela valsa nunca mais findasse; ela, sorrindo vagamente, com a cabeça um tanto descaída para trás, os olhos lânguidos, verdadeira encarnação da volúpia, julgava voejar pela amplidão em demanda do infinito.

Pouco depois foram para a mesa, coberta de flores, de prataria e de cristais e sentaram-se lado a lado, continuando Wandec a ser o cavalheiro-servente da linda criatura; por momentos esquecia-se de comer, contemplando-a e dirigindo-lhe madrigais, aos quais ela respondia com zombarias.

Ao *champagne*, disse Wandec:

– Bebamos ao nosso encontro e à felicidade que eu sinto em conhecê-la.

– Se tem feito desses brindes a todas as mulheres com quem tem palestrado, já deve ser enorme o número deles, motejou Jurema.

– Por que é má e por que zomba? Nem eu tenho feito muitos destes brindes, nem a senhora se compara às outras mulheres. Conhecia muitas, porém nem mais delas me lembro, desde que a vi, e há apenas algumas horas!

– Mas é assombroso! olhar e abrasar-se logo em ardente chama! Resta-me, porém, a esperança de que será a cura tão rápida quanto o mal! acrescentou ela a rir.

– Veremos! disse Wandec.

– Na primeira *soirée*, ou na primeira viagem, nem mais se recordará do que acaba de dizer.

O ENCONTRO

Muito enternecido, com o olhar brilhante e uma pontinha de *champagne*, recitou-lhe o almirante os versos de Gonçalves Dias:

*Seja eu longe da pátria infindas léguas,
A distância de um mundo entre nós corra,
Enquanto além divago, preso fica
Meu coração contigo.*

*Se pois souberes que os meus dias findam,
Não creias que o destino inexorável
Mos corta – antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amores!*

– Protestos de poeta: mui lindos, mui comoventes, mas quase sempre a antítese do que eles realmente sentem. Há poetas que só cantam coisas ideais, e que, no entanto, são repelentes de prosaísmo, na vida íntima. Poetas ou não, sempre mentem os homens, mascarando os seus sentimentos.

– Agradeço-lhe em nome da espécie; mas não admite exceções? inquiriu, entre sério e risonho.

– Com franqueza dir-lhe-ei que não.

– Oh! mas é desolador para um homem que, de joelhos, deseja oferecer-lhe o coração!

– Guarde-o, meu caro almirante; não malbarate o seu tesouro e entregue-o em melhores mãos. O que faria eu do seu valoroso coração? Ou antes, que desejaria o senhor de envolta com essa oferta?

– Uma pouca de estima, respondeu Wandec.

– Ah! não! não era isso! Se eu lhe desse, não uma pouca de estima, porém muitíssimo apreço, como lhe dou, o senhor não se contentaria, porquanto, na opinião dos homens, a mulher só tem um meio de provar que os preza!

O ENCONTRO

– Nem todos pensam do mesmo modo, e para alguns, essa prova a que a senhora se refere não se constitui único móvel, porém a consequência natural de mútuo afeto.

– Palavra! Mas em todo o caso, o resultado é sempre o mesmo!

– Para que exigir da humanidade mais do que ela pode dar? ponderou Wandec um tanto desorientado.

– E para que conceder-lhe mais do que ela merece? redarguiu-lhe a moça, sorrindo e erguendo-se da mesa.

Passearam pelas salas, ouvindo Jurema fervorosos protestos e doces anelos: dizia-lhe o almirante que desejaria levá-la no seu navio como valiosa presa, sequestrá-la de todas as vistas, tê-la sempre junto a si, amorosa e meiga, embalada pelas vagas e pelos seus carinhos.

Ela o escutava com o sorriso de esfinge, já um tanto enfastiada do seu lirismo, em que havia sempre, como no de todos os outros, o predomínio de feroz egoísmo; ansiava achar-se a sós no seu grande leito, fruindo no sono o seu único deleite.

Levou-a Wandec até ao carro e beijou-lhe a mão, dizendo:

– Espero que em breve nos vejamos!

– É muito provável! respondeu-lhe a moça sorrindo intimamente da inutilidade dos esforços que o almirante envidaria, a fim de conquistá-la.

Seria dali em diante inexpugnável, porque possuía o melhor dos preventivos contra o mal – no cansaço e no tédio de muito haver pecado.

DÉLIA

O encontro

O Paiz, ano 8, n. 3602, p. 1, terça-feira, 08/03/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&PagFis=4878

13. NEVROSE

HÁ MOMENTOS EM QUE PRECISANDO SENTIR a posse de mim mesma abstraio-me deste mundo, elevo-me nas asas da fantasia e voo vertiginosamente por aí além, vivendo horas que os próprios deuses invejariam.

Fui para um dos terraços laterais, ladrilhado de mármore branco e preto em mosaico, com os gradis encobertos pelas madressilvas e outras trepadeiras, sustentado por pedras musgosas, superpostas caprichosamente, a mirar-se nas águas do lago, cercado de virente vegetação, de frescura incomparável, retiro favorito dos passarinhos e das vistosas borboletas.

O céu estava lindo, a viração branda, impregnada de murta e jasmins, o sol radiante e por sobre minha cabeça, nos galhos de um manacá, chilravam dois pintarroxos, entoando o hino da tarde, inclinando amorosamente suas graciosas cabecinhas.

A tarde apagava-se em suave crepúsculo onde o brilho do dia expirante empalidecera gradualmente, fundindo-se em nuvens auriverdes, passando ao azul violáceo e sombreando-se cada vez mais, até chegar a ser noite.

Apoiei-me ao gradil, embebida em íntimo sonho, aspirando sôfrega a brisa embalsamada, contente com a vida, extasiada com a paisagem: baixara a noite sobre a terra, o firmamento ostentava estrelas preciosas, benéfica quietação reinava no espaço, os pirilampos perpassavam sobre o lago, o grilo cantava na relva e, no silêncio, pareceu-me ouvir um ruído indefinível, muito sutil para meus humanos sentidos.

Fitei um lírio que se baloiçava expelindo seu perfume ativo; em frente a ele, uma rosa, seguindo o impulso da aragem, apresentava-lhe sua rubra corola; sorri e compreendi a causa do ruído: era a linguagem encantada das flores amorosas, era a hora sagrada de seus gentis himeneus.

Pouco depois ouvi o som longínquo de uma viola, tocando sentida endeixa; entristeci, feriu-me pungente saudade, achei-me tão só na vida, perdida naquele mimoso *bouquet* de verdura!

Chamou-me a atenção o ranger da areia do jardim sob os pés de alguém e fui ao encontro de quem entrava: quase abracei o Joaquim, meu jardineiro, tal era a necessidade que tinha de ver uma pessoa qualquer.

Vinha aflito chamar-me, porque em casa de João *Coxo*, dono de uma olaria próxima, estava uma senhora da cidade, morrendo; corri à casa, apoderei-me dos vidros de éter, de cloral e água de Colônia e segui o jardineiro, julgando que se tratava de um ataque ou ligeira síncope.

Cumprimentei o dono da olaria que me conduziu a um quarto limpo, caiado; sobre a marquesa vi uma criatura lívida com os negros cabelos desatados, em desalinho, tendo os pezinhos nus, onde tentavam deitar sinapismos: era um ser *mignon*, em toda a sua perfeição.

A boca, apesar das nervosas crispações, era mimosa, os dentes admiráveis e os olhos esplêndidos; não era precisamente bonita, mas prendia e encantava.

– Minha senhora! disse-me, com voz fraca, proíba que me toquem, não tente socorrer-me; envenenei-me e quero morrer... Caso me salvassem, eu envenenar-me-ia de novo e mil vezes, se preciso fosse!... Quem resolve suicidar-se, quem chega a este ponto, deve ir ao fim, do contrário torna-se ridículo!...

Fiz-lhe sinal de assentimento e admirei-lhe a energia. Sou da mesma opinião: quem chega aos umbrais da eternidade não pode retroceder, ficaria neste mundo bastante deslocado. Ordenei a todos que saíssem, sentei-me junto a ela, tomando-lhe as mãos cobertas de suor frio e viscoso.

Olhamo-nos: ela parecia sofrer atrozmente e eu tive uma espécie de remorso em ceder à sua vontade, não procurando salvá-la e disse-lhe:

– É tão moça, por que não deixa que a salve? Não tem saudade da vida? Não se arrepende?

Perpassou-lhe pelos lábios amargo sorriso e disse-me:

– É mulher, há de compreender-me. Não lhe aconteceu passar às vezes na vida por algum bairro bonito, cheio de flores, de belas residências, de movimento, de crianças louras, correndo, rindo e, apesar de tudo, sentir que ali não poderia viver, que alguma coisa, que os demais desconhecem, lhe faltaria?... Pois bem, é essa a imagem da minha vida, com algumas alterações... Esse bairro, onde entrei um dia, foi a existência; achei-a bela, talvez aí quisesse ficar, se a outra porção de mim mesma me amasse bastante; ela passou e não me viu: resolvi partir. Para que ficar tendo de viver só, sem o brilho dos seus olhos, sem o apoio da sua mão?! Parto; esperarei por ela na eternidade e, se tudo termina aqui, ainda assim morrerei contente: cessa o ansiar, apaga-se a lembrança, aniquila-se a esperança! Tudo o que faz gemer, tudo o que constitui a existência desaparecerá!

... A resignação é uma encantadora criação da fraqueza humana, a qual serve de consolo e desculpa, engendrando a ideia de uma recompensa futura.

Desconheço-a; minha têmpera de aço não poderia embalar-se com essa miragem! Minha alma caiu como formidável colosso, de toda a sua altura, sem que nenhuma força possa reerguê-la: caiu com a face na terra ocultando-se envergonhada de confessar a sua impotência.

– Mas, disse-lhe eu, poderia talvez encontrar quem a compreendesse, quem a compensasse da sua desventura.

– Não! exclamou ela; quando a árvore floresce, após a queda da flor, vem o fruto, mas a bela flor do meu sentimento foi ferida no seu âmago e morrerá com a árvore que lhe dava seiva.

Os entes como eu só amam uma vez na vida e não se profanam: morro com a pureza do corpo e do coração, sem escrúpulos de consciência, ciente de que destruí a forma miserável, que não pode agradar ao ente amado!

– Oh! disse eu, com amarga ironia; quem sabe se esse homem mereceria coisa alguma? Se não provocaria mesmo o seu desprezo e a sua indiferença mais tarde?

– Que importa! Neste momento eu o amo e morro, mais pelo meu próprio sentimento, do que pelo homem que me inspirou!... Quem sabe? talvez eu amasse nele até os seus defeitos, até os seus crimes, caso os tivesse!...

... Cada indivíduo é destinado a sentir na vida a vibração exclusiva de uma de suas fibras afetivas, eu fui votada ao que sinto, submeti-me ao seu império, mas recuso viver sem retribuição: nasci passiva, como todos os que esperam; parto revoltada, como todos os oprimidos! E tu, a quem não conheço, cujo olhar me fita compassivo, sê feliz, aceita meu último suspiro e meu supremo ósculo!... Adeus!...

Tomei-a nos braços: era tão leve aquele corpinho gracioso, onde se ocultava tão enérgico espírito; tão perfumado aquele seio de menina, triturado pela decepção!

Beijei-lhe longamente, abotoei-lhe as roupas, trançei-lhe os cabelos, deixando as negras tranças ao longo do corpo, que lhe chegaram aos pés; cruzei-lhe as mãos sobre o peito e antes de partir mirei-a: seu perfil suave, os longos cílios, sombreando as faces, o rosto plácido, lembraram-me *Atala*.

Chamei as pessoas de casa, pedi-lhes que a velassem, dando a minha moradia, no caso de as autoridades reclamarem a minha presença no dia seguinte.

Voltei à casa vagorosamente, pisando as folhas secas, deixando meu vestido prender-se aos espinhos das cercas, nervosa, indignada por me achar viva, desprezando os amigos da *bonne-chère*, achando na morte uma volúpia e na vida – loucura; estava possuída daquele fanatismo da morte, que tanto celebrizou o reinado de Nero.

Sorri à ideia de que, ao chegar, encontraria mil convivas ao redor de esplêndida ceia, passando-se da mesa para o esquife, levando-se nos lábios a pastilha envenenada: Sonhar-se-iam delícias que terminariam no aniquilamento do sepulcro.

Nada disso: encontrei a minha casa como a havia deixado, e juntei-me ao tédio habitual.

NEVROSE

DÉLIA

Nevrose

O Paiz, ano 8, n. 3611, p. 1, quinta-feira, 17/03/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&PagFis=4932

14. AMOR E VILANIA

TINHAM-SE CRIADO JUNTOS, amavam-se como irmãos, transformando-se esse afeto em mais terno sentimento à medida que cresciam.

Tinha Lívia quinze anos e Raul vinte, quando foi este obrigado a partir, a fim de encaminhar a vida, fazendo ambos mil protestos de amor e constância por entre lágrimas e beijos.

Nos primeiros anos escrevia o moço com frequência, mas aos poucos foram cessando os lamentos da saudade, rarearam as missivas e por fim só vinha uma carta por ano em resposta às muitas da moça.

A constante Lívia perdeu os pais, viu-se só em companhia de uma velha tia e, coagida pelas necessidades, começou a lecionar piano e canto.

Bonita, bem-feita, educada, teve milhares de seduções a que resistiu com heroísmo, trabalhando sempre durante anos.

Dentre os homens que a requestavam, um havia que a amava profundamente e que lho demonstrou, pedindo-a em casamento.

– Aceita essa proteção que te envia a Providência, minha filha, para recompensar a tua virtude! disse-lhe a tia.

– E Raul? escrever-lhe-ei, relatando-lhe o que se passa e só depois da sua resposta me decidirei.

– Pois ele não merece tantas contemplações. Deixou-te durante dez anos nesta expectativa, sem vir em teu auxílio sabendo-te órfã e desamparada! redarguiu a tia.

– A senhora tem talvez razão, mas cada um procede conforme a sua consciência.

Algum tempo depois recebeu Lívia uma carta do noivo, em que a exortava a casar com o generoso cavalheiro que lhe oferecia o seu nome, visto não estar ele em circunstâncias de dar-lhe todo o bem-estar que ela merecia. Desejava-lhe todas as venturas de que era digna e etc.

Duas lágrimas límpidas correram pelas pálidas faces da moça, mas os seus lábios nada murmuraram; encheu-lhe o coração a funda tristeza que sentia sempre ante qualquer baixeza humana.

– Bem te preveni eu! esquece-o e despreza-o, porque não merece nenhuma saudade esse vilão! disse-lhe a tia, abraçando-a com extremado carinho.

– Sinto que o desprezarei em breve, porém neste momento dói-me ainda muito a ingratidão e o desamor desse ente a quem tanto quis! respondeu Lívia, retribuindo os afagos que a velha tia lhe fazia.

Meses depois desposou a moça o homem de bem que a tomou para sua companheira, dando-lhe desvelos e conforto; ante o altar e à face de Deus jurou ela intimamente estimá-lo e honrá-lo por todo o sempre.

Um ano mais tarde, veio uma filhinha estreitar ainda mais os laços que os uniam, alegrando o abençoado lar; não se descreve o santo júbilo da velha tia que se constituiu a ama-seca da criança.

Depois de criar a pequena, de novo frequentou Lívia a sociedade, ostentando a sua beleza que chegara ao apogeu; seus olhos, o seu sorriso e a irradiação do seu semblante diziam claramente que era ditosa.

Em um baile encontrou Raul que a fitava extasiado, custando a reconhecer naquela esplêndida criatura a mocinha a quem jurara amor e fidelidade; surpresa e contrariada, teve ela ímpetos de pretextar ligeiro incômodo, a fim de retirar-se, mas ele não lhe deu tempo para isso.

– Enganar-me-ei, julgando dirigir-me a D. Lívia?

– Não se engana; sou eu mesma!

– Está tão mudada que receei enganar-me!

– Eu não poderia conservar aos vinte e oito anos o mesmo semblante que tinha aos quinze.

– Oh! mas se mudou foi para melhor ainda! Era então uma criança e hoje é soberanamente bela! exclamou com arrebatamento.

– Peço-lhe que mude de linguagem, pois nada tenho de vaidosa e vexa-me ouvi-lo falar assim! redarguiu ela com frieza.

– Ou já está enfasiada de elogios!

– Seja como for, mudemos de assunto.

– Devo então felicitá-la pelo seu consórcio. É feliz? inquiriu irônico.

– Muitíssimo feliz; como nunca julguei que o pudesse ser, tão habituada estava aos infortúnios! Meu marido é o melhor dos homens e eu o amo como ele o merece!

– Diz-me isso por acinte?

– De modo algum! apenas respondo com franqueza à sua pergunta.

– E nunca me amaldiçoou injustamente? pois só Deus sabe quanto me custou renunciar à ventura de unir-me para sempre à única mulher a quem hei amado! disse com hipocrisia.

– Nunca o amaldiçoei, nem havia para isso motivo. Trocamos outrora protestos que de nada valiam, verdadeiras toleimas de crianças inexperientes, que o tempo e a ausência apagaram aos poucos, trazendo o inevitável esquecimento, respondeu serena.

– No entanto, antes de aceder ao pedido de casamento, mandou-me consultar! objetou o fátuo, sem generosidade e sem delicadeza.

– Consultei-o como a um irmão, pois assim me habituei a considerá-lo.

– Mas isso é mesmo real? exclamou, pálido de raiva concentrada.

– Nunca lhe dei o direito de duvidar das minhas palavras e peço-lhe que não se exalte. Aí vem meu marido a quem eu quero apresentá-lo.

Vivamente voltou-se Raul, esperando talvez encontrar algum ridículo nesse marido, em quem via agora um rival; viu um homem elegante, bonito mesmo e de maneiras corretas.

– Apresento-te o sr. Raul de Carvalho, de quem te falei algumas vezes.

– Muito prazer em conhecê-lo.

– E eu igualmente! respondeu Raul, mordendo os lábios.

Jurou vingar-se desse marido tão apresentável e talvez amado e satisfazer os perversos desejos que a beleza de Lívia lhe despertava; não a tinha querido para esposa, mas cobiçava-a como amante, o que é muito mais cômodo e econômico.

Com o coração fremente de indignação e de asco, não se retirou a moça e concedeu-lhe uma quadrilha, a fim de que ele não julgasse que ela o temia, nem sofria com a sua odiosa presença.

E durante a dança teve de suportar os seus queixumes e blandícias, opondo-lhe a maior fineza e arrefecendo-lhe o ardor das frases com o seu olhar indiferente e por vezes severo.

Pedindo-lhe a permissão de ir visitá-la, respondeu-lhe:

– Não quero que o faça. Considerei-o sempre como um irmão, mas o senhor mostrou-se bem indiferente pela minha sorte e hoje, ao encontrar-me, usa de uma linguagem que me surpreende e que acabará por insultar-me. Portanto não terei contemplações; procure evitar-me, que eu farei o mesmo, não lhe concedendo nem palestras nem quadrilhas. Quando se trata com um homem pouco escrupuloso, deve-se cortar toda e qualquer intimidade! – e deixou-o vexado e furioso, tomando o braço do rapaz a quem concedera a valsa.

Pouco depois retirou-se combalindo a profunda tristeza, pois verificara quanto era vil esse homem a cuja lembrança sacrificara dez anos da sua mocidade; chegando ao seu quarto, acercou-se do berço da filha, contemplou-a no seu sonho de anjo e deu-lhe um longo beijo, que a purificou do contato do bandido.

Desde essa noite fatal para ele, abraçou-se Raul em uma paixão infrene, capaz de todos os extremos, desejando aquela mulher com um ardor feito de ódio, de despeito, de saudade e de pesar.

Espionando-a, viu-a sair só, um dia, e embargou-lhe o passo em plena rua, obrigando-a a ouvi-lo, a fim de não dar escândalo; foram protestos, súplicas injuriosas, ante as quais ela corava e empalidecia alternativamente.

AMOR E VILANIA

Por fim revoltaram-se a sua honestidade e o seu pudor de mãe, recuperando Livia a sua habitual energia e dizendo-lhe:

– O senhor é um miserável e eu sou uma mulher honesta! Se eu o tivesse amado como pensa, envergonhar-me-ia agora de um tal sentimento! O afeto puramente fraterno que eu lhe votava transformou-se em asco, causando-me a sua presença o mesmo horror que a de um réptil. Deixe-me; não tente aproximar-se de mim, pois não terá doravante ocasião de o fazer.

Trêmula, ruborizada, com o seio opresso, deu-lhe as costas, tomou um carro e voltou à casa, contando tudo à velha tia; desde então nunca mais Raul logrou falar-lhe, embora o intentasse, porquanto Livia saía sempre acompanhada.

Não podendo saciar a paixão, vendo que a moça nunca lhe pertenceria, vingou-se, difamando-a, muito embora o procedimento dela desmentisse as asserções do miserável.

DÉLIA

Amor e vilania

O Paiz, ano 8, n. 3619, p. 1, sexta-feira, 25/03/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=4978

15. OS PRIMOS

JAIME BRAGA TEM QUARENTA ANOS; é alto, desempenado, de leve moreno, bigode e cabelos negros, olhos grandes e vivos, a meio ocultos pelo *pince-nez*, mãos e pés pequenos: belo homem e robusta inteligência.

Está no escritório e lê o cartão que lhe trouxe o contínuo.

– Faça entrar essa senhora, disse vivamente ruborizado por súbita emoção e indo ao encontro da visitante.

Era uma mulher em plena eflorescência, com sorriso enigmático; uma dessas criaturas perigosas, das quais um homem nunca se aproxima impunemente.

– Oh! prima! a que devo a ventura de vê-la aqui nesta sua casa?

– Já o vai saber, respondeu ela, sentando-se no divã e ficando em plena luz, deslumbrante de frescura.

– Vou marcar a data de hoje com letras de ouro! Seja qual for o motivo que aqui a trouxe, eu o abençoo, pois só assim lograria o prazer da sua companhia, livre de olhares profanos.

– [*ilegível*] isto é sem madrigal, primo, e anima-me a pedir-lhe o obséquo que vim solicitar da sua estima.

– E que eu concedo de antemão!

– Veja lá o que diz, depois não se arrependa!

– Está concedido, senhora!

– Bem, nesse caso mandar-lhe-ei amanhã o meu protegido para o senhor empregá-lo na companhia de que é diretor.

– Pois sim, está dito!

– Não julguei que fosse assim tão facilmente atendida e não sei como agradecer-lhe...

– Proporcionando-me ocasião de tê-la a meu lado. Olhe, logo à noite, um *coupé* a esperará no campo de Santana em face ao museu; poderei esperá-la? Será um simples passeio, sim? pediu, tomando-lhe a mão.

– Pois sim! disse ela erguendo-se – Até logo! e saiu, deixando-o todo alvoroçado, na expectativa daquela ventura que sempre desejava.

De há muito sentiam-se atraídos por uma força magnética, desejavam-se, mas sem ir além da mais cordial amabilidade, porquanto, em seus encontros na sociedade, via-se Jaime espionado pela mulher e Carmen observada pela malignidade de todos, decorrendo assim alguns anos até que aquele incidente os reunira.

Como as horas passavam lentas para ambos! como contavam os minutos pelas pulsações do coração!

Trêmula, cheia de anseios, a tropeçar pelas calçadas, chegou Carmen ao *coupé* de cortinas corridas e sentou-se ao lado de Jaime que a estreitou apaixonadamente nos braços; sacudidos pelo trote dos animais, alheios ao mundo inteiro, tendo o paraíso naquele estreito espaço, confessaram afinal a mútua atração que sempre haviam experimentado, entremeando os seus protestos de ardentes e prolongados beijos.

Desde essa noite começou para eles uma fase de requintado gozo; duas vezes por semana, às duas horas da tarde, tomava a moça o *coupé* que a esperava e lá ia para o Daury, onde estava Jaime, sempre com a mesma palidez e o mesmo tremor do primeiro encontro.

Ele roubava aos afazeres o tempo que podia e ia procurá-la, ébrio de volúpia, querendo-a e desejando-a ainda mais à medida que a gozava, rejuvenescido, insaciável ao contato da incomparável criatura; longe dela, ao evocar certas cenas, sentia de súbito um nó na garganta e alguma coisa lhe paralisava as pernas e o coração, umedecendo-lhe as pálpebras.

Ele, que a tantas vira e apreciara, nunca havia encontrado uma mulher tão completa e que reunisse tamanhos encantos, ela, já um tanto enfasiada do amor e dos

que lho pediam, sorria então triunfante, eletrizada pelos ardentes frêmitos que a vista daquele homem lhe causava, fazendo-a reviver em infrene volúpia.

Às vezes, beijando o amante, tinha ímpetos de mordê-lo, de despedaçar com seus dentes aquela carne pálida e perfumada, até que o sangue a enrubescesse; seria talvez mais uma volúpia vê-lo estorcer-se de dor [*ilegível*] fora vê-lo estremecer de paixão.

Jaime gostava de [*ilegível*], ele de vê-la comer com [*ilegível*], saboreando o *champagne* com os lábios, as narinas titilantes, o olhar [*ilegível*] em um fluido; um tanto zeloso ele, apertando-a nos braços:

– Gostas mais do *champagne* do que de mim?

E ela, toda iluminada, com o sorriso quente que lhe abria uma covinha na face, de um ímpeto segurava-lhe a cabeça e a beijando com os lábios ainda úmidos e adocicados, respondia:

– Gosto mais de ti, mil vezes mais! ora que lembrança!... Olha: supõe que tu és no gênero-homem o que o *champagne* é no gênero-vinho – capitoso, divino, e calcula quanto eu devo gostar de ti, sendo tão gulosa!

Riam-se muito dessa comparação que dava lugar a vários comentários e, depois do café, saíam de mãos dadas a passear pela chácara do hotel; faziam projetos e protestos, suspiravam pelo dia de uma nova entrevista, felizes por se acharem juntos e já saudosos por terem de separar-se daí a horas.

Pouco durou essa ventura, porque soube a mulher de Jaime dessa ligação e fez-lhe cenas; como ele casara por amor e usava de uma certa deferência para com a esposa, a quem amara outrora, espaçou os encontros com a amante, contou-lhe o ocorrido e pediu-lhe que empregasse maiores precauções, quando viesse ter com ele.

Ouvindo-o, franziu Carmen o sobrolho, ferida na sua suscetibilidade de mulher ativa e voluntária, e disse com leve ironia:

– Eu acho melhor rompermos. Já que não é livre e tanto teme molestar a cara-metade, talvez seja melhor tomar essa deliberação.

– Ah! por que aumentas a pena ao aflito? Porque és má! Lembra-te de que até na loucura é preciso ter juízo. Quem padecerá mais do que eu? Mas deixemos que lhe volte a confiança e então amiudaremos as nossas entrevistas, não achas?

– Parece-me que tem razão.

– Mas estás enfadada, não é exato?

– Não.

De volta à casa, escreveu-lhe Carmen uma carta em que o exprobase de fraco e em que se traíam o seu despeito e a sua raiva; no seu foro íntimo ela admitia que a amassem, que a adorassem, mas que houvesse uma consideração qualquer acima da ventura de possuí-la é que não podia compreender, e desgraçado daquele que aventasse essa ideia.

Muito orgulhoso também ressentiu-se Jaime do desabrimento daquela carta, em que só vibrava o amor-próprio ofendido e nenhum desses apelos à ternura, que traem um grande afeto; estavam cegos e não pressentiam o que mutuamente sofriam com essa ruptura em plena efervescência amorosa.

Quantas vezes ela amaldiçoou a própria altivez que a impedia de chegar-se a ele, de cobri-lo de beijos e de lágrimas, dissipando só com a sua presença a nuvem que empanava a ventura de ambos! Que saudade e que pena de haver perdido o seu belo Apolo, como o apelidava.

E Jaime, esse orgulhoso até chorou, pungido pela lancinante saudade daquela mulher em quem havia dez mulheres, cada qual mais sedutora e mais digna de adoração; como se transformava facilmente aquele Proteu, que ora era criança, já esfinge, artista ou rainha, encantando sob qualquer dessas formas!

Quem poderia substituir ou fazer esquecer essa mulher de fogo que lhe deixara da vida um traço incandescente? Que delírios lhe causava só a lembrança desses transportes, em que ela gritava e soluçava em um espasmo violento e doloroso, que lhe repuxava a nuca e secava a garganta!

OS PRIMOS

Por momentos sentiu-se Jaime covarde, capaz de todas as concessões, de todos os sacrifícios e das mais lamentáveis consequências, contanto que ainda a possuísse plena e absolutamente como outrora; então surgiam os espectros da paz doméstica, do exemplo a dar aos filhos, das considerações sociais, jungindo-o ao dever e arrefecendo-lhe os ardores, sem conseguir apagá-los.

Um ano depois, lendo um dia o jornal, viu Carmen que, na véspera, morreria subitamente esse primo a quem tanto havia amado; imensa tristeza encheu-lhe a alma, parecendo-lhe que alguma coisa de si mesma se sepultava com ele.

Na imaginação não o via morto, porém vivo, ébrio de amor, fitando-lhe o olhar apaixonado com que a acariciava, antes mesmo de lhe tocar com os lábios; medonho soluço saiu-lhe do peito intumescido.

– Oh! Jaime! Jaime! quanto eu te amei!... E estás reduzido a pasto de vermes, tu, a esplêndida criatura que tanto me eletrizava!... exclamou, com a voz afogada em copioso pranto.

DÉLIA

Os primos

O Paiz, ano 8, n. 3625, p. 1, quinta-feira, 31/03/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&PagFis=5014

16. NÃO OLVIDADA

A NOITE BAIXARA COMPLETAMENTE, uma dessas noites sem lua, mas assaz clara, deixando distinguir todos os objetos a grande distância. Conservei-me no escuro, contemplando o céu e a bela perspectiva que se desdobrava a meus olhos: profunda tristeza invadiu-me a alma.

O passado atravessou-me pela mente: fantástico caleidoscópio, onde todas as alegrias, esperanças e mágoas se reproduziram fielmente! Passado! tecido de magia e encanto, em que baseias teu poder? Na impossibilidade de te reavermos?

Nas ilusões mortas em teu seio? Na lembrança do que amamos?... Cruel divindade! Os mistérios do teu culto são feitos de lágrimas e saudades! Oh! quanto hei sacrificado em teus altares!

Pobres mulheres! idealistas, apaixonadas, tendo um limitado horizonte traçado pela sociedade e pelos preconceitos, onde devem encerrar suas aspirações, concentrando no coração toda a atividade que não podem empregar algures!

Por que, então, acusam-nas de se entregarem a todos os seus impulsos afetivos, se não lhes deixam espaço, nem liberdade para fugir aos anseios desse mesmo coração, que, na exigência insaciável, assemelha-se ao cruel martírio de Prometeu!

Passam a existência, seguindo ou comprimindo esse tirano ardente, voluntário, padecendo tanto ao acompanhá-lo em seus ousados voos, como em sufocá-lo à voz fria do dever, ouvindo-lhe os tristes lamentos! Vivem, vegetam, enquanto lhes alimenta as ilusões o brilho efêmero da juventude, mas, à aproximação glacial da velhice, quantas dores inconcebíveis, que espantoso desmoronamento!

Pobres sonhadoras, as que resistem a esse descalabro abraçam-se à lembrança, conservam sempre ativo o fogo da memória e, sublimes sacerdotisas do passado, nada mais podendo ser, aviventam a recordação do que foram e adoram esse simulacro de vida.

E esses que as acompanham nas horas do sorriso e da alegria, abandonando-as por egoísmo, ambição ou saciedade, nos momentos difíceis e dolorosos? Ah! esses têm outras regalias: espezinham um coração, consideram a mulher mero passatempo, sufocam os bons impulsos da mocidade, restos da influência materna, para seguir a trilha brilhante a que se julgam chamados pelo destino.

Aumentaram-me a tristeza todas essas considerações; deixei-me cair sobre o divã, imersa em sombras, lembrei-me de tudo e de todos, revi minha vida, e dolorosamente inquiri:

– Meu Deus! só eu terei saudades? não viverei na lembrança de alguém?... ninguém me chorará? o sofrimento marcaria somente a minha alma? as outras amam, odeiam e morrem sem recordações? sem gemidos?!...

O grilo cantava, o regato corria sobre as pedras e eu sofria sozinha! De repente apareceu a criada, pousou o castiçal sobre um móvel, acendeu o gás e disse abrindo a porta:

– Uma visita, senhora! e retirou-se.

Ergui-me: a meio salão vi um homem elegante, todo de preto; aproximei-me, procurando reconhecê-lo, pois meus olhos ressentiam-se ainda da escuridão em que estivera eu.

– Gui! exclamei ao ver aquela adorável cabeça, que tanto amara e amaldiçoara! Amaldiçoar! triste privilégio dos grandes amores!

– Mariana! respondeu ele tomando-me as mãos, beijando-as com ardor de outrora, envolvendo-me em um olhar de saudade, carinho e amargura.

Gui e Mariana! era assim que nos chamávamos! nomes de heróis dos romances de que gostávamos!

Mariana! Gui! uma época de ardentes alegrias! um reverso de dores e lágrimas!

Sentia-me com vinte anos, palpitante, alucinada, junto a ele: cerrei as pálpebras, conservando suas mãos nas minhas; quis durante um minuto simular o nosso passado,

quando era risonho e feliz: ouvia sua respiração ofegante e pressentia com a minha alma o que se passava na dele.

Abri lentamente os olhos: estava pálido, triste; soltei-lhe as mãos e suspirei; voltava à realidade; sorri-lhe, a chorar, deixando-me cair no sofá, onde sentou-se também.

Contemplávamo-nos com dolorosa curiosidade: era belo ainda, talvez mais que outrora; na comissura de seus lábios havia alguma coisa de amargo, no brilho dos olhos a concentração de mil dores, nas rugas da fronte e nos cabelos brancos o estigma do viver. Esses eram os estragos visíveis; o pior devia estar em seu mísero coração.

Como lhe perdoei os meus martírios de outrora! quanto daria então para que não houvesse padecido!

– Mariana! disse ele, a vida correr-te-ia mais leve? o tempo não alterou o teu semblante! és sempre a mesma, digna de toda a adoração!

– Oh! disse-lhe eu tristemente, a adoração é uma atribuição divina; em castigo dessa minha usurpação, talvez, o céu impediu-me de ser amada, Gui!

Ele compreendeu a alusão e disse:

– Mariana! Deus sabe se te amei! dei-te o mais que podia dar-te, mas tua alma ardente, nova, não quis perdoar o cansaço da minha; não compreendeu o mal do aflito: em vez de consolar e conservar-me pela ternura, duvidaste, zombaste, injuriaste, forçando-me a sair da apatia! Deixaste-me com o coração ferido, desesperado, mas ignoras o vácuo em que fiquei, a desesperança em que me debati e o cortejo de pesares que me têm magoado! Pois bem, na ausência, com o tempo, esquecia as tuas maldades, injustiças e sarcasmos para só lembrar-me dos teus carinhos, da ventura que me deste, da alegria e conforto que em ti eu tinha! Ah! Mariana! quantas vezes amaldiçoei-me por não me haver violentado, sendo mais expansivo, dizendo-te o que me ia na alma; ter-te-ia contentado assim e não sofreria a tua perda!... Ah! perdoa!... crê, a expiação excedeu à culpa!... Sei, tenho experiência da vida, conheço todas as represálias do coração; sem dúvida, fizeste alguém pagar por mim, martirizaste com teu cansaço e

NÃO OLVIDADA

abatimento algum coração amante e ardente que encontraste em teu caminho e, dize, agora, apesar da compaixão que te inspirava, tiveste a coragem de poupá-lo?!... A minha lembrança não te veio então à mente, não me compreendeste, lastimando-me e perdoando?

– É verdade, Gui, passei por tudo isso: revoltei-me contra o próprio coração, comprimi-o sem piedade a ver se cobrava alento e nada consegui! Por minha vez senti o acabrunhamento que te oprimira outrora, torturando-me e, desesperada pela aridez de minha alma, fiz derramar muitas lágrimas amargas! Perdoei-te de há muito e, ao evocar tua imagem, vejo-a sempre pura, meiga e triste! Perdoaste também as minhas maldições e desprezos?... sim, eu o sinto, e a prova está em aqui teres vindo! disse eu.

– Perdoei-te e chorei-te muito, Mariana; procurei-te e aqui estou. Parto para longe, antes de deixar a pátria quis ver-te ainda: em ti sepultaram-se as minhas ilusões de moço, o último amor da minha vida e serás minha única saudade! Adeus!

Erguemo-nos; apertou-me longo tempo ao peito, orvalhou meus cabelos de lágrimas e saiu. Corri à janela, vi-o atravessar as alamedas do jardim, triste, elegante, belo; o coração doía-me e soluzei, mordendo o lenço.

Ia embora! partia talvez para sempre, esse ente que constituiu a melhor e a mais dolorosa fase do meu viver!

Partia! eu ficava pesarosa, seguindo-o com a vista, não podendo mais sentir os desesperos delirantes, sem verter dessas lágrimas que escaldam, nem proferir as palavras que blasfemam! O amor, atributo da mocidade, faz sofrer, martiriza, enlouquece, mas aviventa e a impossibilidade de senti-lo espanta, aniquila, mata.

Chorei, por não poder padecer!

DÉLIA

Não olvidada

O Paiz, ano 8, n. 3633, p. 1, sábado, 09/04/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5062

17. TEREZITA

TEREZITA ERA FILHA ÚNICA E UM VERDADEIRO tesouro de graças e de virtudes.

Amimada pelos pais, usava das regalias que lhe proporcionavam, mas sem abusar; boa, caridosa, sempre pronta a dar aos necessitados a importância do objeto que seu capricho cobiçava.

Alta, morena, rosada, com uns olhos grandes e negros, muito bem-feita, airosa, lábios rubros, dentes de pérolas, cabeça altiva, mãos e pés mimosos.

Rejeitou vários casamentos, indiferente aos protestos dos seus pretendentes reservando o coração para ofertá-lo àquele que o fizesse pulsar de amor; esperava-o, porém, sem impaciências, em deliciosa expectativa.

É tão bom sonhar com suaves quimeras, arquitetar risinhos projetos, afagar esperanças!

Aos vinte anos, encontrou afinal o eleito da alma na pessoa do louro Felício Neves, um mocetão garboso, afetado, a fingir-se de herói de romance, a ponto de julgar-se encarnado no personagem que imitava; egoísta, grosseiro, sensual, mau filho, péssimo irmão e pérfido amigo.

O pai, um homem de bem, distinguira-o sem por ser o primogênito [sic.], arrependendo-se antes de morrer de haver malbaratado a sua ternura e confiança; expirara ao amaldiçoá-lo em um assomo de cólera e de remorso, pressentindo todo o mal que ele faria aos irmãos menores.³⁰

Inspirou-lhe veemente paixão a beleza de Terezita, logrando ele despertar-lhe também um grande afeto; desprezara a moça a tantos que haviam amado com veras, para escolher justamente o que nada valia.

³⁰ Provavelmente falta uma palavra aqui. “distinguira-o sem refletir por ser o primogênito”.

Casaram daí a meses e aos poucos foi Terezita conhecendo a diferença que existia entre a sua educação e a do marido; sujeitou-se ela aos caprichos do malcriado, sempre dócil, a ver se venciam pela mansidão a violência daquele gênio terrível, mas tudo em vão.

Ocultou por muito tempo aos pais as suas mágoas, não querendo amofiná-los, porém com o tempo molestou-os também a grosseria do genro; nada lhe opuseram, entretanto, coagidos pelo olhar suplicante da filha a interceder por Felício.

Sentindo-se mal, redobrou ela de afeto para com o pai de seu filho, afagando a esperança de que a criança amolentasse aquela alma egoísta; seria tão feliz se o marido amasse com extremo ao fruto do seu malfadado consórcio! Assim reverteria em proveito do filho o ardente amor que a mãe não soubera inspirar!

À medida que se aproximava o momento de dar à luz, mais se acentuava a melancolia de Terezita; é que o seu coração ferido só pressagiava desgraças e dores para o inocente que tinha nas entranhas, pungindo-a quase como um remorso a ideia de haver concorrido para a existência de mais um desgraçado.

Depois de mil tormentos, teve a doce alegria de beijar a filha que o destino lhe enviava para consolo; Felício mudou logo de quarto, a fim de não ouvir o choro da criança que muito o incomodava e entregou-se com mais afã ao jogo e às mulheres.

Junto ao berço da menina, contemplando-lhe o sono de anjo, chorava a moça largas horas, sem uma revolta, sem blasfêmias, sempre amante, rogando a Deus que preservasse a filha de uma sorte igual à sua; dispensar-lhe-ia tantos carinhos, guiá-la-ia pela senda do dever, fá-la-ia digna de um homem honrado, mas queria-a feliz!

Desejava vê-la mais tarde, radiante de alegria apoiar-se ao braço do bem-amado, sorrindo à sua ternura materna; então ela esqueceria toda a desilusão da sua vida de esposa, toda a tristeza do abandono em que se confinara a sua mocidade, para louvar a esse Deus bondoso que a felicitava na filha querida!

Com a perspicácia de criança, cedo analisou Sílvia os pais, avaliando devidamente a grandeza da mãe e a vilania do pai, de quem se afastou aos poucos; ele

não a amava, pouco a acariciava, considerando-a um passatempo nos momentos de bom humor, um fardo nas horas negras e não a criatura delicada e amorável a quem devia carinho e proteção.

Em compensação amava a menina apaixonadamente a mãe, não a deixando um só momento, não querendo vê-la triste e pensativa, fazendo-a sorrir e contar-lhe a causa das suas preocupações, o que obrigava Terezita a dissimular o sofrimento; essa mãe sublime não queria que se extinguíssem no coração da filha o respeito e a estima pelo pai.

Trabalho inútil, porque Sílvia adivinhava o que ela tentava ocultar-lhe; pelo espírito já era uma mulher essa menina de doze anos, pois crescera a presenciar cenas deploráveis, em que gemia a pobre mãe ao peso de imerecida desgraça, causada por esse homem a quem só dera amor e carinhos.

Para cúmulo de infelicidade, contraíra Felício o vício da embriaguez, chegando à casa trôpego, com a roupa em desalinho e a língua solta; ao deparar com o rosto pálido e severo da mulher, prorrompia em vociferações torpes que o ensandeciam de todo, caindo por fim na cama e dormindo até o dia seguinte.

Com lágrimas e soluços pediu-lhe Terezita que se corrigisse, que poupasse à filha aquela vergonha que lhe mataria o respeito filial, prometendo ele emendar-se e voltando nesse mesmo dia em piores condições; desmoralizado, cheio de dívidas, sem emprego, vivia Felício à custa da mulher e da filha, que trabalhavam para acudir às necessidades e alimentar o vício do bandido.

Quanto dinheiro pilhava era para a aguardente, exigindo vinho à mesa e chegando a roubar as poucas joias da família, as migalhas do passado, a fim de satisfazer aquela garganta insaciável, que bebia sem escrúpulos o suor e as lágrimas das duas infelizes e que seria capaz de beber-lhes até o sangue, sem nunca fartar-se.

Alquebrado, trêmulo, com o olhar aparvalhado, sem nada mais que lembrasse o seu belo porte de herói de romance, já tinha tido Felício vários acessos de loucura, sendo necessário prendê-lo em um quarto; logo que melhorava e se via solto, voltava

TEREZITA

ao álcool, morrendo afinal como um cão hidrófobo nas medonhas crises do *delirium tremens*.

Foi um verdadeiro alívio para as duas infelizes verem-no livre daquela abjeção que o reduzira à condição de irracional; purificado pela morte, dormiria o eterno sono, tendo as orações da mulher e da filha; no entanto homens muito mais dignos passam ao esquecimento do túmulo, sem uma saudade e sem uma lágrima!

.....

Aos vinte anos, gentil e sedutora, boa e virtuosa como a mãe, uniu-se Sílvia a um nobre mancebo que nela procurou uma mulher amante e digna e não a fortuna; encontrava-a Leôncio todos os dias, quando ela lecionava piano e canto, elegante e distinta na sua modesta *toilette* de moça pobre.

Procurou ele então ser-lhe apresentado, encantando-o a ordem e o aseo daquele lar, onde o acolheram sem pretensões como a um camarada; meses depois pediu-a o moço em casamento, realizando-se o consórcio sem aparato: não são ruidosas as grandes alegrias.

Moravam com Terezita, porque Sílvia não quisera separar-se dela e viviam na melhor harmonia; realizara-se o desejo manifestado outrora pela mãe junto ao berço da filha – via-a radiante, apoiar-se ao braço do bem-amado e sorrir à sua ternura materna.

DÉLIA

Terezita

O Paiz, ano 8, n. 3640, p. 1, sábado, 16/04/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5100

18. METAMORFOSE

ENCONTRARAM-SE AFINAL EM UMA CEIA depois de se terem entrevisto uma vez no teatro, designados um ao outro pela maledicência dos que os acompanharam: ela, a morena Edith, era uma mulher distinta, de espírito superior, contaminado por esse mal do século, que de tudo desencanta e enfastia – uma desiludida; ele, um *viveur*, gasto, conhecedor da vida, fatigado de gozar, mas sempre com a curiosidade da mulher.

Tinha então trinta e seis anos e apresentava na fisionomia os vestígios de tormentoso viver: a fronte começava a desguarnecer-se, os olhos lânguidos, amendoados e ainda belos afundavam-se nas órbitas, os lábios pálidos descaíam flácidos, quase murchos, fanados pelos beijos; compensando-lhe, porém, o abatimento físico, cintilava-lhe o espírito em deliciosos repentes, em sarcasmos ferinos, que a todos atingiam e até a sua própria pessoa.

Quando via em alguma roda os demais homens fingirem-se de morigerados com a hipocrisia que em geral os distingue, gostava Garcez de alardear as suas culpas, chegando mesmo a exagerá-las; deleitavam-no imenso a viva curiosidade e o apaixonado interesse que despertava nas mulheres e a vista do grotesco comedimento dos farsantes barbados, cujas façanhas conhecia e até partilhara.

Nessa noite ainda mais se estendeu ele sobre as faltas de que se acusava, fascinado talvez pelo olhar de Edith, que lhe ficava fronteira; dirigia-se a ela de preferência, como a instigá-la à réplica; risonha, disse-lhe a moça:

– Gosto da franqueza desta confissão espontânea, tão rara em lábios masculinos, apesar de ser bem dura, para a espécie que represento, a sua declaração de nunca haver amado a nenhuma mulher! e di-lo com tamanha satisfação!

– Para ser conseqüente, vejo-me forçado a falar sem rebuços, e sem que me pese rebaixar-me aos olhos das belas filhas de Eva, aqui presentes.

Riu-se, acompanhado pelo coro feminino; ele sabia da preferência que elas dão em geral aos *mauvais sujets*, movidas pela vaidade de subjugar a seres tão volúveis e de jungi-los ao jugo da sua adorável fraqueza; fatal e descabida preferência, de que sempre se arrependem.

– Se me amaram, também não sei; nunca lhes pedi mais do que o prazer! acrescentou com a visível intenção de irritá-las.

– E talvez o amassem ainda assim, embora reconhecessem o pouco apreço que lhes dava! É tão inconsequente o coração da mulher, ponderou Edith.

– Pois se o fizeram, empregaram bem mal os seus afetos! acentuou ele.

– Verdadeiro brado de consciência, a que nada oporei! replicou a moça, a sorrir.

– E, coisa singular! proveio a minha salvação justamente desse meu modo de proceder. Foi buscando o prazer que me tornei pai da criança que me absorve todo, livrando-me das tentações e até do desejo de pecar! Nenhuma mulher, por mais fascinante que seja, poderá jamais suplantar a idolatria de que me sinto possuído!

– Creio que avança muito!

– Não, absolutamente! Ah! minha senhora, não calcula o que experimenta um homem, ao afagar a filha que lhe babuja o rosto e ilumina a vida com o seu sorriso de ouro! exclamou transfigurado, com os olhos úmidos. No entanto, logo que ela nasceu, eu nem a queria ver; só no fim de dez dias foi que a tomei nos braços e desde então prendeu-me para sempre!

– Compreendo e aprecio muitíssimo o seu fanatismo paterno, mas continuo a afirmar que não está livre de amar a qualquer mulher.

– E eu lhe assevero que me sinto invulnerável. Há bem pouco tempo tive disso a prova: impressionei-me por uma criatura aureolada pelo talento, uma artista de nomeada e julguei-me perdido; reagi, porém, e readquiri a calma habitual. E eu lhe afianço que a tentação era bem forte!

– Venceu desta vez, mas creia que nem sempre cantará vitória!

Ao despedir-se de Garcez, ofereceu-lhe Edith a casa.

– Aceito o seu gracioso oferecimento e com o maior prazer; em breve carecerei de agradáveis palestras, a fim de acalentar as saudades que terei da minha Mimosa. Levo-a para fora, receando a nociva influência desta quadra, e voltarei para tratar de negócios. Olhe, minha senhora, talvez se arrependa de me haver franqueado a entrada em sua casa, pois prevejo que abusarei da regalia.

– Muito embora; demais, seduz-me essa bela missão de *acalentar saudades!* replicou ela a sorrir.

Quinze dias depois, à noite, estava Edith no toucador, absorta em agradável leitura, e nem mais pensava em Garcez, quando lhe apresentou o criado o cartão do moço; um tanto contrariada pela interrupção, em meio de admirável capítulo, mirou-se ao espelho, ajeitou as dobras do penteador e foi ao encontro do importuno.

– Bem vê, minha senhora, que se realiza a minha previsão de há duas semanas – começo desde já a importuná-la.

– Pelo contrário, vem alegrar a minha solidão, que às vezes me pesa. Ficou a sua filhinha em boas condições?

– De perfeita saúde e cada vez mais linda!

Palraram largas horas, discutiram diversos assuntos, combatendo a moça os paradoxos do contendor que a contrariava, só para ver-lhe os lampejos do olhar e a irradiação da sua fisionomia inteligente e expressiva, que lhe retratava todos os sentimentos.

Amiudadas vezes voltou ele à residência de Edith, experimentando grande consolo e como que uma necessidade da sua companhia, do tépido conchego do seu gabinete catita, sempre cheio de flores; quando o via menos loquaz, com os olhos amortecidos e tristes, apresentava-lhe ela um livro e dizia-lhe com o seu carinhoso sorriso:

– Leia a ouvir-me, ou ouça simplesmente; como lhe for mais agradável.

Abria então o piano e cantava umas canções singelas e suaves, com o encanto de uma doce recordação; em notas plangentes soltava queixumes a sua voz melodiosa, extasiando os ouvidos do moço e embalando as saudades do seu paterno coração.

Cantava, cantava sempre, sem que Garcez a interrompesse, nem aplaudisse, perdido em um mundo íntimo, deslumbrado por uma aurora boreal que de manso iluminava deliciosa perspectiva de virentes vergéis: via-se ele com a filha nos braços e a par de uma mulher elegante, envolta em brancas vestes e com o rosto de Edith.

Despertava do sonho aos últimos acordes do piano, vendo-a risonha encaminhar-se para o seu lado.

– Já o enfastiava tanta música, não é verdade? inquiriu ela, um dia.

– Oh! não diga isso! se soubesse quanto bem me faz o seu canto! exclamou, com o olhar úmido de enternecimento.

– Ora graças! ao menos ainda sirvo para consolar aflitos!

– Zomba? Pois saiba que não serve somente para consolar aflitos, mas para extasiá-los, transformando-os em bem-aventurados! redarguiu com gravidade.

– Parece-me que o reconciliei com o sexo frágil?

– Reconciliou-me inteiramente e desmentiu os meus protestos contra o amor.

– Como assim? inquiriu curiosa, fitando-o com vivo interesse.

– Fazendo-me amar a mais bela, a mais espirituosa e a melhor das mulheres!

– E quem é essa feliz mortal?

– A senhora.

– Ama-me! pois é possível! exclamou, surpresa e contrariada, recuando um pouco e olhando-o bem em face.

Sim, era mesmo a ela que ele amava e dessa vez não zombava, falava seriamente o desgraçado: assim o compreendeu a moça, vendo-lhe a súbita palidez, o tremor dos lábios e a ternura do seu olhar cativo que a contemplava em adoração.

– Sim, é à senhora que eu amo com profundo afeto e verdadeira estima.

– Então não pôde a Mimosa preservá-lo dessa impressão! disse, melancólica.

– Em nada prejudica o amor que lhe voto à minha idolatria paterna; são dois sentimentos igualmente intensos, mas de ordem diversa.

– Bem o preveni disso, na primeira troca de ideias que tivemos!

– Verdadeira predição! e, já que se realizou, conceda-me um pouco dessa ventura que só a senhora me pode dar, retribuindo a minha afeição.

– Ah! meu bom amigo, apesar de não alardear nem o cansaço, nem o tédio que o senhor ostentava, eu me sinto muito mais fatigada da vida e mais impossibilitada de amar!

– Eu também me julgava invulnerável e fui subjugado pelo encanto que de si se desprende!

– Muito bem, porém dizia o senhor nunca haver amado, estando por consequência mais apto para sentir o influxo do amor, enquanto confesso eu ter amado em demasia! Se quer a doce afeição que lhe consagro, continuemos como bons amigos, se exige mais do que isso, parta, e evite-me, porque nada mais posso conceder.

– Considera-me então inferior a esses a quem diz ter amado?

– Pelo contrário, julgo-o até melhor do que eles, mas o amor não se impõe.

– Ou será capricho de mulher?

– Não, simplesmente a verdade.

– Ficarei. Quem sabe? talvez se reproduza na senhora o fenômeno psicológico que me prendeu à sua pessoa.

– Consinto que fique, porque nada em mim pressagia a possibilidade de vir a amá-lo; se tal sucedesse, porém, partiria eu. Ah! não! seria realmente imperdoável mais uma edição de beijos, de arrufos e de enfados! Para quê? se de tantas doçuras só nos fica um ressaibo de fel!

– Na esperança confia todo o desejo humano – esperarei!

– Pois sim! mas premuna-se de inesgotável dose de paciência.

METAMORFOSE

DÉLIA

Metamorfose

O Paiz, ano 8, n. 3646, p. 1, sábado, 23/04/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5136

19. HEROÍSMO (1892)

TEM ZELMIRA DEZOITO ANOS E POSSUI todos os encantos e seduções da primavera da vida.

Os pais e os amigos curvam-se risonhos aos seus menores caprichos e a gentil tiranazinha exerce o seu poder galhardamente.

Para ela só há no mundo um Deus a quem sacrifica e esse ídolo é a sua própria vontade: tudo mais é secundário.

Se lhe propõem um *pic-nic*, uma *soirée*, que não lhe agradam, ela sabe habilmente criar dificuldades que transtornam os alheios planos, deixando-lhe toda a liberdade.

Nenhuma nuvem, nenhuma contrariedade lhe ensombra a nevada fronte e a sorrir, confiante, segue o rastro luminoso da sua estrela protetora.

Vai a todos os divertimentos, é assídua frequentadora dos teatros, recebe a corte dos *dandys*, sorri aos seus galanteios, mas a nenhum prefere.

Seus ouvidos, habituados à lisonja, não podem deixar de escutar constantemente esse mentiroso murmúrio, segredado no meio das luzes, das flores e da música.

Tudo isso é vão, fútil, passageiro, mas esse *nada* constitui a vida da maior parte das mulheres e as que se alimentam com esse pouco ainda são as mais felizes.

Todas as tardes, Zelmira, à janela, via passar um bonito rapaz louro, elegante, com uns olhos pardos e lânguidos, que a fitava retardando o passo; ela o seguia com a vista, enlevada, mirando-lhe o gracioso porte, e um suspiro brando saía-lhe dos lábios trêmulos.

Depois de muito indagar soube quem ele era e afagou a esperança de que a amava; a essa ideia alvoroçava-se-lhe o coração no seio, até então mudo à voz do amor.

HEROÍSMO

Desde esse momento o seu vago aspirar de donzela teve um objetivo que a ocupava a todas as horas, fazendo-a criar esses castelos no ar que tanto prendem a imaginação; passava largo tempo em cismas, com a boca soaberta em um sorriso, o semblante ameigado e o olhar perdido em encantados horizontes.

A vida aparecia-lhe sob outro aspecto, tudo a interessava, em tudo achava como que o eco melodioso do que havia em seu coração, extasiada, entregava-se àquele renascimento de todo o seu ser.

— Eu o amo! eu o amo! bradava ela, correndo pelas alamedas do jardim atrás das borboletas ou sentada nos bancos, aspirando o perfume das flores e mirando os raios da lua entre a folhagem.

Amava! e é tão bom amar na quadra virente em que tudo nos sorri e alenta! Amava, com os arroubos do primeiro amor, singelo, crente, feito de esperança e brandos carinhos!

Amava e adorava essa indefinível sensação de ter no próprio seio a grandeza do infinito!

E a gentil louquinha, insensivelmente, esqueceras as argentinas gargalhadas de outrora e sua atitude pensativa causava estranheza aos pais.

Uma noite, pela volta das dez horas, Zelmira, de pé, na sala do rés-do-chão, perorava em alegre companhia, quando viu um objeto entrar pela janela e cair-lhe aos pés. Era um pedúnculo com três cravos ligeiramente nacarados; ela se abaixou, apanhou-os, mirou-os e sorriu, porque a imaginação evocara a lembrança do rapaz louro.

Correu à janela e não viu nenhum vulto; os jovens que a cercavam, despeitados, saíram à rua e levaram as pesquisas a ponto de entrarem nos próximos corredores, mas a ninguém encontraram.

— Deixa essas flores, sabe Deus donde elas vêm! disse-lhe a mãe, uma verdadeira virago maciça e com bigode grisalho.

HEROÍSMO

— Guardo-as; ofereceram-me, são minhas! respondeu, prendendo os cravos ao seio ofegante, com as faces ruborizadas e os olhos faiscantes, e, ainda mais formosa, continuou a palestrar com fina *verve*.

Ao recolher-se à alcova, sentia o cérebro em fogo; abriu a sacada e contemplou o firmamento azul, suave, recamado de estrelas.

Desprendeu delicadamente as flores do peito e, aspirando-as com frenesi, murmurou:

— Foi ele!... Não há dúvida!... As pulsações do meu coração revelaram-me a sua adorável presença!... Oh! Como ele adivinhou que adoro os cravos!... como te amo!

E sentia no rosto afogueado o fresco contato das perfumosas pétalas, que a afagavam como irmãs carinhosas; despiu-se, deitou-se entre alvos e rendados lençóis, pousando as flores no travesseiro e adormeceu em doce embriaguez.

A imaginação, durante o sono, criou-lhe encantadora miragem e ela viu o bem-amado em uma rede baloiçada pela brisa e tecida de cravos orvalhados; acordou, quando o sol iluminava o cortinado e seu primeiro olhar foi para as flores, um tanto fanadas e lânguidas, mas, ainda assim, recendendo aromas.

Com meiguice beijou-as Zelmira e guardou-as em um cofre de cristal, forrado de cetim azul, mimoso sarcófago onde as três pálidas graças dormiriam sempre; à tarde, postou-se à janela à espera do adorado: ele passou, fitou-a como costumava, porém ela julgou perceber no seu olhar um *quê* significativo.

É que facilmente cremos naquilo que desejamos.

Tempos depois, havia grande baile no Cassino e Zelmira declarou que desejava ir, no que foi obedecida.

Passava dias e semanas a combinar *toilettes* que ostentassem a sua beleza e terminava maldizendo as amigas e a costureira e chorando de raiva; tudo lhe parecia vulgar e achava-se medonha no meio daqueles cetins e daquelas flores, afinal, depois de muita contestação e porque o baile estava próximo, escolheu uma *toilette* e, ansiosa, esperou a festa.

HEROÍSMO

Durante todo o dia, esteve sentada para não se fatigar e, à noitinha, veio o cabeleireiro, o qual suportou paciente todas as observações de Zelmira, até que o penteado agradasse à caprichosa mocinha.

Depois passou à alcova, onde as amigas solícitas, inquietas, serviram-lhe de mucamas, calçando-lhe as meias, atando-lhe os sapatinhos, vestindo-a com todo o carinho; enfiou o vestido, levemente carminado que lhe dava aparência de rosa animada e suas formas elegantes desenharam-se sob as dobras do cetim.

Estava fascinante: a excitação febril coloria-lhe as faces, empalidecia-lhe a fronte, avivava o brilho do olhar e fazia correr sob a epiderme aveludada um fluido magnético em ligeiras cintilações; consultou mil vezes o espelho, sempre descontente, apesar dos protestos das amigas e seguiu para o baile.

Ao entrar no salão, causou alvoroço, pois, além da sua beleza, ela tinha nessa noite a fulguração especial que as mulheres possuem, quando amam; os rapazes assaltaram-na com pedidos e ela soube satisfazê-los, reservando lugar para o escolhido do peito.

De repente, deparou com ele, que se dirigia para o seu lado, acompanhado por outro jovem, a quem conhecia e que lhe pediu permissão para apresentar o amigo, o dr. Henrique Alvim. Zelmira, trêmula, concedeu-lhe uma valsa e nada mais viu, nem ouviu, até que Henrique lhe oferecesse o braço, ao som dos primeiros acordes da *Ivresse d'amour*.

Oh! a valsa, quando arrebatava dois entes que se estreitam e adoram, é um sonho, em que os sentidos desvairados e os olhos lânguidos confundem as imagens: a terra foge sob os pés suspensos e parece que a gente resvala sobre nuvens prateadas!

Nessa palestra que se segue à dança, disse-lhe Henrique que a amava e que muito lutara para sufocar o seu afeto, visto ser ele pobre e ela rica, mas que por fim, fora vencido, sentindo-se cada dia mais preso; exultara de alegria no momento em que se julgara retribuído, considerando-se compensado de todos os seus tormentos.

HEROÍSMO

Com o seio ofegante, as faces ruborizadas e o olhar nadando em um fluido ouvia Zelmira os doces protestos daquela voz amada que a eletrizava, alienando-lhe todas as afeições, todas as alegrias que até ali fruía, parecendo-lhe que renascia em uma nova existência, cheia de beatitudes.

Desde então, teve o moço necessidade de vê-la com mais frequência, ansiando falar-lhe e sem saber como; ela mesma proporcionou-lhe o almejado ensejo, fazendo o pai enviar-lhe um convite para a *soirée* com que festejava o seu aniversário natalício.

Frequentando-lhe a casa, antipatizou Henrique com a mãe da moça, uma senhora sem cultivo e sem trato social, que só falava no dinheiro que a filha deveria receber mais tarde, talvez com a ideia de que a requestavam por isso; assim o entendeu ele e enfiou, espaçando as suas visitas.

Com a presciência do amor, adivinhou Zelmira o que se passava naquele espírito e escreveu-lhe cartas incendiárias, em que lhe pedia que voltasse a vê-la mais a miúdo, chegando até a marcar-lhe entrevistas, dando minuciosas indicações: teria o cuidado de deixar no jardim uma escada de mão, que ele encostaria à terceira janela da esquerda, onde estaria à sua espera.

Depois de resolver não aceder a essa imprudência que poderia comprometer a moça, lá foi ele impelido pelo amor e pela ânsia de falar-lhe sem testemunhas; facilmente galgou as grades do jardim, colocou a escada no ponto indicado e, desvairado, colou os lábios na mimosa boquinha que lhe exprobase a ingratidão e o olvido.

Nas primeiras vezes, nem ele pediu para entrar, nem ela ousou induzi-lo a que o fizesse, mas, ao influxo daqueles beijos, da solidão e do mistério da noite, arrastada pela paixão que aos poucos a alienara, suplicou-lhe Zelmira que entrasse, nessa febre em que não mais se raciocina, no paroxismo dessa exaltação que leva à culpa.

Reprimindo a custo a ânsia dos desejos que o lancinavam, recusou Henrique aproveitar-se da insensatez da pobre apaixonada, pretextou receio de ser

HEROÍSMO

surpreendido e súbita indisposição; amuada, viu-o a moça transpor as grades e desaparecer na esquina, sem mesmo voltar a cabeça.

Ele lá ia triste, enervado, refreando os soluços, jurando não mais voltar a esse canto do paraíso, onde tanto padecera pela contenção que impunha a todos os impulsos que o impeliam aos braços de Zelmira; não voltaria, pois nem sempre teria o heroísmo de fugir a tempo dessa divina tentação que lhe trazia penoso arrependimento.

No entanto, tinha certeza de que lha dariam em casamento, se, abusando do seu afeto, a seduzisse, porém a estimava bastante para não querê-la por tão vil proceder: sacrificou-se.

Desesperada pela súbita partida de Henrique para a Europa, quase enlouqueceu a moça, incriminando-o de insensível e de ingrato, quando fora ele honesto, ativo e consciencioso. Dois anos depois, arrependida da sua leviandade, desposou Zelmira a um bacharel em direito, jurando *in petto* velar sobre a educação moral que daria às filhas que tivesse.

DÉLIA

Heroísmo (1892)

O Paiz, ano 8, n. 3652, p. 1, sexta-feira, 29/04/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5174

20. MADAME DE Z. (1892)

HÁ DIAS, CANSADA DA SOLIDÃO, ABORRECIDA, mandei selar o meu bom *Zampa*, e me dirigi sem destino pelos campos; o dia estava magnífico, a viração impregnada do cheiro ativo do mato.

Senti-me bem; parecia-me ter saúde no corpo e no espírito; mirei longamente o céu de um azul puríssimo, recreando-me com o canto das cigarras.

A imaginação, essa adorável sereia que nos ameniza as agruras da vida, começou a criar quimeras e suaves miragens para entreter-me.

Julguei-me uma dríade cavaleira, protetora daqueles bosques, daquele verdor luxuriante, e olhei em torno, um tanto receosa, temendo ver surgir dentre as moitas a figura satírica de Pan.

Depois, considerei-me gentil castelã da Idade Média; ouvia o som da trompa, o latir da matilha, tendo a meu lado o pajem microscópico elegantemente vestido, levando em seu dedo o tradicional e adestrado falcão; tomei uns ares condignos à minha hierarquia e embrenhei-me pelos bosques, ao encontro dos meus imaginários caçadores.

Andei algum tempo absorta, até que a vista de uma habitação caprichosa me prendeu a atenção, enchendo-me de despeito, acordando-me do meu sonho de grandeza.

Estava a três quartos de légua de minha casa e tinha sede devoradora: fiz parar *Zampa* e dispunha-me a saltar, quando uma aparição encantadora se mostrou no portão do jardim arrancando-me uma exclamação de surpresa: era Mme. de Z... a quem encontrara outrora em Baden, na estação das águas.

Saltei do cavalo, corri para ela, beijei-a febrilmente, apertando-a em meus braços; reconheceu-me então, retribuindo meus carinhos.

Conheci-a em Baden, do seguinte modo: eu chegara ao hotel, à noite, deitando-me fatigada, sem ter aparecido nos salões, onde os hóspedes se achavam reunidos; pela manhã despertei cedo com o ruído que faziam abrindo e fechando portas, cantarolando as operetas em voga, descendo escadas; levantei-me e, enquanto me vestia, ouvi distintamente declamar algumas estrofes da *Fedra*.

Perguntei à criada quem era a minha vizinha e soube ser Mme. de Z.; procurei nesse mesmo dia falar-lhe e unimo-nos estreitamente; juntava à grande distinção um luxo elegante, uma beleza atraente e, por assim dizer, misteriosa.

Em seus olhos havia alguma coisa de vago e indefinível, como o olhar do sonâmbulo ou de um ente habituado à contemplação de um mundo íntimo, vivendo maquinalmente a vida das demais criaturas.

Instruída, rica, formosa, viajava acompanhada por um cavalheiro idoso, de fino trato, a quem chamava de tio; era-o realmente ou aceitava esse título para que a reputação da moça nada sofresse?

Ignoro-o, o certo é que a cercava de um amor paternal, ao qual ela correspondia com ternura; ninguém poderia dizer se era casada, solteira ou viúva, mas também não lhe poderiam atribuir nada de mau ou indigno.

Onde aparecia, festejavam-na, faziam-lhe a corte e ela, amável, risonha, mostrava a todos a mesma urbanidade, sem predileções, nem gradações de estima: em meu favor somente fez exceção a esse seu modo de sentir e proceder.

Andávamos sempre juntas, adulavam-nos igualmente, presentindo talvez que agradavam a ambas, desde que apreciassem o que nós mesmas amávamos uma na outra. Eu me extasiava na sua convivência, na elevação do seu espírito, na bondade do seu coração e na auréola de mistério que a cercava. Ela gostava das minhas ironias, dos meus transportes, da exuberância do meu sentir.

Trocávamos nossas mútuas impressões, contentes com o presente, sem indagarmos dos nossos respectivos passados; que nos importava o ponto donde

havíamos partido, desde que a nossa aproximação nos felicitava? Parecia-nos mesmo que de há muito nos conhecíamos e isso nos bastava.

Quando voltei ao Brasil, corri-me muito tempo com ela; ao volver dos anos, as cartas escassearam e pouco a pouco cessaram de todo, guardando eu a sua lembrança no íntimo da alma com religiosa saudade; só julgava tornar a vê-la, caso voltasse à Europa.

Exultei, pois, de alegria, encontrando-a, e passei esse dia com ela: ressuscitamos os anos decorridos longe uma da outra, falamos sobre mil coisas e, desde então, ou estou eu em sua casa, ou ela na minha; para acompanhá-la demorar-me-ei mais meses no campo.

Anteontem fui vê-la, estava um pouco incomodada, não saíra do quarto de dormir, conservando-se recostada em um divã: pálida, lânguida, parecia-me mais bela.

Pedi-me para trazer-lhe um xale que deixara no toucador; procurei e nada encontrei; quase ao sair encostei-me um pouco à parede, esta cedeu, deixando-me ver uma passagem secreta; sem refletir, introduzi-me pelo corredor, ergui um reposteiro que vedava a entrada de uma porta e parei estática.

Achava-me em um gabinete, iluminado por uma claraboia de vidros opacos, espelhando suave claridade; as paredes cobriam-se de cetinoso papel com reflexos prateados; os pés afundavam-se em macio tapete felpudo de sombrias cores; grandes jarros de um trabalho maravilhoso continham flores frescas, perfumosas e no centro, sobre pedestal de ébano esculpido, erguia-se uma estátua de mármore branco.

Em seu livro, intitulado *O belo e sua história*, Gauckler diz:

“A escultura é a arte de exprimir as manifestações da vida pelas formas puras.

As formas são o espírito da matéria como as ideias são as formas do espírito: é das formas que a matéria tira antes de tudo sua utilidade, são elas que lhe dão sua expressão, que constituem seu valor real.

Chamamos *forma* a relação que as superfícies têm entre si. É alguma coisa de abstrato, uma concepção do espírito e não uma simples propriedade da matéria

limitada pelas superfícies. Ela nos impressiona vivamente e pode reproduzir nossas impressões. É pela forma que se traduz o dogma egípcio em seus colossos; é por ela que se exprime o pensamento cristão em suas figuras ideais: sem ela a religião não teria culto. Nas artes do desenho as relações das superfícies e das linhas formam uma linguagem ora natural e ora simbólica, que é irmã da dos movimentos, dos sons e das palavras, nas artes subjetivas.”

Ménard disse:

“A estatuária é uma arte religiosa e imaterial por essência; é ela que melhor tem expressado a ideia do divino, é por ela que os artistas gregos fixaram as leis que constituem o belo ideal. Não é bastante que a imagem divina tenha as formas de um belo homem ou de uma bela mulher, é preciso que seja a expressão da beleza típica e imaterial.”

Diante da estátua, lembrei-me desses dois autores e compreendi o que dizem com tanta precisão.

Representava um homem no pino da vida, com um braço apoiado a um tronco e o outro descansando no quadril: na mesma posição do *Fauno em repouso*, do Museu do Vaticano.

A cabeça lembrava a de Antínoo, pequena, com os cabelos curtos e ondedados; a estrutura daquele corpo era admirável, as linhas de uma suavidade puríssima, parecendo que o sangue o aviventava e que o seu contato era tépido e palpitante.

Rosto redondo, imberbe, nariz direito, boca um tanto encravada, lábios carnudos, olhar olímpico; senti meus joelhos dobrarem-se e contemplei a estátua com religiosa atenção.

Sim! era a personificação do ideal, desse sopro divino em busca do qual os grandes gênios gastam a vida: era a encarnação do impalpável, do que nos afaga a mente, do que nos faz sorrir e chorar, sem que o possamos reproduzir nem com a pena, nem com a palavra!

Aquele corpo parecia animado, não com o sangue que nos corre nas veias, sujeito à corrupção e ao nada, mas pela força superior do sentimento imutável, eterno e perfeito!

Alguma coisa que não morre presidira a essa transformação onipotente do mármore, que é pó e suscetível à destruição!

Eu olhava, imóvel, pasma, ajoelhada, com verdadeira unção, compreendendo e admitindo a insensata paixão de Pigmalião pela fria imagem de mulher que o seu talento animara.

Extasiada, conservei-me longo tempo, esquecida de tudo, quando Mme. de Z. tocou em meu ombro; estremeci, juntei as mãos pedindo-lhe desculpa, ergui-me e recuei admirada.

Não era a mesma criatura: seu olhar vago tornara-se profundo, suas faces se coloriram, seu corpo tinha moles ondulações, sua voz dulcificara-se: era a beatitude do fanático ante o ídolo.

Apertei-a em meus braços, perguntando:

– Quem fez esta estátua?

– Eu, respondeu ela, com ebriedade.

– Sabia que eras uma artista, mas isto é obra de um Deus! disse eu, com exaltação.

– Não, é minha, pertence-me como o filho à mãe e o perfume à flor; é a realização do meu ansiar, do que me faltava na vida. Apesar da fortuna e da beleza, é o que ninguém me poderia dar. Criei esta perfeição, sintetizei aqui todo o meu aspirar, vivo desta idolatria e sou feliz! exclamou ela, caindo de joelhos, abraçando as pernas da estátua, com os cabelos desatados, cobrindo-a inteiramente, semelhante a Madalena aos pés de Cristo.

Como era bela em seu desvario! Como a sua loucura seria contagiosa se meu espírito fosse fraco, se eu pudesse ainda impressionar-me por alguma coisa!

MADAME DE Z.

Lágrimas doces, puras, corriam de seus lindos olhos, voltados com idolatria para o rosto sereno da estátua; com os braços cruzados, triste, vi naquele grupo singular alegoria.

Contemplando aquela adorável mulher, cheia de afeto, digna de todo o devotamento, desejada por tantos homens, presa, enlaçada àquele mármore soberbo em sua imobilidade, atraente em sua formosura artística, perigoso em seu mutismo sagrado, lembrei-me dessas afeições grandiosas que escravizam, votadas a entes indiferentes, orgulhosos, frios.

Era a reunião possível de um vivo, sadio, forte, a um cadáver rijo, glacial, surdo, com a beleza misteriosa da morte antes da decomposição, sobraçado, beijado, acariciado pelo vivo, pelo que pode sentir e lhe empresta seus ardores, seus gestos, iludindo-se com o próprio sentimento, acreditando em sublime dualidade.

Cegueira dolorosa para os que a observam, consoladora para os que a sentem: Mme. de Z. sorria e eu chorava.

Possa ela não despertar jamais do seu sonho enganador e possa eu iludir-me com qualquer realidade!

DÉLIA

Madame de Z

O Paiz, ano 8, n. 3659, p. 1, sábado, 07/05/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&PagFis=5222

21. TRISTE REVERSO

TINHA ALICE DEZENOVE ANOS, QUANDO POR ELA se apaixonou o capitalista Gonçalves, moço bem-apessoado, muito correto de maneiras e de uma conduta irrepreensível: casamento auspicioso para a jovem, não tanto pelo lado da fortuna, apesar de constar de trezentos contos, como principalmente pelas qualidades que exornavam o noivo.

Além de um porte senhoril, era a moça muito bem-feita, com uns grandes olhos garços, cabelos castanhos anelados, nariz petulante, boca rasgada e graciosa, ornada de belos dentes, uma covinha no queixo redondo, seio e quadris ondulados; muito *chic*, amante de festas, insaciável de bulício.

Dispondo o pai apenas dos seus ordenados, proporcionara-lhe lazeres de moça rica, dando-lhe essa educação muito superficial da maioria das mulheres entre nós, e da qual, no entanto, tirara ela o melhor partido possível; aprendeu alguns idiomas, música e desenho, com a intuição de que deveria brilhar e encantar, visto não dispor do monetário anzol com que se pescam os maridos.

Quanto ao moral: frouxas crenças, frouxos princípios e, como preventivo do mal, apenas a perspectiva de provável punição, em tempo mais ou menos longo; somente o medo a inibiria de perder-se e nunca o louvável temor de delinquir.

Muito cuidadosa da sua pessoa, faceira e voluptuosa, tinha todos os atributos da raça felina, gostando dos que a acariciavam e arranhando os que ousavam contrariá-la; quando saboreava finas iguarias e bebericava o *champagne*, expandia-se-lhe o semblante em ardente gozo, com fosforescências nos olhos matizados de ouro e tremuras nas narinas, o que lhe dava a aparência de uma panterazinha domesticada.

Quando foi apresentada a Gonçalves, já contava uma dúzia de namorados que lhe haviam adejado em torno, atraídos pela irradiação da sua formosura, mas nenhum

tivera a precisa coragem de casar com essa jovem pobre e tão amiga do luxo; seria perdulária, leviana, e nunca tomaria a sério os pesados encargos de mãe de família.

Aceitou a corte de Gonçalves, porque o achava interessante e causava inveja às amigas, acedendo ao seu pedido de casamento, ainda pelas mesmas razões, deslumbrando-a também o luxo que ele lhe proporcionaria, podendo assim emoldurar a sua beleza em uma auréola de esplendor e de grandeza; nunca ousara esperar tanto da sorte!

Casaram, começando ela desde então a fruir esses deleites com que sonhara no seu aspirar de donzela; vivia extasiada, como se a realidade fosse um belo sonho de que receava despertar: adoração, devotamento, alegrias, carruagens, joias e rendas custosas, tudo isso lhe pertencia e tudo isso ela desfrutava com o mesmo contentamento.

Aquilo é que se chamava existência; para imperar naquele meio é que sempre se julgara fadada!

Ao verificar os primeiros sintomas da maternidade, arrepelou-se toda, amaldiçoou essa doce faculdade, que lhe traria tamanhos tormentos e inquietações, privando-a durante alguns meses de frequentar a sociedade; perderia toda a elegância e talvez até morresse; a essa ideia, percorria-lhe a epiderme um calafrio de horror, constringindo-lhe a garganta e esbugalhando-lhe os olhos.

Morrer tão moça ainda e tão bela! Ver-se para sempre privada de sua rica vida de prazeres e de gozos, por causa de um trambolho que a despedaçaria de dores, antes de a matar! Oh! até odiava o embrião que se desenvolvia em suas entranhas, causando-lhe aborrecimentos, náuseas e sonolências.

Às ocultas, fez milhares de imprudências a ver se se libertava, calando as queixas e mostrando-se paciente junto de Gonçalves, que lhe dispensava maiores solitudes ainda, feliz com a ideia de abraçar o fruto do seu grande afeto: a ela parecia estúpida a antecipada ternura desse pai por uma criança que ainda não nascera e, não

podendo expandir a sua raiva, contentava-se em manifestar insuportável mau humor, sem cansar a paciência do marido.

Apesar de todas as suas loucuras, chegou a gravidez ao seu termo, alucinando-a de desespero as dilacerações do parto, não experimentando nenhuma alegria ao ver o bonito rapaz que lhe apresentaram, envolto em rendas e cheirando à alfazema; não o amamentaria, porque uma senhora opulenta não se dá a semelhante trabalho, deixando esse encargo às que necessitam vender o seu leite, só negando-o aos próprios filhos.

Dois meses depois, ainda mais formosa, voltava aos bailes e aos teatros com um ardor centuplicado pelo medo que tivera de morrer; dançava uma noite inteira sem fadiga, pronta a recomeçar no dia seguinte a mesma agradável recreação, se o marido o consentisse, mas era ele o poder moderador que modificava aquele delírio do prazer.

Como lastimava Gonçalves não ter encontrado na esposa a mulher do lar, a mulher amiga, a mulher conforto, a mãe, em cujo regaço se aninham os filhos! Quanto se julgaria ditoso em divisar no belo semblante de Alice a irradiação sublime da maternidade!

Apesar de reconhecer essa grande jaça em joia tão preciosa, como a amava ainda assim! Como dosava o ardor dos seus transportes e a veemência da sua paixão, com o receio de desrespeitar na esposa a mãe de seus filhos! Como essa esplêndida criatura o alucinava e como se sentia covarde às vezes, ante as suas exigências supérfluas ou pueris!

Mais leviana do que desamorável, habituou-se ao filho e amou-o a seu modo, como se fosse mais um elemento de distração, brincando horas e horas com o pequeno e gostando de vê-lo limpinho e ataviado; mostrava-se por momentos quase tão criança quanto ele, julgando-se uma excelente mãe, só porque lhe satisfazia todos os caprichos, pois, no seu entender, toda a felicidade humana consiste na realização dos nossos desejos.

Dois anos depois deu à luz uma menina, enchendo de alegria o coração de Gonçalves; ele esperava que a prole, ao aumentar, prenderia a mãe ao ninho e a enfastiaria de viver nessa correria a que chamava *divertimento*, e que mais se assemelhava a um trabalho de galé: brilhar, dançar, sorrir sem tréguas a tudo e a todos, até por vezes lhe parecia um mau indício!

.....

Pouco depois do nascimento da filha, levada pela curiosidade de provar do fruto proibido, aceitou ela a corte de um marialva e a entrevista que lhe marcou, indo receosa e com as faces afogueadas ao encontro da desventura; entregou-se, sem amor, sem febre, admirada de achar o adultério tão banal e sensaborão, sem os delirantes anseios descritos nos romances.

Mais emoções sentira ao encontrar-se a sós com o marido na câmara nupcial e mesmo depois, sempre que ele a estreitava nos braços, pálido de volúpia, com os dentes cerrados, em uma contração violenta que o tornava belo; se era só aquilo, não valia a pena afrontar o descrédito nem a cólera de Gonçalves, podendo empregar melhor o tempo perdido junto desse homem, cujos beijos lhe deixavam um ressaibo da pomada do bigode e de *cognac*.

De volta à casa, recebendo na frente um longo ósculo do marido, experimentou um mal-estar muito semelhante ao remorso, e quase não ousou encará-lo, molestando-a o redobro de ternura que ele lhe mostrou nesse dia; a fim de disfarçar o enleio, tomou-se de uma alegria ruidosa, correndo atrás dos filhos, apertando-os nos braços até magoá-los, parecendo-lhe que o contato dos inocentes a purificava.

Ainda voltou mais duas vezes ao encontro do amante, para livrar-se das suas importunações e afinal rompeu; não cairia em outra, visto não lhe causar nenhum alvoroço o pecado e mais valer viver burguesmente honesta, pensou ela, e talvez persistisse nessa ótima disposição, se a fatalidade não determinasse o contrário.

Daí a meses enfeitiçou-se deveras pelo dr. Adolfo de Castro, moço distinto, filho de uma família considerada e possuidor de uns olhos de veludo, muito meigos, e de

uma voz persuasiva e sedutora, quando protestava amores; alucinada, correspondeu Alice ao seu afeto, esquecida de tudo, só vivendo e julgando-se ditosa junto dele, sentindo-lhe o tépido contato.

Pouco depois, era mãe pela terceira vez, sem que então a irritasse a concep o, antes pelo contrário enternecendo-se à ideia de afagar o filho de Adolfo, desse ente amado que tanto a eletrizava; longe dele, escrevia-lhe umas cartas longas, verdadeiros primores epistolares a patentear-lhe a incendiária paixão e que o amante não deixava de ler aos amigos para satisfazer a vaidade.

Estava ela no oitavo mês de gravidez e escrevia-lhe, pungida pela saudade, tendo-o visto ainda na véspera, quando entrou Gonçalves no quarto, sem que ela o esperasse àquela hora; esquecendo-se de uns papéis de que carecia, viera   casa busc -los e não quisera sair de novo sem falar   mulher, surpreendendo-o desagradavelmente o susto que ela manifestara ao vê-lo, escondendo na gaveta a carta que escrevia.

Pálido como ela, estrangulado por súbita desconfiança, com o cérebro a arder, caminhou para a culpada e disse:

– Por que esconde o que escrevia?

– Eu não escondi... foi um movimento irrefletido... assustaste-me... julgava-te longe...

– Bem, em todo o caso, d -me esse papel.

– Não! exclamou desvairada, dando uma volta   chave, toda trêmula, com o semblante demudado.

Nervosamente lhe arrancou Gonçalves a chave, abriu a gaveta e apoderou-se da carta, tornando-se lívido, logo  s primeiras linhas; prosseguia, porém, vendo riscas de fogo cruzarem o papel e sentindo o corao inchar e crescer-lhe no peito, despedaçando-lhe o tórax: tamanha era a acuidade do seu sofrimento moral, que lhe provocava uma dor física muito lancinante, cobrindo-o de frio suor.

– Miserável! rugiu, esmagando-a com um olhar de desprezo e de ódio – E quão desgraçado eu sou! acrescentou, caindo sobre a cadeira, ocultando o rosto nas mãos e desatando em soluços.

– Perdoa-me! suplicou ela, ajoelhando-se ante ele.

– Não me toque, deixe-me chorar a minha desventura! bradou, afastando-se vivamente, com um movimento de repulsão e de horror.

– Ai! gritou Alice, erguendo-se de chofre e levando as mãos ao ventre, trucidada pelas primeiras dores de prematuro parto, provocado pela violência das emoções que a convulsionavam.

Arrastou-se até ao leito acudindo a criada aos seus gemidos e mandando chamar o médico da casa, só despertando Gonçalves do seu acabrunhamento ao ouvir os gritos da mulher; violentou-se, sufocou os pesares, a fim de salvar as aparências, e assistiu ao cruciante martírio de Alice, agradecendo à Providência o levar-lhe essa pobre criança a quem nunca poderia amar, torturado pela dúvida e pelo ressentimento.

A custo salvou-se a parturiente, sobrevivendo-lhe, porém, uma paralisia geral; seguindo as prescrições médicas, levou-a o marido para a Europa, cercando-a de incessantes cuidados, sem nunca aludir à deslealdade com que lhe pagara todo o amor que lhe havia votado, e fingindo não ver o arrependimento nos olhos súplices que o fitavam.

À medida que o seu corpo readquiria a faculdade de mover-se, mais pungia a Alice o remorso de haver atraído a esse homem tão digno de afeto e de respeito, que se vingara da sua vilania, usando de uma indulgência feita de caridade e de dó, encarando-a somente como uma enferma a quem devia amparo e solicitude; quanto daria para apagar com lágrimas de sangue esse triste passado, ainda bem recente, que lhe alienara para sempre o amor de Gonçalves! Merecia acaso todas as amarguras de que fora causa, esse amante que talvez dela nem mais se lembrasse nos braços de uma outra? Decerto que não!

TRISTE REVERSO

Sentia-se regenerada, capaz de todas as abnegações e sacrifícios, para reconquistar o coração do marido e esperava consegui-lo com o tempo, apresentando-se sob uma outra face: seria dali em diante a mulher que Gonçalves sempre ambicionara possuir – a esposa, divinizada pela maternidade.

Talvez algum dia ele perdoasse, pois estavam longe do lugar em que se dera a falta, da vista do odioso rival e em outro meio social. Quem sabe? Muito pode a força do amor.

DÉLIA

Triste Reverso

O Paiz, ano 8, n. 3665, p. 1, sábado, 14/05/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5264

22. FELIZES AMANTES

BONITA, BEM-FEITA E COM ESPÍRITO CULTIVADO, ia Laura a toda parte, sorria, dançava e parecia feliz, mas, às vezes, empenhava-se-lhe o olhar, contraíam-se-lhe os lábios, evocando fundos pesares; era a história de muitas mulheres – esperara a felicidade no casamento com o homem amado e encontrara desilusões, desgostos e grosserias.

Sabia que muitas outras sofriam as mesmas dores, porém, para a sua alma ardente, essa certeza era aumento de mágoa e não consolo.

Oh! como pagava caro um momento de orgulho! Julgara-se superior às outras e via-se sujeita às mesmas amarguras que elas!

Ela compreendia as misérias humanas, lastimava as que se deixavam arrastar e desculpava com a sua palavra maviosa e eloquente as que eram censuradas.

Quando o móvel de uma falta era um sentimento profundo, sincero e irresistível, essa falta se atenuava aos seus olhos de mulher apaixonada e sensível.

É que na mulher a razão, a justiça e o direito estão no coração e é com ele que raciocina, julga e perdoa; todas as outras considerações que alimentam a vaidade, a ambição e os preconceitos são secundárias para ela.

É pelo coração que se salva; é por ele que se perde!

Dentre os adoradores que incensavam a sua beleza, houve um que conseguiu prender-lhe o espírito; não pertencia Eugênio de Mendonça à espécie de Lovelaces de quem se contam mil aventuras, nem desses bonecos amaneirados e ridículos, dos quais ria-se Laura, desprezando-os.

Era um homem distinto, de caráter mui reto, de um cavalheirismo proverbial, e a quem os próprios inimigos rendiam preito; admirou-se ela de vê-lo tão assíduo a seu lado, pois sempre lhe parecia inacessível a fraquezas e absorto por uma paixão exclusiva – a política.

Notando a impressão que causava, receou a moça aventurar o coração e o futuro, ignorando se a afeição desse homem seria apenas um capricho; é certo que, ao vê-la, deixava tudo e procurava pretextos para palestrar com ela, mas também, em outras ocasiões, conservava-se longe, em calorosa discussão.

Ouvia Laura a sua voz na sala próxima e consumia-se de tédio, suportando as blandícias de algum néscio com foros de espirituoso.

Às vezes alguma das visitantes cantava: cessavam os rumores, vinham todos para o salão e Laura via a ternura do olhar de Eugênio, que a contemplava extático.

Então, ao som da música plangente, cismava a moça: via um céu de venturas, sentia o hálito ardente desse homem apaixonado; orgulhava-se o coração, agitava-se o sangue e ela abaixava as pálpebras, a fim de ocultar as irradiações do olhar.

Do seio oprimido saíam-lhe abafados suspiros e a face pálida e serena ocultava a tormenta interior; todos a julgariam atenta à música, mas Eugênio, com a percepção do amor, adivinhou o fogo incubado sob aquela aparência marmórea e ousou dizer-lho, sorrindo ela com o seu sorriso mimoso e faceiro.

Chamado a exercer importante cargo, deixou Eugênio de vê-la tão a miúdo e só o acaso os reunia; notou-lhe Laura a ausência, sorriu melancólica e murmurou:

– Não nasceu para o amor; julga talvez que nisso perderia o tempo. O que seria de mim se o tivesse amado!... Maldita política, como te odeio!...

Todas as vezes, porém, que o encontrava via-lhe sempre a mesma admiração e o mesmo carinho, perdendo-se ela em conjecturas e não sabendo mais a que atribuir a sua reserva; por fim, pensou que ele assim procedia para não despertar os zelos da esposa.

Não encontrara Eugênio na consorte essa assimilação de ideias que de algum modo alivia o peso do matrimônio e atenua os dissabores da vida; fora o seu casamento uma questão de conveniência e, no entanto, apesar de não amar a esposa, guardara-lhe até então a maior fidelidade, conservando-se no rol dos maridos modelos.

Havia três anos que adorava Laura e que a moça, ora duvidava e ora esperava, quando o gênio tutelar dos amantes os reuniu em um baile; trazia ela longo vestido branco, aéreo colo e braços nus, fascinante de graça e formosura.

Dançou com Eugênio a primeira quadrilha; fizeram uma verdadeira escaramuça de espírito e disseram, a gracejar, o que não ousariam dizer em outro tom; a chama que ocultavam no seio explodiu e eles confessaram afinal que se amavam.

Amor maldito, dirão os moralistas; nós, que apenas referimos o fato, diremos que inevitavelmente eles se deviam encontrar pela lei da atração e fazer uma esplêndida fusão de suas almas ardentes, que se procuravam de há muito e que a fatalidade separara.

Com o desespero passado comprara Laura a presente alegria e, por esse homem, seria capaz de nivelar-se às antigas mártires.

Como condenar esse admirável complemento de duas almas, uma dorida, outra grande e generosa, que se bastavam, que tudo esqueciam e que do pórtico da sua ventura até achavam o mundo menos vil e miserável?

Nas primeiras vezes que se viram a sós, nada puderam dizer, porque a emoção os sufocava; com o tempo viu Laura que manancial de ternura guardava na alma esse homem, esse político *enragé*, que tinha arroubos de Romeu, lágrimas de enternecimento, afagos e carinhos incomparáveis.

Contemplando-a, sorria-lhe ele com idolatria, horas e horas, e dizia-lhe:

– Oh! minha Laura! como é bom amar! Quanto te devo por me teres feito vibrar certas cordas da alma!... Ama-me muito e sempre, sim?

Ela o beijava e pousando a fronte em seu ombro, murmurava:

– O teu amor tornou-me boa, livrou-me de um abismo!... Sei quanto me amas; sinto a grandeza do teu afeto. És bom, generoso, leal, e eu tenho orgulho em te querer! Este amor imenso e misterioso enche-me a vida inteira, nada receies! – e a linda criatura fitava o seu olhar voluptuoso, irresistível, no rosto do amante fascinado e feliz.

Laura vivia ditosa, desfrutando a ventura de sentir-se amada, pois nisso consiste toda a glória e toda a felicidade da mulher.

Sorrirão de escárnio os filósofos, mas para nós o amor é tão real como é certa a existência de Deus, esforce-se embora o ateísmo em demonstrar o contrário; há no íntimo da consciência humana uma voz a protestar por tal forma contra aquela negação, que o espírito acaba por afirmar e crer.

O ceticismo tenta duvidar do amor, porém, ou rende-se ao sentir-lhe os espinhos, ou sente-se abalado ao presenciar os destroços de tão poderoso sentimento; ele existe pois: foi e será sempre o motor de todas as coisas no universo.

Segue o seu curso natural, influenciando beneficentemente pela ventura, ou desvia-se e, por caprichosas sinuosidades, faz-se ainda sentir nas vinganças como nos ódios; é o rei do mundo e é flagelo assolador!

Foi Laura uma das eleitas desse temível soberano e só teve alegrias no amor, que a compensou de todos os sofrimentos passados; Eugênio a amava sempre com o mesmo ardor e com a mesma ternura, não se arrependendo ela um só instante de tudo lhe haver sacrificado.

Assim viviam, sem contar os anos, quando, um dia, em uma entrevista, em vão o esperou Laura; angustiada, procurou mil subterfúgios a fim de ter notícias de Eugênio e soube que adoecera há dias.

Pálida, agitada, sem refletir, dirigiu-se à casa dele, e, cansada de bater, entrou, dirigindo-se aos seus aposentos; depois de atravessar salas e quartos desertos, parou à porta da alcova do enfermo e só então compreendeu a insensatez que acabava de praticar.

Se houvesse alguém junto ao amante? Se fosse a própria mulher?

Ora, ela diria que ninguém viera recebê-la e que, à vista da intimidade de suas relações, entrara, a fim de saber de Eugênio.

Trêmula, contendo a respiração, esprou a vista pelo quarto e não viu ninguém junto ao doente; indignada correu ao leito e contemplou avidamente o amante, estremecendo de mágoa, pois estava demudado o seu amado semblante.

Com idolatria, beijou Laura a boca febril do pobre enfermo com a embriaguez de sempre; ao beijá-lo, uma lágrima ardente orvalhou a fronte de Eugênio; resumia essa lágrima a essência da compaixão e do pesar.

Ele entreabriu os olhos e olhou vagamente; viu a pouca distância do seu rosto o adorável semblante da moça e julgou sonhar; ela sorriu, murmurando-lhe o nome.

– Não te aproximes, minha querida; posso contaminar-te: é a bexiga!

– Que importa? disse ela com sincero despreendimento.

Afastou-a Eugênio, a fim de vê-la melhor e seus olhos inundaram-se de lágrimas.

– Sim, ponderou ele, tu me amas e nada te afastará de mim! Como és superior a todas as mulheres!

– Amo-te! tu és a minha vida! Verás quanto pode quem ama! adeus! Até já! e saiu, sem encontrar ninguém.

Nessa ocasião jantava a mulher de Eugênio e esquecer-se de mandar alguém para junto do marido; demais, estava fatigada com os trabalhos de enfermeira e receosa dessa medonha moléstia.

Saiu Laura para espairecer um pouco e dar tempo a Anita de acabar de jantar, voltando uma hora mais tarde e conseguindo falar-lhe; fingiu-se surpresa ao saber da enfermidade de Eugênio e ofereceu-se para auxiliar a amiga.

Soube lisonjeá-la, lastimou-a pelas suas canseiras, fez-lhe mil encômios e sentiu-a a opor-lhe fraca resistência: era Anita egoísta, indolente, por isso experimentou grande alegria em ter uma auxiliar sobre quem recaísse todo o trabalho, mas disfarçou o seu contentamento com fracas recusas.

FELIZES AMANTES

Laura insinuou-se, venceu e instalou-se à cabeceira de Eugênio, que logo sentiu a benéfica influência da sua presença: ela o acariciava, ocultando os seus temores e mostrando-lhe sempre amoroso e alegre semblante.

Sentada ou ajoelhada junto ao leito, pensava-lhe as pústulas do rosto e tudo fazia para que a moléstia não o desfigurasse; só com Eugênio era a amante idólatra, em presença de Anita mostrava-se apenas amiga dedicada e afetuosa.

Sabia eliminar-se de todo o trabalho e reverter o que fazia sobre a esposa descuidada e indiferente, que lhe ficava muito obrigada e lhe pedia que se demorasse mais em sua companhia; fingia Laura ceder às suas instâncias e assim assistiu à convalescença do enfermo.

Quando o viu de todo restabelecido, retirou-se com a alma jubilosa e com as bênçãos de Anita; risonha, satisfeita, rosada, nada sentiu ao contato da terrível enfermidade.

Concentrou todos os seus afetos em Eugênio e teve completa retribuição, envelhecendo a sorrir, sem ter ocasião de lamentar a perda dessa mocidade que se evolara, sem lhe roubar os carinhos do homem a quem tanto amava ainda.

DÉLIA

Felizes amantes

O Paiz, ano 8, n. 3695, p. 2, sábado, 13/06/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5443

23. UMA HISTÉRICA

TENHO TIDO DIAS AGRADABILÍSSIMOS: ACHA-SE em minha casa Lélia, a criatura mais fantástica e caprichosa que hei conhecido.

Nova Sarah Bernhardt, gentil, sonhadora, histérica; capaz de apunhalar, sorrindo, e de chorar ante um quadro grotesco.

Nasceu na Corte, no meio da riqueza e do luxo, espreguiçando o seu corpinho rosado entre rendas e cetins.

Cresceu bela, deixando-se afagar, ouvindo suaves melodias, desfolhando, frenética, as flores que lhe ofertaram e mirando as cintilações das estrelas.

Alma gigantesca, aspirando ao infinito, chama azulada e perfumosa, presa em globo de cristal cambiante!

Aos dezoito anos resolveram casá-la com um primo.

Lélia sentiu desconhecido frêmito, ao ouvir as palavras ardentes e apaixonadas do noivo.

Extasiou-se em contemplar-lhe o semblante juvenil; divertiu-se com os preparativos do casamento, com as felicitações calorosas, com as surpresas da sua *corbeille de mariée*.

Longe do noivo, porém, invadia-lhe a alma um vácuo imenso.

Não era a saudade nem desejo de o ver a seu lado, mas dúvida atroz, horrível receio de prender-se para sempre a esse bonito rapaz, que não lhe enchia o coração, nem lhe povoava os sonhos.

Na antevéspera do casamento, depois de sentir na mimosa mão o carinhoso beijo do futuro marido, retirou-se ao seu aposento.

Em algumas horas devia abandonar o leito virginal, onde afagara deslumbrantes miragens; os divãs baixos, macios; os tapetes azuis com as marcas de seus nervosos pezinhos; as paredes cobertas de ramagens, onde seus olhos febris

tantas vezes se fixaram seguindo luminosa sombra, e o perfume ativo do seu santuário de moça.

Tudo isso seria deixado pelo quê? Sentia, acaso, essa vertigem que arrasta, que nos desprende de todos que amamos, para seguirmos a um só, contentes com o cativo, lastimando a passada liberdade?

Não! nada sentia pelas novidades do matrimônio: o noivo, as falazes vantagens de mulher casada deixavam-na insensível.

Indignava-se com a ideia de ser apresentada na sociedade como propriedade do primo, figurando no primeiro plano das coisas que lhe pertencessem.

Diriam então – a mulher, os carros, os cavalos, as casas de fulano?!

– Nunca! exclamou ela, mirando-se ao espelho, serei *alguém*, porque um homem me deu o seu nome e que nome! o de um tolo endinheirado, que nada fez, que nada é por si mesmo?!... É rico, eu também o sou, e, quando fosse pobre, não me venderia! Pode-se comprar a esperança, a alegria e a glória?!...

Deixando-se cair no divã, murmurou surdamente, cerrando os olhos de esfinge:

– Ah! se eu o amasse! se palpitasse em mim o amor de que falam os poetas que delírios sentiria eu hoje! como as horas me pareceriam longas! Que escândalos faria para pertencer-lhe! Herói, rei, réprobo fugitivo, eu amá-lo-ia com o mesmo ardor, com o mesmo orgulho.

Pálida, convulsa, abriu a janela que deitava para o jardim, dizendo com voz soturna:

– Se um desses inimigos das instituições sociais, belo de audácia e impudência, saltasse por esta janela, pedindo-me proteção; se, forte contra todos, quisesse apenas ganhar tempo no abrigo que eu lhe desse e caísse fascinado aos meus pés, talvez a esse eu amasse; talvez o seguisse, sem saudade dos que deixasse, trocando os meus gozos pelas incertezas de uma vida aventureira!... Mas esta terra miserável não tem assassinos dessa espécie!

E muitas horas esteve ao relento, febril, inquieta, estremecendo ao menor ruído, esperando ver surgir a cabeça altiva aureolada pelo crime do seu imaginário amante.

Quando o dia clareou, fechou a janela, sentou-se à escrivaninha e escreveu sorrindo:

“Caro primo – Ao abandonar o conchego materno, a rolinha indefesa, casta, gemedora, esvoaça no cerrado do bosque, escolhe o esposo amado e a árvore que os deve abrigar. Na amplidão, sobranceira e possante, a águia namora o companheiro e nos elevados píncaros celebra seus amores. Serei menos do que a rola e a águia? Não quero casar com o primo, porque não o amo.

Console-o a ideia de que livrou-se de unir o seu critério à minha insensatez.

O primo é o homem do século e eu uma pobre visionária. Para si as realidades, para mim os sonhos: viva, eu sonharei! Pelo lado moral será vingado; um dia talvez eu pague as torturas que acaso possa infligir-lhe hoje, e então exultará o primo de júbilo: *a vingança é o prazer dos deuses!*

Pode mostrar esta carta às nossas respectivas famílias; acho mesmo conveniente que todos saibam quanto fui louca em não apoiar-me ao braço de tão garboso companheiro.

Se vier logo, não esqueça as minhas violetas. Adeus, creia na estima da – *Lélia*.

P. S. – Se me visse obrigada a viver com o primo, julgo que o odiaria! Adeus, saudades da tia Lulu.”

O primo sentiu despeito e pesar: ela era linda e ele a desejava ardentemente.

Disse horrores sobre a ex-noiva, mas não a pôde esquecer e levou-lhe as violetas.

Os pais de *Lélia* zangaram-se, ela zombou de seus amuos, os fez sorrir e nem mais se lembrou de que estivera prestes a embrenhar-se nas agruras do himeneu: os pesadelos dissipam-se com o despertar.

Foi à Europa, viajou, comparou, admirou e uma infrene vocação pelo teatro apoderou-se do seu ser.

Os pais encolerizaram-se, ameaçaram-na com maldições se pisasse o palco; ela refreou o entusiasmo e rejeitou casamentos.

Aos vinte e oito anos viu-se órfã, mas achou tarde para estrear.

Visitou diversos países, tem vivido no meio de sensações terríveis, que destruiriam qualquer outro organismo.

Na tempestade, na agitação reina e passa gentil como o cisne nos lagos.

Apareceu-me há dias, dando-me alegria.

Completo trinta e três anos: o esbelto corpo tem ondulações felinas, os olhos esgazeados prendem misteriosamente, a voz grave tem imensa melodia: é a elegância em pessoa.

Anteontem à noite estávamos reunidas na sala e mais uma outra amiga, a Laurita; conversávamos e eu induzia Lélia a seguir sua vocação artística. Ela me ouvia em silêncio, seguindo uma ideia; de repente, erguendo-se, seu olhar cintilava e disse:

– Vou representar para distraí-las, esperem! e saiu.

Voltou metamorfoseada; declamou, improvisando, uma cena da Medeia e passou ao drama, arrebatando-nos, conservando-nos palpitantes à sua voz e gesto.

De Melpômene hirsuta e ferina transformou-se em heroína de um drama; com soluços na voz e surpreendente naturalidade, deu-nos uma dessas delicadas criações à Feuillet ou à Sandeau.

Tenho visto atrizes inteligentes, talentosas, mas em nenhuma notei o timbre da paixão e a mobilidade da fisionomia de Lélia.

Pouco depois, surgiu vestida de homem: parecia um rapaz de dezesseis anos.

Sentou-se a cavaleiro sobre uma cadeira, com o olhar brejeiro, analisando a sociedade de modo cáustico e gracioso.

A palavra saía-lhe fluente e sarcástica da mimosa boquinha.

Conservando os trajes masculinos, contou-nos as suas últimas aventuras.

Estivera na Rússia, onde recebeu a corte do príncipe Artoff, misto de *gentleman* e de cossaco, de delicadezas e de favores.

Rodeou-a ele de atenções, hospedou-a em seu palácio, adivinhando-lhe os desejos.

Organizava espetáculos, onde Lélia representava, coadjuvada pela nobreza entusiasmada e fascinada pela gentil filha dos trópicos.

E ela interpretou magistralmente as melhores tragédias, dramas e comédias, desde o clássico até ao realismo.

Fez chorar o seu auditório, extasiou aquela fidalguia opulenta, que é apenas uma multidão de escravos assalariados por um só senhor.

Satisfez todos os caprichos de deusa enfastiada.

Com o príncipe ao lado, corria pelas brancas *steppes*, governando a veloz telega, envolta em custosas peles, sentindo o frio intenso dessa inóspita região.

A imaginação tinha, então, a *vertigem das névoas*; desejava ver-se assaltada pelos lobos e contemplar-lhes a embriaguez, triturando as carnes fidalgas do príncipe Artoff.

Esse sangrento espetáculo seria uma diversão naquela imensidade de gelo, naquele infinito de alvura!

Bem depressa, porém, aborreceu-se dessa idolatria em que transparecia sempre a tirania.

Fugiu, com risco de vida, pois o príncipe queria prendê-la junto a si, pela força, já que a ela votara o coração.

Em França, foi amada por um descendente de reis; Lélia divertia-se, ria dos seus ciúmes e um dia, querendo romper, armou-se de um revólver e foi ao seu palacete, simulando zelos que não sentia.

O duque tentou acalmá-la, deu-lhe as maiores provas de sua fidelidade, mas a caprichosa chegou-lhe a arma ao rosto e disse-lhe:

– Pérfido! vais morrer!

O moço empalideceu, recuando vivamente.

Ela soltou mofadora gargalhada, exclamando:

– O sangue de suas veias degenerou; não tem o valor de um príncipe, adeus, não amo a homens de sua espécie!

O duque ofendeu-se e sofreu.

Procurou um pretexto qualquer com o primeiro que encontrou, procurou-o e marcaram o lugar do encontro.

Lélia recebeu um bilhete anônimo, onde se lhe pedia que assistisse ao duelo.

Aventureira e curiosa, foi e viu o moço bater-se denodadamente caindo ferido.

Correu para ele, que ao avistá-la murmurou:

– Não sou covarde, mas custar-me-ia muito receber a morte de quem só deve fazer viver; por isso recuei ante a sua arma! e, cerrando as pálpebras, perdeu os sentidos.

Lélia beijou-o loucamente, postou-se à sua cabeceira, desvelou-se em tratá-lo e amou-o talvez, durante dois anos.

Falava a gentil sereia em tudo isso, calma, risonha, pronunciando esses nomes como quem junta as pérolas dispersas de um colar.

De repente ergueu-se, lançou fora o charuto, pediu a Laurita que tocasse alguma coisa e, enlaçando-me pela cintura, levou-me ao terraço.

A noite estava clara, tépida e os sons do piano chegavam a nossos ouvidos, plangentes, carinhosos.

Lélia, debruçada no parapeito, sentindo a frescura do lago, disse com voz abemolada:

– Vês? Era uma noite poética como esta. A nossa gôndola resvalava mansamente pelos canais, cortando a sombra dos palácios refletidos na água. Leo, fidalgo veneziano, apertava minha mão entre as suas e meu espírito voava pelos mundos luminosos. Despeitado, ciumento, segurou-me com violência pelos ombros, dizendo que eu não o amava, que pensava em outro. Calei-me: sentia imensa volúpia naquela violência, na crispação de sua pálida face. Tomando meu silêncio por

UMA HISTÉRICA

afirmativa, apertou-me o pescoço: como era belo, que sinistra beleza a sua! Juntei as mãos, olhei-o como nunca o havia contemplado e disse:

– Amo-te! Amo-te agora! Seus dedos se afrouxaram, caiu a meus pés; afaguei-o com meus transportes leoninos e delíciei-me em gozo olímpico. A gôndola seguia sempre e o dia nos surpreendeu em doce enlevo.

Nesse momento o piano gemia em uma barcarola napolitana e alguns passarinhos retardados entravam piando na coma das árvores.

Lélia estreitou-me febrilmente nos braços; seus olhos cintilaram e, sufocando-me com férvidos beijos, murmurou:

– O amor é a vida! é o segredo do infinito! é a origem do belo!

DÉLIA

Uma histórica

O Paiz, ano 8, n. 3714, p. 2, sábado, 02/07/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5557

24. OS LÁBIOS MENTEM, OS OLHOS NÃO

COM UM SORRISO BEATÍFICO A SOABRIR-LHE OS LÁBIOS, o olhar vago, perdido em íntima contemplação, caminhando como sonâmbula, lá ia Cleonice, sob forte aguaceiro, insensível à chuva que lhe colava as roupas ao corpo, sentindo mesmo uma certa volúpia nesse frio, frio que a enregelava; por fim, cansada de arrastar as roupas encharcadas, abrigou-se à porta de um corredor e aí ficou-se à espera que cessasse aquele dilúvio.

– Eu o amo! eu o amo! dizia-lhe baixinho o coração, intumescido de gozo, a encher-lhe o peito – Eu o amo! eu o amo! pensava ela, com o cérebro em galas, cheio de ilusões e de esperanças – Eu o amo! eu o amo! murmuravam os seus lábios trêmulos, como se retribuíssem beijos.

Amar! ah! como ela adorava as divinas emoções de um nascente amor! quanto agradecia ao Altíssimo o dom dessa doce faculdade que tanto a eletrizava, sem nunca a enfastiar, nem fatigar! Amar! como era bom amar, com todas as suas fibras delicadas, com todas as agitações dos seus nervos doentios! Amar! e, no entanto, quantas vezes já amara. Santo Deus!... Nem ela o poderia dizer!

É que os seus amores só duravam um dia, como essas flores mimosas, mas sem perfume, que desabrocham com a aurora e se fanam ao entardecer. Tinham uma curta duração, é certo, se bem que possuísem toda a intensidade desses grandes afetos que levam ao heroísmo e à abjeção; enquanto amava, sofria duramente ou gozava em extremo, como se o amor se quisesse vingar ou compensá-la da pouca permanência que teria naquele seio de mulher.

Às vezes ela sorria com seu sibilino sorriso, vendo perpassar nas salas esses homens a quem amara durante vinte e quatro horas com o maior ardor, e que ignorariam sempre tamanha dita; sorria, mas, aos poucos, o seu sorriso se apagava, deixando-lhe uma sensação de pena e de revolta: lastimava não ser como as outras,

não poder amar pelo menos alguns meses a um só homem, prolongando assim o inefável êxtase de amar com veras!

Ocultava, porém, como um aleijão essa deficiência do seu organismo e vivia e até fingia amar como as demais criaturas, tornando-se pertinaz como um sedutor, quando o seu capricho distinguia algum infeliz mortal.

Às vezes, sem vislumbre de um desejo, só por amor-próprio, ela lutava dia a dia com a febre do triunfo, empenhando todo o seu espírito, toda a sua perícia de mulher em seduzir com os seus olhares, com os seus sorrisos e até com as suas excentricidades, algum adorador rebelde ao jugo; quando o via exausto de forças, fascinado, pronto para todos os aviltamentos, tinha então irradiações de uma alegria olímpica.

Era até cruel na sua faina de dominar e de dobrar a seu talante os caracteres os mais enérgicos, deleitando-a a submissão dos fortes, porque essa fraqueza importava em uma quebra do estulto orgulho masculino.

Então, erguia a fronte, com as faces ruborizadas, os olhos cintilantes, as narinas trêmulas, e aspirava a largos haustos aquele contentamento que a inebriava como uma vitória; aos poucos, porém, fundia-se o seu sorriso de triunfo em um ricto sarcástico com que humilhava o vencido, vingando-se ao mesmo tempo dos esforços empregados para dominá-lo.

De há muito vira a moça a impressão que causava a Orlando, embora ele afetasse para com ela uma rudeza que não se adequava nem à sua educação, nem à sua índole; pueril estratégia, com que tentava ocultar a viva simpatia que o impelia para essa mulher, atraente enigma que desejava decifrar, embora à custa de muitos tormentos e dissabores, pois pressentia que o amor dessa criatura caprichosa e vária seria mordente e devastador.

Que lhe importava o sofrimento, desde que conseguisse ler na alma misteriosa e fatal, à medida que se apossasse daquele corpo gentil e ondulante, de linhas suavíssimas!

Mas consegui-lo-ia?

Com o seu instinto de mulher, tudo isso adivinhou Cleonice e começou a estudá-lo, interessando-a e distraíndo-a os esforços por ele empregados a fim de encobrir o que experimentava, procurando sempre contrariá-la e fazendo-lhe tácitas declarações de amor, quando julgava chocá-la.

Já era um vencido que, ao menor aceno, cair-lhe-ia aos pés, e, por isso mesmo, ela não se apressava e deixava-o consumir-se de amor; para felicitá-lo, bastava-lhe conceder-lhe um dos seus sorrisos carinhosos que lhe daria a ilusão de ser amado, mas aprazia-lhe continuar ainda algum tempo naquela luta, em que a cada passo se traía o pobre enamorado.

Nesse dia chuvoso, Cleonice o encontrara em uma confeitaria e Orlando pedira licença para sentar-se à mesma mesa que ela, fazendo-a servir, todo solícito; esquecia-se de dizer-lhe coisas desagradáveis, contemplando-a embevecido, vendo-a comer, mostrando os dentes alvos e a língua cor de rosa.

Por efeito da umidade atmosférica ou de alguma insônia, estava ele mais pálido que de ordinário, sobressaindo ainda mais em meio daquela palidez o negror do bigode e dos olhos penetrantes, que nadavam em um fluido; a fronte pendia-lhe fatigada e no seu sorriso havia uma suave melancolia, como que um mudo lamento.

Fitando-o, atentava Cleonice nesses encantos que o tornavam poético e dos quais até então não se apercebera, sentindo o súbito violento frêmito agitá-la toda.

Sorriu, ao reconhecer aquela divina emoção que a eletrizava sempre – era o influxo desse amor que ela quisera conservar eternamente na alma e que sempre lhe fugia depois de um prazo fatal; ergueu-se trêmula e, ao despedir-se de Orlando, cravou-lhe o olhar ardente e magnético, sentindo-se iluminada pelo clarão que se despreendeu dos olhos surpresos, felizes e deslumbrados do moço.

Querendo retê-la, disse ele, a mirar as violetas que ela trazia no peito:

– Gosta dessas flores? pois amanhã levar-lhe-ei ou mandar-lhe-ei um grande ramo lá da chácara.

– Pois sim! é o melhor presente que me pode dar! Adeus.

E saiu, indiferente ao aguaceiro, sem querer que ele a acompanhasse, contente consigo mesma, com a existência, julgando-se no melhor dos mundos e grata a esse bom Deus que lhe enviava de novo o amor nos olhos negros de um homem.

Olhavam-na os transeuntes, admirando-lhe a beleza e a estranha expressão do seu rosto, que lhe dava a aparência de uma extática, embevecida na contemplação de edênicas delícias; permanecia sempre imóvel, encostada ao umbral da porta, enquanto incessante caía a chuva, tornando as ruas intransitáveis e o conchego do lar mais aprazível.

Ah! como ela desejava estar no seu toucador perfumado, sentindo o tépido contato das mãos de Orlando, e o hálito ardente de seus lábios murmurar-lhe palavras carinhosas que a embalassem docemente até adormecer, em meio daquele êxtase, que a entorpecia de gozo! Ah! como já ansiava pelo dia seguinte e pelo momento de vê-lo!

Enervada pelo ruído da chuva que continuava, afrontou de novo aquele dilúvio e, sempre com a mesma deliciosa obsessão, chegou à casa; vestiu roupas enxutas e quentes e sentou-se à mesa, sem fome, apenas para fazer ato de presença; só conciliou o sono pela madrugada, empregando a insônia em arquitetar quimeras.

Acordou cedo, almoçou mal e fez uma *toilette* muito *chic*, à espera de Orlando e das flores; desde as onze horas da manhã andou de um lado para outro, nervosa, sem que nada a distraísse; antes de jantar fez nova *toilette*, passou a tarde à janela, achando que as horas se arrastavam.

Com que ânsia e com que desespero contava ela esses minutos que perfaziam horas, e essas horas que eram a existência inteira do amor exaltado que a mortificava com as suas dúvidas, com os seus receios, com os seus anelos e com as suas esperanças!

Quanta ideia insensata lhe atravessou o espírito conturbado durante aquela interminável expectativa! Quanta dor, quanto ódio e quanto despeito lhe infundia aquele louco que não sabia o que perdia para nunca mais reaver!

OS LÁBIOS MENTEM, OS OLHOS NÃO

À meia-noite, pálida e fremente, desatou em soluços, angustiada e furiosa ao mesmo tempo, lastimando não poder trucidar o homem que tanto a fazia padecer.

– Imbecil! bradou indignada, não só porque ele não adivinhara o que nela se passava desde a véspera, como também por julgar que zombava, fazendo-a contar com as flores prometidas.

– O que me vinga é que nunca saberás que eu tive a tolice de te amar! acrescentou, ainda a chorar.

Dias depois encontrou-se com Orlando, que tentou desculpar-se de não ter podido cumprir o que prometera.

– Mas a que promessa se refere? inquiriu a moça com a maior naturalidade.

– Pois não se lembra que lhe prometi enviar umas violetas?

– Ah! tinha-me de todo olvidado! disse a rir.

– Mas eu não me esqueci e hoje mesmo terá essas malfadadas flores! redarguiu ele um tanto despeitado.

– Ora! não se incomode! disse ela, deixando-o.

Mortificado, sem saber de quê, doía ao moço o desprendimento com que lhe falara Cleonice e a indiferença dos seus belos olhos; dias antes, julgara ver tantos carinhos e tantas promessas misteriosas no fulgor magnético com que o fitava, causando-lhe uma sensação violentíssima.

– O que terá ela? em que lhe desagradaria eu? inquiria aflito.

E essa interrogação permaneceria sempre em seu espírito, porque Cleonice nunca lhe confessaria a grande paixão que ele lhe inspirara durante vinte e quatro horas.

DÉLIA

Os lábios mentem, os olhos não

O Paiz, ano 8, n. 3721, p. 3, sábado, 09/07/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=5610

25. ROSA E BRANCA

CONHECERAM-SE NO COLÉGIO E LIGARAM-SE DESDE tenra idade pela dissemelhança de seus caracteres e pela saudade que ambas sentiam do conchego do lar e dos mimos maternos.

Contava Rosa mais uma primavera do que Branca, e era de um moreno claro, uns olhos negros e brilhantes, boca zombeteira, nariz petulante, cabeça voluntária; dominadora e resoluta, sentiu-se atraída pela timidez da companheira, tornando-se sua protetora.

Branca, mimosa e flexível, possuía uma brancura de neve, uns olhos azuis muito doces, quase sempre velados pelos longos cílios castanhos, nariz de forma peregrina, uma miniatura de boca, longos cabelos de um louro pálido, mãos e pés pequeníssimos; não andava, deslizava apenas, em uma ondulação suave.

Estavam tristes porque nesse dia deviam deixar o colégio, ficando Rosa na Capital Federal e retirando-se Branca para São Paulo.

De mãos dadas passeavam pelas alamedas da chácara, a idealizar ainda uma vez esses belos sonhos da juventude que se apagam pouco a pouco ao atrito do mundo; sorrindo, disse Rosa:

– Eu quero ser amada até à loucura, até ao crime! Quero ser amada por um homem belo, valoroso, capaz de todos os heroísmos e que me ame com um desses amores cavalheirescos da Idade Média! Um homem que a nenhuma ainda tenha amado e que só a mim queira, durante toda a vida! Meu! só meu, em toda a pureza de sua alma e em toda a exuberância do seu sentir! Meu no passado, no presente e no futuro!

– E se não realizares essa aspiração? inquiriu Branca, a quem amedrontava aquela veemência.

– Oh! se eu não realizar este meu sonho, vingar-me-ei em muitos da falta de um só. Ah! desgraçados! como eu os espezinharei! bradou com as narinas trêmulas e as faces ruborizadas.

– Santo Deus! como tu padecerás se tal suceder! exclamou Branca.

– Não! talvez não sofra muito, quem sabe! acrescentou Rosa com um sorriso sarcástico. E tu, como queres ser amada? inquiriu solícita.

– Ah! eu não tenho o direito de exigir tanto como tu, que és tão bela; contentar-me-ei em amar com toda a minha alma o homem que fizer pulsar o meu coração, mas amá-lo-ei até ao sacrifício, até a tortura! Serei uma escrava, um objeto que lhe pertença e que poderá despedaçar ou conservar a seu talante! – disse a mocinha com as feições suavizadas por uma indizível ternura.

– Mas isso importa em uma humilhação! Pois tu, que és a mulher, a criatura por excelência, queres te submeter ao homem, ao teu adorador, àquele que te deve falar de joelhos? Isso é insensato!

– Serei ditosa em obedecer, em adivinhar os pensamentos do ente amado. Eu creio que deve ser tão bom, tão consolativo ver a alegria que a nossa presença ou nosso desvelo causa a alguém! E, quando esse *alguém* for o homem amado! ah! só a essa ideia eu sinto o meu coração estremecer de júbilo!

– Pobre Branca! e se encontrares algum desalmado que não compreenda quanto vales? ponderou Rosa penalizada, abraçando a amiga.

– Então... morrerei! disse Branca com o olhar anuviado e a voz sumida.

– Não, minha querida! debes viver e trucidá-lo em todas as fibras e a todas as horas!

– Nunca! eu nunca poderei molestar o homem a quem tiver amado! replicou Branca com brandura.

– Mas tu és um anjo de mansidão e eu tremo por ti! disse Rosa, apertando-a nos braços.

– Olha, façamos um trato: se o homem a quem amares não te adorar e te fizer sofrer, previne-me, porque eu te vingarei, queres?

– Não! não! ele te amaria e viria a padecer! disse Branca.

– Louquinha! pois assim ficarias vingada!

– Eu nunca me vingarei; morro, já te disse!

– Bem, não falemos em coisas tristes; basta o pesar da nossa separação!

Horas depois abraçaram-se chorosas, jurando que sempre se quereriam e jamais olvidariam aquele belo tempo do colégio, em que os seus corações se haviam tão estreitamente unido; escreveriam amiudadas vezes, relatariam as mútuas impressões, continuando assim com as antigas confidências.

Meses depois, em meio de assídua correspondência, escrevia Rosa à amiga:

“Meu bom anjo – Creio que afinal, aos dezessete anos, consegui a realização do meu sonho divino que tu julgavas irrealizável *in totum*; desculpa o latinório, mas ainda não perdi aquele pedantismo que me valeu o cognome de *doutora*. É que eu gosto tanto de macaquear os homens, de imitar-lhes os ridículos, a fim de vingar-me de ser mulher! E tu bem sabes como eles estropiam essa pobre língua que, apesar de morta, não consegue descansar! Que desgraça! por que não nasci homem?! por que hei de sentir tolhidas por estas malditas saias a minha energia, a minha audácia, as minhas tendências despóticas e toda essa dose de revolta que leva ao patíbulo ou ao Panthéon?!... Se eu fosse homem! ah! se fosse homem, de que não seria eu capaz?! De tudo quanto esses néscios são incapazes!... E confessar que nós, as mulheres, não podemos dispensar a homenagem desses seres inferiores! Que humilhação! São banais desde a sua origem, desde essa origem também banal inventada por eles, nessa criação do Pai Adão a vegetar em meio da bicharia, que lhe era superior pelo menos no instinto, com a nudez do corpo e a nudez do espírito vazio, sem memória e até sem intuição! Que desequilíbrio físico e moral deveria sentir esse desgraçado recém-criado que vinha à luz já homem! Como se a sabedoria da criação pudesse mentir ou manifestar-se tão grosseiramente na melhor das suas obras – na criatura! É irrisório

até! E depois, achando que a existência, mesmo para esse bruto, seria horrível sem a mulher, inventaram a predestinada Eva, bela como a aurora, flexível como a palmeira, mimosa como a bonina! Muito bem! mas descobriram que esse novo casal de animais não se divertia bastante e recorreram à serpente como intermediária e à mulher como instigadora da malícia (que parece ser o sal da vida); hipócritas, mil vezes hipócritas, por não quererem confessar que o homem foi e sempre será a origem dos maus desejos e das pérfidas insinuações!

Que sensaboria! Dá até vontade de inventar um *Gênesis* fim de século, com animais artistas como os dos circos e um casal de bípedes pertencentes à *la haute gomme*! Isso sim, seria mais conforme à nossa compreensão e às nossas exigências de desequilibrados. Hein? sempre a *doutora*, mas Deus me livre que a mamãe pilhasse esta carta; pregava-me um sermão de légua e meia e eu teria de recorrer às lágrimas, o que molestaria os meus pobres olhos. Nada! eu quero fazer chorar, isso sim! E afinal, ainda não te disse como consegui realizar o meu sonho! sou muito estouvada!

Encontrei o homem que me adora em um baile; confessou-me o seu amor ardente, contou-me tudo quanto tem padecido há dois anos, desde que me viu nas corridas. Tem o tipo de que eu gosto, lembra-te? e olha-me com uns olhos imperiosos que eu obrigarei a tornarem-se humildes, doces e tristes. Para dominar basto eu!

Adeus, aos poucos te contarei o que se passar. Mil beijos da tua – *Rosa*.”

Dois meses depois escrevia Branca:

“Minha querida – Sabes como eu desejava amar e quanto temia ao mesmo tempo o influxo desse amor pelo qual ansiava. Deus enviou-me ao fim esse raio de sol que me ilumina toda, que me faz amar a todos e a tudo com mais ardor e melhor compreensão. Como sou feliz! até te quero com maior ternura. Minha bela Rosa, Rosa; duas vezes como eu te dizia! Foi em uma noite enluarada, em uma dessas noites de amor e poesia; eu me sentia melancólica, saudosa de ti e de tudo quanto hei amado desde que nasci, saudosa também desse indizível impulso da alma que ainda não me eletrizara.

Vesti-me para ir a uma *soirée* e logo ao entrar na sala senti-me atraída por uns olhos negros, perscrutadores, que me atravessavam o seio e pareciam devassar o que me ia na alma. Oh! que delícia! que emoção! Eu já não era *eu*, mas a escrava desse homem! O que disse, o que fiz, o que se passou em torno de mim, não sei; só me lembro do momento em que *ele* me pediu uma valsa. Ergui-me e valsei, porém não valsei com o meu corpo, nem como as demais criaturas, eu unicamente sentia a minha alma, que *ele* prendia nos braços e levava talvez para o céu! Não se morre de ebriedade, porque eu ainda estou viva!... Segredou-me palavras de amor, disse-me umas coisas muito mimosas, muito suaves, que eu nunca ouvi e que me paralisavam o cérebro e o coração! Oh! meu Deus! meu Deus! Sê abençoado, tu que nos concedes a faculdade de sentir dentro do nosso peito tão frágil a grandeza do infinito! Tornei-me ainda mais crente e rezo com maior fervor, Rosa, desde que me alenta a divina centelha do amor! Como é bom amar!

Até chego a duvidar que esse sentimento tão doce seja o causador dessas dores cruciantes que têm martirizado os amantes de todas as épocas! Quanto a mim considero-me ditosa, como nunca pensei que o pudesse ser. Dizes-me na tua última carta que o teu apaixonado Otávio se ausentara, pois em breve eu passarei pelo mesmo dissabor: Raul, ele chama-se Raul, deve partir daqui a uma semana, mas promete voltar e pedir-me em casamento. Para me consolar da sua ausência irei passar algum tempo contigo, e verás então o seu retrato. Muitos carinhos da tua saudosa – *Branca*."

Efetivamente, no prazo determinado chegou Branca à casa da amiga; beijaram-se repetidas vezes, radiantes pela alegria de se verem de novo, admiradas de se acharem tão crescidas e embelezadas.

– Como estás bonita! exclamou Rosa.

– E tu cada vez mais linda! redarguiu Branca com o seu meigo sorriso.

Assim que conseguiu achar um pretexto, levou Rosa a sua amiga aos seus aposentos e começou a relatar a história do seu amor, com a sofreguidão da juventude; contou tudo e reservou para depois a exibição do retrato de Otávio.

Logo que ela terminou o panegírico do amado, tomou Branca a palavra e pintou com eloquência os encantos de Raul, a sua ternura, os seus zelos que se arreceavam até da brisa que a afagava e das músicas que a encantavam; um amor grande, sublime, de que ela não se julgava merecedora.

– Vou mostrar-te o retrato de Otávio, disse Rosa, abrindo um cofre de veludo azul, onde repousava a imagem de seu apaixonado.

– Oh! meu Deus! meu Deus! bradou Branca ao fitar o retrato.

– O que tens? estás pálida e trêmula! inquiriu Rosa, com solicitude.

Sem poder falar, desabotoou Branca o corpete do vestido, tirou a fotografia de Raul e apresentou-a a Rosa.

– Como! mas então Otávio e Raul... não passam do mesmo homem!... Miserável! acentuou a moça lançando o cartão ao chão e pisando-o com furor.

Toda trêmula, voltou-se para a amiga e viu-a debruçada sobre o leito a soluçar convulsa, com os louros cabelos desatados; correu para ela, tomou-a nos braços, beijou-a, animou-a e disse:

– Não chores, meu anjo, não desperdices as tuas doces lágrimas em proveito desse pulha! Não chores, peço-te e até ordeno-te em nome da nossa dignidade mulheril!

– Mas eu o amava tanto e ainda o amo! gemeu Branca.

– Então procura prendê-lo, casa-te com ele, se ainda podes crer que esse miserável cumpra essa promessa, feita a nós ambas no espaço de três meses! Casa-te, sem confiança em teu marido e sem estima pelo seu caráter. Casa-te, porém nunca mais me verás, porque não conservarei relação alguma com a mulher do homem que zombou de mim!

ROSA E BRANCA

– Oh! Rosa! cala-te! cala-te!

– Não me calarei; devo falar-te como te falo, pois também fui vítima desse aventureiro: feriu o meu orgulho! disse a moça com raiva.

– A ti o orgulho, a mim o coração! este coração que o adorava! soluçou Branca.

– Que esta indignidade nos sirva de lição! Quando amares a um outro, ama-o somente e não o adores, para não pareceres como agora. Adorar! se tens necessidade de adorar a alguém, adora a ti mesma, que bem o mereces! disse Rosa, beijando-a e arranjando-lhe os cabelos.

– Sofrerei hoje e sempre, porque não poderei mudar o meu organismo, mas ninguém me verá chorar, nem tu mesma, Rosa, disse Branca enxugando o pranto.

– O tempo dissipará a mágoa! agora lava esses belos olhos e prepara-te para o jantar. Não caias na tolice de comer pouco; olha, deu-me apetite esta primeira decepção! Chamam-nos; à mesa pois! acrescentou Rosa, conduzindo a amiga à sala de jantar.

DÉLIA

Rosa e Branca

O Paiz, ano 8, n. 3743, p. 3, domingo, 31/07/1892

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&PagFis=5756

GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES ESTRANGEIRAS

Conto 1

bleu devils: Combinação do francês “bleu” e do inglês “devils” para formar a expressão correspondente a “diabos azuis”. O termo correto em francês é “les diables bleus” e pode ter sido extraído de Alfred Vigny, de uma obra datada de 1832, intitulada *Les consultations du Docteur Noir: Stello ou les diables bleus*.

champagne: do francês; tipo de vinho branco espumante. Existem as formas aportuguesadas “champanha” e “champanhe”.

demi-monde: do francês; o substantivo masculino se popularizou no século XIX, sobretudo, por meio de uma peça de Alexandre Dumas filho, intitulada *Le demi-monde*. Popularmente, a expressão era usada para caracterizar mulheres que entravam no mundo da prostituição.

habitués: do francês; forma plural do substantivo “habitué”, que se refere a uma pessoa que frequenta regularmente um lugar. Uma tradução da forma plural seria “convidados regulares”.

Memento... quia pulvis est, et in pulverem reverteris!: Versículo bíblico segundo a versão conhecida como Vulgata latina: “Lembra-te, homem, que és pó e em pó te tornarás” (Gênesis 3:19).

noblesse oblige: Do francês; literalmente, “nobreza exige”. Em outras palavras, a posição social privilegiada de nobre exigiria responsabilidades sociais.

spleen: Vocábulo disseminado pela obra de Charles Baudelaire, no século XIX. Remete a estados de desilusão e melancolia do eu-lírico na modernidade.

spleenética: A redação correta em francês é *spleenétique*, e significa, segundo o Petit Robert On-line, “Quem sente, que exprime o *spleen*”.

toilette: O substantivo feminino tem vários significados. No dicionário Petit Robert On-line temos pelo menos cinco entradas para o francês: 1. “Utensílios e produtos utilizados para adorno”; 2. “Ato de se preparar para aparecer em público, especialmente, vestir-se”; 3. “Maneira como uma mulher se veste ou se prepara”; 4. “Cuidado com a limpeza do corpo”; 5. “Termo para banheiro”.

Conto 2

college: Em francês, o substantivo masculino escreve-se com acento grave no primeiro “è” (*collège*) e se refere no Brasil ao ensino médio. Já em inglês *college* significa faculdade.

spleenético: Ver definição no conto 1.

Conto 4

in pace: Em latim, a expressão costuma vir acompanhada do verbo “*requiescat*” (repousar, descansar), que constitui a locução “*requiescat in pace*”, “descanse em paz”. Emprestada ao francês, “*in pace*” significa, segundo o Petit Robert on-line, um lugar secreto onde alguém foi trancado para toda a vida.

motu proprio: Trata-se de uma locução adverbial do latim que em francês expressa “espontaneidade”. Mas originalmente *motu proprio* indica as normativas expedidas pelo próprio Papa.

Conto 6

pendant: Em francês, é empregado como uma preposição e significa “durante”. Mas também pode ser usado como adjetivo (“pendente”) ou substantivo (“pendurado”).

soirées: do francês; na duração do dia, uma *soirée* vai de quando termina a luz do dia até a hora de dormir. Mas a palavra pode ser usada para definir uma reunião ou um espetáculo noturno.

Conto 7

crochet: Substantivo masculino que em francês significa “gancho”. É um tipo de trabalho de costura artesanal com uma agulha que tem um gancho na ponta. Posteriormente, surgiu a forma aportuguesada “crochê”.

in petto: Do latim; locução adverbial que pode significar tanto “por dentro” quanto “secretamente”.

quidam: Do latim; substantivo masculino para definir um homem insignificante. Em português, a expressão pejorativa “zé ninguém” seria uma tradução adequada.

souffre-douleurs: Do francês; substantivo que em sua forma direta significa “sofredor” ou até “doente”. Mas, segundo o Petit Robert on-line, pode significar alguém que está sujeito a maus-tratos.

Conto 8

pendant: Ver definição no conto 6.

Conto 11

soirée: Ver definição no conto 6.

Conto 12

bouquet: Do francês; substantivo masculino para um conjunto de flores agrupadas. *Bouquet* também é sinônimo de fragrância. Posteriormente, consagrou-se a forma aportuguesada “buquê”.

champanhe: ver definição no conto 1.

le pour et le contre: em francês, expressão equivalente a “os prós e os contras”.

Conto 13

bonne-chère: Expressão em francês que significa “boa comida”, sinônimo de “banquete”.

mignon: Em francês é usado ora como adjetivo ora como substantivo. Como adjetivo pode significar “fofo”. Se for substantivo pode significar “jovem”. Também é usado para caracterizar uma peça de carne bovina bastante nobre e cara.

Conto 15

champagne: ver definição no conto 1.

pince-nez: do francês; óculos sem haste e preso no nariz por uma mola.

Conto 16

coupé: do francês; é uma carruagem fechada com assento para duas pessoas. Contemporaneamente é um carro esportivo de duas portas.

Conto 17

delirium tremens: Do latim; trata-se do delírio causado pelos estados de abstinência de algumas substâncias, como o álcool.

Conto 18

mauvais sujets: Do francês; a forma singular “*mauvais sujet*”, ao pé da letra, é “*mau sujeito*”, sinônimo de bandido, canalha, mau-caráter, sem-vergonha etc.

viveur: do francês; pessoa animada, divertida, que gosta de festa.

Conto 19

dandy: do inglês; a definição mais comum é de um homem refinado, elegante, um tipo moral do século XIX. Na literatura francesa, é bastante célebre a construção do *dandy* por Charles Baudelaire, como um tipo social próprio da época moderna.

in petto: Ver definição no conto 7.

pic-nic: Palavra inglesa para *pique-nique* (francês) ou piquenique (português), que se refere a uma refeição ao ar livre.

soirée: Ver definição no conto 6.

toilettes: Ver definição no conto 1.

Conto 21

champagne: ver definição no conto 1.

chic: Em francês, como substantivo masculino temos o significado de “elegância”. Enquanto adjetivo, temos “elegante”. É também usado como interjeição: “Chic, alors!” (Chique, então!) (Petit Robert on-line)

cognac: do francês; bebida alcoólica resultante da destilação de vinho. Existe a forma aportuguesada “conhaque”.

Conto 22

enragé: do francês; enraivecido ou furioso.

Conto 23

corbeille de mariée: do francês; cesta com presentes preciosos dado pelo noivo à noiva no ato judicial do casamento (assinatura matrimonial).

gentleman: do inglês; substantivo masculino que significa homem distinto, educado, gentil.

steppes: do inglês; forma plural de “steppe”, “estepe”, vegetação típica de regiões secas e frias.

Conto 24

chic: Ver definição no conto 21.

toilette: Ver definição no conto 1.

Conto 25

à la haute gomme: Expressão francesa utilizada para identificar o mundo da alta sociedade ou dos círculos de pessoas elegantes.

in totum: Do latim; locução adverbial que significa “completamente” ou “no todo”.

soirée: Ver definição no conto 6.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

ÍNDICE DE INDIVÍDUOS CITADOS

Antínoo, 20
Beethoven, Ludwig van, 11
Bernhardt, Sarah, 22
Chopin, Frédéric, 11
Crespo, Gonçalves, 10
Dumas, Alexandre (filho), 1
Feuillet, Octave, 12, 23
Frineia (Friné), 1
Gauckler, Philippe Gaspard, 20
Gauthier, Margarida, 1
Gonçalves Dias, 12
Guillotín, Joseph-Ignace, 4
Heine, Henri, 10
Jesus Cristo (Nazareno), 4, 7, 20
Madalena, Maria 20
Ménard, Louis 20
Pimentel, Serpa, 4
Sand, George, 2, 6
Sandeau, Jules 23
Trio de Roselin, 12

ÍNDICE DE LUGARES CITADOS

- Áustria, 1
Baden, 20
Bélgica, 1
Brasil, 1, 20
Campo de Santana (Atual Praça da República no Rio de Janeiro), 15
Daury, Hotel, 15
Europa, 1, 20, 21, 23
França, 4, 23
Largo do Rocio (Atual Praça Tiradentes no Rio de Janeiro), 1
Montevideú, 4
Museu do Vaticano, 20
Panthéon, 25
Paris, 1, 2, 3
Portugal, 4
Rio de Janeiro (Corte do/Capital Federal) 1, 5, 23, 25
Rússia, 1, 23
São Paulo, 25
Sintra, 4

ÍNDICE DE OBRAS CITADAS

Aida, 5

Apolo de Belvedere, 1

Ária de Mignon, 11

Atala, 13

Fauno em repouso, 20

Fedra, 20

Gênesis (Bíblia), 25

Indiana, 6

Le Cheveu Blanc, 12

Medeia, 23

O Belo e sua História (Le Beau et son Histoire), 20

Traviata, 5

Valentina, 6

BIOGRAFIA DOS EDITORES

ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA

Associate Professor in Brazilian Studies, University College London (UCL). É mestre em teoria e história literária pela Unicamp, mestre em literatura europeia e doutora em letras modernas pela Universidade de Oxford. Sua pesquisa tem foco na relação entre os processos criativos de um texto, seu gênero e meios de publicação, e na circulação de ideias entre a Europa e o Brasil através da imprensa. Publicou livros, artigos, capítulos de livros sobre literatura brasileira, tradução, moda e imprensa, entre os quais *Machado de Assis: do folhetim ao livro* (2015), *The Cultural Revolution of the 19th Century: Theatre, the Book-Trade, and Reading in the Transatlantic World* (ed, 2016, com Marcia Abreu), *The Foreign Political Press in Nineteenth-Century London: Politics from a Distance* (ed., com Constance Bantman, 2017), “The Elegy of Dom Casmurro” (2018), “Esaú e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam” (2019), “Os contos de Machado de Assis: Periodicidade e ficção no Brasil no século XIX” (2019), *Comparative Perspectives on the Rise of the Brazilian Novel* (ed., com Sandra Vasconcelos, 2020), “As múltiplas leituras e traduções de ‘Tratantes’ de Ana Maria Machado” (2021) e o primeiro volume desta coleção, *Maria Amalia Vaz de Carvalho: conversas lisbonenses e outros escritos (1884-1889)* (ed., com Tania Regina de Luca, 2022). É coordenadora do projeto CNPq Universal “É preciso falar sobre as ausentes: a colaboração feminina no jornal *O Paiz*” (com Tania Regina de Luca) e do SELCS Brazilian Translation Club, uma série de oficinas de tradução que tem como objetivo divulgar a literatura brasileira no mundo anglófono.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1617-2504>

ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO

Professor Livre Docente de Sociologia Geral da área de Pensamento Social e Educação, do Departamento de Ciências Sociais na Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp: 1998-2001); Mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo (USP:2003-2005); Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo (USP:2008-2012), com estágio de pesquisa na Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (2010-2011); Pós-doutorado em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp: 2013-2014); Especialização em Saúde Mental e Especialização em Psicoterapias Psicanalíticas, Centro de Formação e Assistência à Saúde Mental (Cefas: 2018-2019); Membro Filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP: 2020). Coordenador do Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise (LECHESP/FE-UNICAMP); e dos Projetos: É preciso falar sobre as ausentes: mulheres cronistas na imprensa oitocentista (pesquisa em acervos)/CNPq/SAE-BAEF-UNICAMP; O rosto da medusa: escritas femininas dentro da clínica e do discurso público psicanalítico contemporâneo (São Paulo, Londres e Paris, passado e presente)/SAE-BAEF/UNICAMP e Raymond Williams e Donald Winnicott: sobre formar e cuidar de sobreviventes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1684-3611>

